



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

FRANCISCO TAVARES SANCHES

**O Desafio das Seitas
no quadro pastoral da Igreja em Cabo Verde**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor José Jacinto Ferreira de Farias

Lisboa
2014

A fé católica de muitos povos encontra-se hoje perante o desafio da proliferação de novos movimentos religiosos, alguns tendentes ao fundamentalismo e outros que parecem propor uma espiritualidade sem Deus. Isto, por um lado, é o resultado duma reacção humana contra a sociedade materialista, consumista e individualista e, por outro, um aproveitamento das carências da população que vive nas periferias e zonas pobres, sobrevive no meio de grandes preocupações humanas e procura soluções imediatas para as suas necessidades. Estes movimentos religiosos, que se caracterizam pela sua penetração subtil, vêm colmar, dentro do individualismo reinante, um vazio deixado pelo racionalismo secularista. Além disso, é necessário reconhecer que, se uma parte do nosso povo baptizado não sente a sua pertença à Igreja, isso deve-se também à existência de estruturas com clima pouco acolhedor nalgumas das nossas paróquias e comunidades, ou à atitude burocrática com que se dá resposta aos problemas, simples ou complexos, da vida dos nossos povos. Em muitas partes, predomina o aspecto administrativo sobre o pastoral, bem como uma sacramentalização sem outras formas de evangelização (Papa Francisco *in Evangelii Gaudium* 63).

Abreviaturas, Siglas e Temas

1. Livros da Sagrada Escritura

AT – Antigo Testamento

Dn – Profeta Daniel

Dt – Deuteronomio

Ex – Êxodo

Ez – Profeta Ezequiel

Gn – Génesis

Is – Profeta Isaías

Ml – Malaquias

Nm – Números

Sl - Salmos

1Sam – 1º livro de Samuel

Tb – Tobias

NT – Novo Testamento

Act – Actos dos Apóstolos

Ap – Apocalipse de João

Cl – Carta aos Colossenses

1 Cor – 1.ª Carta aos Coríntios

2 Cor – 2.ª Carta aos Coríntios

Gl – Carta aos Gálatas

Heb – Carta aos Hebreus

Jo – Evangelho São João

Lc – Evangelho São Lucas

Mc – Evangelho São Marcos

Mt – Evangelho São Mateus

2 Pe – 2.ª Carta de São Pedro

Rm – Carta aos Romanos

2 Ts – 2.ª Carta aos Tessalonicenses

2. Outros/Temas

a.C. – antes de Cristo

cf. – conferir

d.C. - depois de Cristo

DEB – Dicionário Enciclopédico da Bíblia

Desafios das seitas

Dízimos/ofertas

Domingo

DPAC – Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs

NMR – Novos Movimentos Religiosos

Reino de Deus

Sábado

Seitas, culto, seitas destrutivas

ss – seguintes

SC- *Sanctorum Communio* (D. Boenhoeffer)

Tradição Apostólica

§ - número da encíclica, catecismo/cânone

3. Manifestação Religiosa

ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

IGREJA CATÓLICA/IGREJA EM CABO VERDE

IURD - IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

INTRODUÇÃO

Esta dissertação cujo título é: **O desafio das Seitas no quadro pastoral da Igreja de Cabo Verde**, surgiu primeiro que tudo como um desafio à minha própria pessoa em estudar a problemática das seitas, visto que, na minha adolescência, me vinha debatendo com esta questão. Recordo que o meu professor de Formação Pessoal e Social era Testemunha de Jeová e ia-me confrontando com as verdades bíblicas. Ficava sem grandes argumentos, até que um amigo meu, senhor Custódio Lopes, me emprestou um livro intitulado *As Testemunhas de Jeová, confrontadas com a verdadeira Bíblia*, do autor Giuseppe Crocetti. Este livro refutava claramente as grandes teses das Testemunhas de Jeová com fundamentos bíblicos, e surgiu então em mim um forte desejo de poder ajudar os meus irmãos católicos a se protegerem das ciladas das seitas e manterem sempre acesa a sua fé.

E neste sentido, esta dissertação é feita a pensar a partir da realidade da Igreja em Cabo Verde, que vai sendo o palco de recepção sem precedentes de vários movimentos religiosos e seitas cristãs que não param de crescer, levantando sérios desafios à Igreja, à sociedade e às famílias. Pretende ser também um contributo para toda a Igreja a fim de reflectir na sua forma de pregar a Palavra de Deus e instruir os fiéis nela, para que não se deixem levar pela pregação bíblicista das seitas cristãs.

A escolha de abordar três movimentos religiosos¹ é motivada não tanto pelo número dos membros, mas pelo impacto religioso e social que têm tido, e por apresentar caminhos desafiadores para o nosso tempo, sobretudo no aspecto de reflexão teológica deformada e de um proselitismo agressivo e destruidor. Praticamente todas as pessoas já ouviram falar das Testemunhas de Jeová devido ao seu método rigoroso no

¹ As Testemunhas de Jeová; Os Adventistas do Sétimo Dia e a Igreja Universal do Reino de Deus.

proselitismo, da questão do nome de Deus e da negação da transfusão de sangue; a maioria das pessoas já ouviu também falar dos Adventistas do Sétimo Dia, pela observância sabática e rigor na dieta alimentar; e ouviram falar certamente do bispo Edir Macedo, o fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, e a sua grande ênfase no tema dos dízimos e das ofertas. Foi por este imediatismo que, em parte, nos propusemos abordar estes movimentos e não outros, como por exemplo o Racionalismo Cristão que está a marcar fortemente a sua presença em Cabo Verde, com exceção na ilha da Brava.

A presente dissertação apresenta cinco capítulos.

No primeiro capítulo temos como título **Uma aproximação Conceptual**, onde levantaremos a problemática dos conceitos e a necessidade em encontrar outros termos mais adequados na descrição dos fenómenos religiosos, não nos limitando apenas a um modelo dicotómico «Igreja-seita», que é insuficiente. Sendo assim, procuraremos responder neste primeiro capítulo a perguntas tais como: O que é uma seita? Qual é a diferença existente entre uma seita e uma igreja? É justo classificar todos os movimentos religiosos como seitas? Que importância têm os termos *novos movimentos religiosos* (NMR), *cultos* na descrição do fenómeno religioso? Procuraremos dar as respostas a estas perguntas mostrando que a problemática dos conceitos constitui uma questão fundamental na classificação e compreensão das seitas.

No segundo capítulo apresentamos o tema: **As Testemunhas de Jeová: o Reino de Deus**. Procuramos fazer uma breve descrição, no qual falaremos do seu surgimento histórico, que começou com Charles Taze Russel, em 1878. Contudo será Rutherford a dinamizar e organizar de uma forma estruturada e doutrinalmente a Sociedade. Suceder-lhe-ão outros presidentes que não deixarão de marcar datas para o fim do mundo, dando uma interpretação particular da Sagrada Escritura em proveito da sociedade. Na própria

descrição histórica que fazemos, sobressai uma certa posição maquiavélica das testemunhas a favor da sua instituição, bem como uma incongruência constante no seu modo de pregar falsas profecias.

Na segunda parte do mesmo capítulo, a discussão central é sobre o reino de Deus e o ano de 1914, que significa para as testemunhas um ano de instauração do governo de Deus nas mãos de Cristo. O cerne deste ponto é refutarmos também algumas consequências inerentes daquele ano, que as testemunhas aceitam como verdades de fé, nomeadamente: a expulsão de Satanás e os seus anjos para a terra (Ap 12, 9), que resulta como primeiro acto de Jesus como Rei celestial; a ressurreição realizada de alguns mortos dentre os quais os apóstolos, os cristãos primitivos e os fiéis cristãos ungidos das testemunhas. Esta fé «jeovista» contraria a fé cristã quando afirma que todos os homens que já morreram, inclusive os apóstolos, aguardam a ressurreição final. Nesta segunda parte do segundo capítulo vamos procurar responder a algumas questões tais como: Como apareceu o ano de 1914 na teologia «jeovista»? Que perspectivas e consequências estão por detrás desta teologia?

No terceiro capítulo propomo-nos estudar **Os Adventistas do Sétimo Dia: o Sábado**, sem pretensão de abordar outros ramos adventistas. Pretendemos abordar a sua origem histórica, recordando o importantíssimo papel de Ellen White na reconstrução do movimento adventista do sétimo dia (1863), que tinha sido iniciado com William Miller nos Estados Unidos da América, em 1818. É ainda nossa preocupação neste capítulo explicar aos adventistas as razões que levaram a Igreja a adoptar a celebração dominical em lugar do sábado judaico (eles acusam a Igreja de incorporá-lo meramente por um sentimento antijudaico), sem contudo menosprezar a teologia sabática veterotestamentária e o seu significado nos adventistas do sétimo dia.

No quarto capítulo, tem lugar a reflexão **A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): os Dízimos e as Ofertas**. Teremos presente também a sua origem histórica, bem como o debate teológico-bíblico sobre os dízimos e as ofertas, que a IURD tanto ama e estima. Mostraremos que há uma incongruência da teologia da prosperidade consequente dos dízimos e das ofertas, que os pastores pedem e exigem junto dos seus adeptos. De igual forma também iremos apresentar a concepção da Igreja Católica sobre estes dois elementos teológicos evocados pela IURD, que, para a Igreja, se traduz na solidariedade e caridade cristã.

Finalmente, no quinto capítulo, propomo-nos reflectir na **Resposta Pastoral da Igreja: O caso da Igreja em Santiago de Cabo Verde**. Este capítulo tem por objectivo ser pastoral apresentando o sentir da Igreja universal perante o desafio das seitas (primeira parte) e o sentir da Igreja de Santiago diante da presença de algumas seitas cristãs em Cabo Verde, olhando para a sua reacção pastoral face ao desafio que elas se levantam (segunda parte).

CAPÍTULO PRIMEIRO

UMA APROXIMAÇÃO CONCEPTUAL

Neste capítulo propomo-nos clarificar alguns conceitos à volta da terminologia relativa às seitas, e encontrar um termo rigoroso que envolva as várias vivências religiosas. Classificar todas as manifestações religiosas não cristãs ou não católicas como seitas é sermos injustos com estas igrejas/grupos e colocarmo-nos numa posição exclusivista e não consentânea com a sua própria verdade.

Mostraremos neste capítulo a dificuldade em encontrar um termo preciso para descrever alguns grupos religiosos. O termo seita por si só não basta, pois associado a este termo teremos outros como: novos movimentos religiosos (NMR), culto, seitas destrutivas; movimentos totalitários, que nos ajudam a melhor classificar os fenómenos religiosos que vão surgindo dia-após-dia.

1.1. A problemática dos conceitos

As seitas são um mundo complexo e nem sempre é fácil traduzir a sua essência, pois cada grupo tem o seu *ethos*, a sua vida, a sua liturgia, entendida no sentido mais amplo, e a sua visão de entender o mundo do fenómeno religioso².

Podemos fazer a pergunta da especialista em estudos das seitas e dos novos movimentos religiosos (NMR), Teresa Gonçalves, que trabalha ligada ao *Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso*: existirá um termo único, bastante universal, que não exprima um juízo apriorístico de valor? Poder-se-á falar de todos como sendo «novas religiões» ou «novos movimentos religiosos» ou «seitas», «cultos», como no

² Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas. Panorâmica da nova religiosidade marginal* (Navarra: Editorial Verbo Divino Estella, Sd) 5.

mundo anglo-saxónico?³ A resposta parece ser não. Estas perguntas vão acompanhar-nos neste estudo, ao termos presentes alguns elementos na definição das seitas.

Começamos por ver a perspectiva de César Vidal Manzanares, que procura definir as seitas baseando-se em quatro definições.

A primeira definição parte da terminologia, afirmando que as «seitas» têm a sua origem do latim «sectare», que significa cortar, partir, pressupondo uma separação, cisão de um outro possível movimento ou de um tronco. A segunda definição vê as seitas como um grupo mais pequeno do que as grandes igrejas e onde se manifesta entre os membros sectários um forte laço de união e de pertença. A terceira posição define-as como um movimento que nega algumas das verdades fundamentais do cristianismo, comuns às igrejas cristãs (Católica, Luterana, Anglicana, Reformada, Ortodoxa, etc.), nomeadamente negando estas verdades da revelação: «mistério trinitário; a imortalidade da alma, a existência do inferno, a não existência de uma revelação geral posterior a Cristo, etc.»⁴. A posição vai no sentido de encontrar os traços colectivos e característicos das seitas, a saber:

Organização piramidal; submissão incondicional ao dirigente ou corpo director; ausência de crítica interna; prossecução de objectivos políticos e/ ou económicos ligados aos religiosos, filosóficos ou espirituais; instrumentalização dos adeptos para os fins da seita; ausência de controlo ou fiscalização do colectivo por conta de um outro poder religioso ou filosófico superior à autoridade do mesmo⁵.

³ T. O, GONÇALVES, *À espera de uma “nova era” (New Age): Os percursos alternativos da religiosidade* (Gráfica de Coimbra 2007) 17.

⁴ Cf. C. MANZANARES, *Diccionario de Sectas y Ocultismo* (Navarra: Editorial Verbo Divino 1991) 207-208.

⁵ C. MANZANARES, *Diccionario de Sectas y Ocultismo* 207 - 208.

Segundo Alain Woodrow, as seitas podem ser consideradas a partir de duas perspectivas: uma religiosa nitidamente pejorativa e uma outra sociológica, não pejorativa. Religiosamente e por oposição à Igreja, a palavra seita designa a separação de um pequeno grupo que organiza os discípulos em torno de um líder ou de um mestre herético. Porém, na perspectiva sociológica, ela não manifesta nenhum tom de desprezo para designar um agrupamento de membros voluntários que partilham a mesma crença religiosa⁶. Esta mesma pertença religiosa surge muitas vezes em oposição à sociedade e separada do meio ambiente, constituída por pessoas que apresentam alguns traços de sua vida: angústia, revolta, sentido para a vida, procura do sentir-se bem consigo mesmo – a resposta para a ansiedade humana. Esta procura tende a aumentar cada vez mais devido à falta de respostas que a própria sociedade e a Igreja não conseguem dar muitas vezes, o que leva conseqüentemente a haver um certo sectarismo, numa procura de construção de uma personalidade sadia, sã e equilibrada, por vezes fugindo e evitando tudo aquilo que possa diminuir uma sensação positiva e sentida no coração do homem.

Neste sentido pode dizer-se que a noção de seita se delimita em relação a uma instituição já existente, a “Igreja”. Assim, por oposição à Igreja, seita significa um pequeno grupo separatista, que à sua volta reúne os discípulos de um mestre herético⁷.

Nesta perspectiva, o especialista Pedro Santidrián⁸ define as seitas como um grupo sectário cuja espiritualidade específica é pura e para os puros e exclusivamente para os eleitos. Os membros consideram-se frequentemente perseguidos e têm a convicção de ter sempre razão sobretudo contra a autoridade. Fecham-se em si próprios

⁶ Cf. A. WOODROW, *As novas Seitas (Os Meninos de Deus, Moonistas, Devotos de Krisshna, Testemunhas de Jeová, Igreja de Cientologia, etc.)* (Lisboa: Edições Paulistas 1979) 10.

⁷ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 13.

⁸ P-R. SANTIDRIÁN, *Dicionário básico das religiões* (Editorial Verbo Divino, Sd).

e mostram a falta de interesse pela multidão anónima, não escondendo o seu juízo rígido e de desprezo⁹.

Pedro Santidrián reconhece que há muitas tipologias de seitas. E apresenta as seguintes seis: 1º *Fundamentalistas* são aquelas que se inspiram nos movimentos de santidade e fazem uma leitura literal do Evangelho; o seu objectivo é converter as massas. 2º *Pentecostais* são aquelas que se inspiram no carisma do Espírito Santo e insistem no Baptismo do Espírito, nos carismas e na emotividade. As Assembleias de Deus entram neste grupo. 3º *Revolucionários* são aqueles que esperam da fé uma transformação total pela chegada de Cristo, e são os Adventistas e Testemunhas de Jeová. 4º *Introversionistas* que vêem o mundo negativamente por ser mau, daí a necessidade de se afastar dele. É um movimento do despertar, centrando-se unicamente e exclusivamente à volta de Cristo e não da Igreja. Os carbistas são um dos grupos que fazem parte desta categoria. 5º *Manipuladores*. Acentuam a felicidade, a riqueza e a saúde. Exemplo de alguns deles: Rosacruz, Christian Science, Cientologia. 6º *Taumatúrgicos, reformistas e utópicos*. São eles: os Espiritistas, Quáqueres, Meninos de Deus, Pentecostais, Nova Era, Aquário, etc¹⁰.

Uma das atitudes fortemente diferenciais que demarca a Igreja da seita é a atitude «ecuménica», ou seja, as Igrejas são ecuménicas e as seitas são anatematizantes. As seitas afirmam através da sua doutrina relativamente às Igrejas e à sociedade: *Extra secta non est salus* (fora da seita não há salvação), como se diz por exemplo a respeito da Igreja. Recusam toda a possibilidade de diálogo pois afirmam que os credos de outras igrejas constituem uma verdadeira traição à Sagrada Escritura¹¹.

⁹ Cf. P-R. SANTIDRIÁN, *Dicionário básico das religiões* 492.

¹⁰ Cf. P-R. SANTIDRIÁN, *Dicionário básico das religiões* 493.

¹¹ Cf. A. ALAIZ, *A Sedução das Seitas* (Braga: AO 1998) 56.

1.1.1. Aproximação à realidade da seita

Uma vez que o termo «seita» é muito ambíguo e pejorativo na descrição deste fenómeno, vamos percorrer alguns termos que os sociólogos da religião e os teólogos elaboraram para falar de seita, não com uma atitude de «luta apologética», mas como uma atitude ecuménica, no sentido de respeitar o diferente e ser capaz de dialogar. E vamos primeiramente debruçarmo-nos na perspectiva sociológica, para vermos alguns termos usados, que nem sempre se encaixam dentro do termo clássico «seita».

É já conhecido o modelo de contraposição «Igreja-seita», que aqui é mencionado, por nós, como o primeiro modelo, defendido por Max Weber e Ernst Troeltsch. Esta contraposição «Igreja-seita» está inserida na categoria clássica sociológica no modo de falar de uma certa realidade religiosa, onde na análise sociológica, todos os grupos aparecem identificados como «seita» ou como «Igreja», pois ambas as realidades são estudadas dialecticamente, ou seja, cada um destes termos se define em relação ao outro, pelo que definir um sem ter presente o outro tornar-se-á empobrecedor para ambos. Portanto, se a seita se define por um grupo pequeno numericamente, a Igreja pelo contrário define-se logicamente por uma comunidade numerosa e multitudinária; se a seita tem uma estrutura fechada, a Igreja tem uma estrutura aberta; se a seita não aspira à universalidade e não dialoga com o mundo, a Igreja, porém, é universal e tem consciência da sua presença no mundo, portanto, aberta ao diálogo e muito flexível com os seus membros, não lhes exigindo a estrita observância das suas normas, diferentemente das seitas¹².

Não obstante o contributo de Weber e Troeltsch, alguns autores perceberam que o modelo «Igreja-seita» é limitado por um contexto histórico e social na formulação de uma definição de seita. Este modelo justifica-se, isto é, torna-se coerente no contexto

¹² Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 17.

europeu, quando os grupos denominados «seitas» têm como referência uma Igreja reconhecida. Por outro lado, não se é coerente em outros contextos, quando por várias razões não há uma Igreja reconhecida e ou privilegiada; daí tornar-se sociologicamente inadequado falar do binómio «Igreja-seita». Um exemplo de que este modelo é inadequado em certo contexto, é o caso dos mórmones. Nos Estados Unidos da América, particularmente no estado de Utah, eles formam uma grande maioria, e não são vistos em relação a uma Igreja instituída, contrariamente àquilo que se passa na Europa, onde é observado o modelo «Igreja-seita», e se considerem os mórmones como seita¹³.

Devido à falta de rigor, o primeiro modelo, pela crítica que recebeu, mostrou-se limitado e insuficiente na definição de seita. Daí que pareça necessário, a partir de novas realidades, pensar-se num segundo modelo¹⁴, em que se possa pensar em novos termos que abrangem realidades diferentes do fenómeno religioso. Neste sentido, nos países de grande pluralismo religioso, deu-se uma grande explosão de novos termos para designar este vasto mundo de tipo religioso¹⁵. Assim temos algumas variadas terminologias como resposta de um segundo modelo plural diferente do modelo binómio «Igreja-seita»:

Cultos ou Novos Cultos; Seitas de Jovens; Movimentos Totalitários; Novos Movimentos Religiosos (abreviado para NMR); Religiões Alternativas; Religiões Supletivas; Seitas destruidoras; Seitas Conflituosas¹⁶.

¹³ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 17.

¹⁴ A denominação numérica de modelos foi inventada apenas no sentido de organizarmos os debates dos modelos.

¹⁵ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 17.

¹⁶ J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 17.

O certo é que ainda estes termos (segundo modelo) não explicam na totalidade o fenómeno sectário, embora desvelem e apresentem uma nova forma de aproximação ao mesmo fenómeno, sem contudo, não raras vezes, retirar uma interpretação moralmente depreciativa e pejorativa¹⁷. Daí a evocação de ser mais uma vez urgente criar um modelo mais coerente e rigoroso na definição de seita, pois o uso inadequado dos termos deixar-nos-á ainda mais confusos; conseqüentemente, somos levados a cometer uma grande injustiça perante este mundo sectário-religioso que estamos a estudar. Nesta lógica, surge o imperativo categórico, no sentido de darmos mais atenção ao problema da terminologia, que não pode ser considerado um problema menor, pois em conformidade com o ditado popular, “*quem não distingue, confunde*”, e não queremos correr esse risco. A preocupação primária em definir os conceitos tem sido da responsabilidade dos escolásticos antes de apresentar o *corpus* da questão. Nós, também, pretendemos definir os conceitos para não cairmos na ingenuidade de “*meter tudo no mesmo saco*”, como diz o ditado. É neste sentido que vamos continuar a desenvolver o problema da terminologia.

1.1.2. A questão da terminologia

Para colmatar a insuficiência de linguagem, propomos descrever agora três dos termos mais frequentemente utilizados pelos especialistas na descrição deste fenómeno religioso ou *pseudo-religioso*: «culto; novo movimento religioso e seita destruidora».

¹⁷ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 17-18.

1.1.3. Culto (Cult ou New cult)

É um termo de origem anglo-saxónico e usa-se exclusivamente para se referir a um determinado tipo de família sectária. É definido ainda como uma manifestação privada da religiosidade em grupos, sem uma preocupação de ordem social, procurando a satisfação da necessidade espiritual do indivíduo. No culto há uma relação de espontaneidade sem estruturas de organização, nem líderes carismáticos. Não pretende, pois, ainda assumir nenhuma tradição de um credo anterior. Donde, neste sentido é inovador ao criar a sua própria tradição, correndo o risco apenas de uma dissolução mais rápida do que as outras formas sectárias, uma vez que não tem «as estruturas mínimas que fazem perdurar qualquer grupo humano». Porém, Bosch apresenta algumas características do significado de culto, segundo as ideias de J. François Mayer: o culto designa um grupo claramente desligado da corrente religiosa dominante, visto mais como um processo de inovação do que de separação propriamente dito¹⁸.

1.1.4. Novos Movimentos Religiosos

A expressão «novos movimentos religiosos» está a ser assumida pela maioria dos especialistas para descrever grupos sectários concretos, recentemente surgidos no ocidente, e permite distingui-los por um lado de grupos chamados como «seitas clássicas», e por outro lado, dos chamados «cultos»; esta expressão é mais aceite do que a categoria «Igreja-seita», por ser ideologicamente neutro e sem formulações pejorativas que os acompanhem. É também usado em alguns textos eclesiais. Os sinónimos usados frequentemente ao lado dos NMR são os seguintes: novos grupos religiosos e grupos

¹⁸ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 19.

religiosos contemporâneos, «empregados na documentação de diversos episcopados latino-americanos»¹⁹.

Com referência ao *background* do sistema de conhecimento de fundo que parece explicar um NMR, podemos distinguir quatro tipos:

a) Aqueles que recusam o papel da Igreja: “Cristo sim, Igreja não”

Estes movimentos inspiram-se simultaneamente nas culturas hebraica e cristã, e são dissidentes das Igrejas cristãs. Caracterizam-se pelo recurso fundamentalista, literal, e pela interpretação de modo parcial da Bíblia de uma forma entusiasta, mas intolerante para com os outros grupos. A teologia milenarista, isto é, sobre o fim dos tempos, acompanha-os constantemente, como também o suposto primado dado à inspiração individual. Encontramos alguns grupos como as Testemunhas de Jeová e os Mórmons que apresentam uma doutrina muito diferente da doutrina católica, porque os seus fundadores consideram receber de Deus revelações que aperfeiçoaram a doutrina cristã. Outros grupos, como os neopentecostais e os fundamentalistas protestantes, diferem muito do catolicismo, porque são grupos autónomos, admitindo uma *ecclesia* exclusivamente espiritual; e alguns adoptam uma atitude sectária, proselitista e agressiva²⁰.

b) Aqueles que recusam o papel de Cristo: “Deus sim, Cristo não”

São grupos de inspiração oriental que de alguma forma se deixaram influenciar pelo hinduísmo, o budismo e por vezes o sufismo islâmico²¹. Dão muita primazia a uma experiência interior do divino, rodeados de mestres que possuem os segredos de um

¹⁹ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 19.

²⁰ Cf. T. O, GONÇALVES, *À espera de uma “nova era” (New Age)* 103-104.

²¹ «Corrente ascética e mística muçulmana, que se afirmou nos séculos VIII-X, mediante a qual o seguidor de Allá estabelece um contacto directo com a divindade», in T. O, Gonçalves, do livro citado.

conhecimento libertador. Falam de Cristo como um grande profeta ou um mestre entre muitos outros. Geralmente não acreditam num Deus transcendente e pessoal. Estes são alguns destes grupos: Hare Krishna, Meditação Transcendental, Brahma Kumaris, Soka Gakkai, Mahikari, Sai Baba, etc. Podemos juntar a estes os movimentos de carácter sincretista como a Igreja da Unificação fundada pelo coreano Sun Myung Moon; a Sociedade Teosófica; a Antroposofia, e os movimentos afro-brasileiros (Umbanda, Candomblé)²². Alguns deles assumem elementos, de modo sincretista, do cristianismo.

c) Aqueles que recusam o papel de Deus: “religião sim, Deus não”

Este aspecto parece contraditório, mas quer significar que há uma série de NMR que se esforça por ser reconhecido como religioso, mas que na realidade nega Deus ou diz que este desempenha um papel secundário, irrelevante. São o caso, por exemplo, da Igreja da Cientologia, cuja proposta assenta em «sessões de esclarecimentos» para ajudar as pessoas a se tornarem mais responsáveis com o domínio de si, a fim de dominarem o espaço, o tempo e a matéria, até ao contacto com o Ser Supremo; é o caso também das «religiões dos discos voadores» e de movimentos semelhantes com primazia numa base psicológica e terapêutica²³.

d) Aqueles que recusam o papel da religião: “sagrado sim, religioso não”

Estes movimentos dão muita importância à magia pelo que rigorosamente não se deveriam chamar «religiosos». Contudo há uma ligação com o sagrado, que pode ser dúbia acerca da sua verdadeira identidade. A diferença está em que o homem religioso se predispõe a acolher o sagrado, em atitude de gratuidade; e o homem mágico usa a magia como meio de manipular o sagrado a fim de adquirir poderes. Estas são algumas formas desta reacção manipuladora da realidade: esoterismo e ocultismo, espiritismo,

²² Cf. T. O, GONÇALVES, *À espera de uma “nova era” (New Age)* 104.

²³ Cf. T. O, GONÇALVES, *À espera de uma “nova era” (New Age)* 105.

magia iniciática e cerimonial como a *Rosa Cruz* e até à bruxaria e ao satanismo. Chegamos deste modo às antípodas do cristianismo, até à exaltação de Anticristo. Procura-se um caminho fácil sem grandes sacrifícios. É a proposta do tentador: resolver todos os problemas de cada dia sem a relação com Deus e o seu sentido da cruz cristã. Então as Bem-aventuranças são alteradas: «Felizes os fortes, porque dominarão a terra; felizes os audazes, porque serão os senhores do mundo; felizes aqueles que desafiam a morte, porque viverão para sempre; felizes os destruidores de falsas esperanças, porque são os verdadeiros Messias...»²⁴.

Jean François Mayer faz uma reflexão interessante, afirmando que os NMR têm-se desenvolvido, desde há trinta anos. Observou que a maioria deles não é cristã e muitas vezes não ocidental. Com isto, ele quer afirmar que não faz sentido analisar os movimentos que não são cristãos, a partir da visão cristã, a partir do modelo «Igreja-seita», muito limitado ao estudo cristão. E é, também, injusto catalogar esses movimentos numa categoria única: NMR. E o mesmo autor apresenta-nos dois exemplos de movimentos com a sua variedade cultural, religiosa e tradições próprias: os devotos de Krixna e os «pratinhos voadores», que constituem fenómenos de inovação religiosa recente²⁵.

Em resposta a esta tese, podemos afirmar que ela padece de algumas imperfeições de linguagem e que não traduz com precisão a realidade dos fenómenos religiosos. Além disso, as palavras «*novo* e *religioso*» foram muito discutidas. Novo não significa necessariamente à data da sua origem, mas à data da sua difusão numa determinada zona geográfica. É o caso por exemplo de Hare Krixna ou Soka Gakkai, vistos como

²⁴ Cf. *Da Satanic Bible* de Anton Szandor La Vey cit in T. O, GONÇALVES, *À espera de uma "nova era" (New Age)* 105-106.

²⁵ Cf. J-F. MAYER, *Les Sectes: Non-conformismes Chrétiens et Nouvelles Religions* (Paris: Cerf 1985).

NMR, mas que na verdade as suas fontes inspiradoras remontam «a crenças seculares hindus e japonesas, embora tenham aparecido recentemente no Ocidente»²⁶.

Alguns dos movimentos são chamados «novos» não porque apareceram na sua forma actual a partir do final da segunda guerra mundial, mas porque aparecem como respostas alternativas às religiões e igrejas institucionais e às culturas dominantes. São chamados «religiosos», porque pretendem transmitir uma visão religiosa e sagrada da realidade que envolve o ser humano ou propõe os fins espirituais transcendentais ao homem ou procuram oferecer respostas aos seus adeptos sobre as questões fundamentais do sentido da vida²⁷.

E aqui a expressão «religioso» também traz consigo algumas dificuldades de compreensão, porque nem sempre é adequada nalguns grupos a que se aplica, como Meditação Transcendental ou Nova Acrópole, negam explicitamente o valor do religioso. Além disso, alguns autores transportam a expressão NMR mais para «grupos *pseudo-religiosos*» do que grupos «religiosos», defendendo que se possa falar com mais propriedade²⁸.

Diante da dificuldade em se encontrar um termo preciso aceite por todos, o documento do cardeal Arinze apela para a recta atitude em adoptar um termo mais preciso e imparcial possível; e tratar esses grupos com respeito e verdade, evitando atribuir a todos certos aspectos negativos que podem ser encontrados só em alguns deles. Afirma ainda que não é aceitável aplicar a palavra «seitas» a todos os grupos que não estão de acordo com uma Igreja maioritária ou uma família religiosa. Neste sentido,

²⁶ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 20.

²⁷ Cf. Card. F. ARINZE, *La sfida delle sette o nuovi movimenti religiosi: un approccio pastorale* (Relazione generale al Concistoro Straordinario del 1991), in <http://grisfirenze.altervista.org/Studi/studio08.html>.

²⁸ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 20.

as comunidades eclesiais protestantes que se separaram da Igreja Católica no séc. XVI não podem ser chamadas seitas. E pode haver algum desacordo no modo de chamar os grupos neopentecostais e evangélicos fundamentalistas, especialmente aqueles que adoptam posições sectárias²⁹.

1.1.5. Seitas destrutivas ou Movimentos totalitários

Esta expressão qualifica alguns dos grupos socialmente rejeitados, por usarem certos métodos duvidosos, danosos e procedimentos conflituosos. E estes são alguns dos sinónimos com a expressão em estudo: movimentos totalitários, seitas de jovens (principalmente na Alemanha: Jugendreligionen) e movimentos *pseudo-religiosos* totalitários. Estes movimentos foram analisados pormenorizadamente no congresso de Wisconsin, nos Estados Unidos, no ano 1985, e as suas características, em parte, são as suas práticas prejudiciais às pessoas, famílias, governos, etc»³⁰. Passaremos, pois, a analisar algumas dessas práticas mais à frente.

1.1.6. Outras classificações

Atilano faz uma classificação das seitas segundo a forma ideológica do seguinte modo: seitas filosóficas, esotéricas, ecologistas, ufológicas, naturistas e satânicas. A divisão global e lógica que propõe é a seguinte: seitas pseudocristãs, orientalistas, esotéricas e satânicas. As seitas pseudocristãs ou apocalípticas são de tendência cristã e messiânica, pautando-se por uma leitura fundamentalista da Bíblia, sendo as mais fundamentalistas:

²⁹ Cf. Cf. Card. F. ARINZE, *La sfida delle sette o nuovi movimenti religiosi: un approccio pastorale*.

³⁰ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 20-21.

As Testemunhas de Jeová, A Família do Amor (Os Meninos de Deus), a Igreja dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons), a Igreja da Unificação do Cristianismo Mundial (Moon), os Adventistas do Sétimo Dia, a Igreja de Cristo Cientista (Ciência Cristã) e o Palmar de Troya³¹.

Não vamos caracterizar as seitas esotéricas e as orientais, uma vez que a preocupação desta dissertação é centrar-se mais nos grupos cristãos. Somente vamos falar um pouco das seitas satânicas que são desconhecidas para muita gente e que constituem também um grande perigo para a Igreja, para a sociedade e sobretudo para os adeptos. As seitas satânicas caracterizam-se pelo culto ao demónio nas suas diversas formas: Lúcifer, Satanás ou Belzebu. Contudo, as mais perigosas são aquelas que celebram a liturgia cruenta de seres humanos, especialmente de crianças. Só na Espanha por exemplo, considera-se que há por volta de quarenta seitas satânicas identificadas, e algumas mais não identificadas, que destroem os indivíduos, as famílias, permanecendo no anonimato, na clandestinidade. Dentre estas seitas sobressaem algumas: os Amigos de Lúcifer, Barão Vermelho, Corrente 93, Filhos de Lúcifer, Irmandade de Satã, Filhas do Bafo de Belzebu, Filhas de Isis³².

Não temos dúvida de que este pequeno número de denominações de culto satânico apresentado cause espanto. Normalmente, estamos habituados a assistir ou a ouvir práticas de exorcismo ou então fazer-se a profissão de fé renunciando a todas as obras e manifestações satânicas. Naquelas seitas passa-se tudo ao inverso, pois há mesmo evocações, venerações e adorações a Satanás. E têm atraído muitos adeptos. Procuram fazer publicidade do grupo através de músicas, redes sociais, inclusive o *facebook*, em

³¹ Cf. A. ALAIZ, *A Sedução das Seitas* 59.

³² Cf. A. ALAIZ, *A Sedução das Seitas* 60.

grupo fechado/secreto (que já averigui com os meus próprios olhos). São autênticas manifestações esotéricas, com toda a representação de símbolos satânicos. Que fazer? Não nos interessa? A Igreja conhece esses grupos? Conhecemos realmente a sua acção e a sua consequência na sociedade e no seio das famílias? Que desafios lançam concretamente à Igreja e à sociedade? São algumas perguntas que servem de provocação e de reflexão.

Estas seitas destrutivas inoculam nos seus membros o fatalismo e o fanatismo. Os adeptos devem realizar tudo conforme a sua prescrição e em seu benefício. Algumas destas seitas estão constantemente em tribunais, porque promovem acções desumanas, como roubos, prostituições de menores, raptos, suicídios, negligência em relação à saúde pública, etc. Os casos crescem dia após dia a nível mundial³³. Uma evocação típica deu-se em 1978, com o suicídio dos 922 adeptos do «Templo do Povo», antes da iminência do fim do mundo predito por eles. E outros grupos ainda praticaram o suicídio motivados também pela proclamação iminente do fim do mundo. Em 1994 suicidaram-se cinquenta e três adeptos da «Ordem do Templo Solar», e posteriormente mais outros dezasseis membros. E em 1997 suicidaram-se trinta e nove adeptos da «Porta do Céu», em San Diego (Califórnia), na expectativa de serem recolhidos por uma nave espacial escondida atrás do cometa Hale-Bopp, pois acreditavam ter chegado o fim do mundo e por isso não podiam perder a oportunidade³⁴.

Sob a perspectiva da sua periculosidade, as seitas normalmente classificam-se em destrutivas e não destrutivas. Significa isto que há seitas que não são destrutivas? É o que nos leva a pensar, afirma Vidal. Quem estude a fundo a questão das seitas não pode concordar com esta classificação. Alguns dos especialistas não estão de acordo com esta

³³ Cf. A. ALAIZ, *A Sedução das Seitas* 26.

³⁴ Cf. A. ALAIZ, *A Sedução das Seitas* 136.

posição como Atilano e César Vidal Manzanares. Este último é um grande perito internacional em seitas e catedrático de História das Religiões na Logos University de Jacksonville (Florida). Atilano, a partir dos estudos a fundo das seitas e sendo conhecedor de casos variadíssimos de vítimas sectárias, afirma que todas as seitas são destrutivas nalgum grau, pois afirma:

Se toda e qualquer seita se identifica como um grupo fechado, piramidal, autoritário, proselitista, associal, acrítico gregário, coercivo e manipulador, há-de lesar, necessariamente, a integridade da pessoa e dificultar a convivência familiar e social. É evidente que as lesões provocadas são de grau muito diferente, segundo a perversidade da seita. Por isso, talvez devesse chamar-se *deformativas* às seitas que destroem ou lesam em menor grau e *destrutivas* às que destroem gravemente o núcleo da personalidade. A designação de não destrutivas pode levar a pensar que as seitas assim denominadas são inteiramente inócuas, o que não corresponde à verdade³⁵.

Nesta lógica, Atilano chega à conclusão de que todas as seitas por definição são destrutivas por pretenderem, como finalidade última, manipular a personalidade e o cérebro do adepto, tornando-o meio útil dos objectivos da seita. Quando aquele deixa de ser útil, é descartado, como se fosse «lixo». Aí residem os traumas e os vários suicídios dos adeptos. Neste sentido, o autor considera uma tautologia denominar seitas destrutivas, levando a crer que há outras que não o são, o que é falso³⁶.

³⁵ Cf. A. ALAIZ, *A Sedução das Seitas* 60-61.

³⁶ Cf. A. ALAIZ, *A Sedução das Seitas* 61.

As seitas destrutivas perseguem fins lucrativos sob a capa da religiosidade. Com a sua acção trazem sérios danos às famílias e às sociedades. Alguns dos pontos que vamos apresentar mostram a sua insistência técnica e maquiavélica em benefício próprio:

a) Indivíduos e famílias. Há aqui uma fragmentação da família, seja pela doença física, feridas ou morte dos membros das seitas; acontece também abandono e abuso das crianças, proibição de tratamentos médicos e a própria morte causada por maus tratos³⁷.

b) Governo – lei. No fundo estas seitas pretendem infiltrar-se no governo, partidos políticos, organizações militares, grupos de sociedade com o fim de conseguir informação secreta privada pretendendo alcançar benefícios financeiros ou «influenciar nas organizações em que se infiltram para servir os fins das seitas». Também, um acontecimento muito frequente que acontece é a evasão fiscal praticado pelo grupo. Em suma, podemos afirmar que há aqui uma manobra pensada pelas seitas a fim de conseguir o seu objectivo, que é dominar todo o sistema económico-político³⁸.

c) Negócios. Desde recolha de fundos e venda de práticas enganosas, ao desrespeito pelos «assalariados reciclados», muitas vezes mal pagos e raras vezes pagos, e ao abuso de estatuto de organização caritativa para «conseguir dinheiro com fins lucrativos e outros propósitos não-caritativos», constituem uma prática fraudulenta nestes movimentos sectários, que o governo não intervém pelo princípio da liberdade religiosa³⁹.

d) Educação. Este aspecto não é muito cuidado pelas seitas. Potenciam-na em alguns casos apenas como meio para atingir os fins. Algumas seitas conseguem algumas falsificações de educação das escolas ou das universidades para ganhar respeitabilidade

³⁷ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 20.

³⁸ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 20-21.

³⁹ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 21.

social. Algumas conseguem recrutar estudantes universitários usando chantagem, violando a sua intimidade, aproveitando os seus problemas. E muitos destes jovens vêm os seus projectos de estudos destruídos pelas seitas⁴⁰.

e) Religião. Infiltram-se em grupos religiosos já existentes com o intuito de recrutar membros para a seita. E, também, há tentativas de conseguir a ajuda de religiões já existentes, «apresentando uma imagem enganadora dos seus objectivos, crenças e práticas das seitas»⁴¹.

O grande estudioso do mundo sectário, César Vidal Manzanares, não se refere no seu estudo, que vamos mencionar, ao termo «seita destruidora»; porém, na quarta acepção apresentada para descrever o significado «seita», avança uma definição que vai ao encontro do fenómeno «seita destruidora». Descreve ele:

Organização piramidal, submissão incondicional ao dirigente ou corpo governante, anulação de crítica interna, prossecução de objectivos políticos e ou económicos ligados aos religiosos, filosóficos ou espirituais, instrumentalização dos adeptos para os fins da seita, ausência de controlo ou fiscalização do colectivo por conta de um outro poder religioso ou filosófico superior à autoridade do mesmo⁴².

A verdade é que um grupo sectário pretende apenas atingir os seus fins pessoais em detrimento da vontade dos adeptos que são meramente instrumentos nas mãos das seitas. E aqui os meios justificam os fins – princípio maquiavélico.

⁴⁰ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 21.

⁴¹ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 21.

⁴² C. MANZANARES, *Diccionario de Sectas y Ocultismo* 207-208.

1.2. Algumas considerações na perspectiva da Teologia

O tema do sectarismo e dos grupos marginais ganhou uma atenção e um tratamento específico na teologia cristã, no tocante à questão da terminologia, pelo que é importante tê-lo presente. Esta questão terminológica constitui o objectivo deste número do programa do estudo, onde teremos presente a análise teológica de três grandes teólogos, baseando-nos a partir do especialista Bosch, que nos acompanhou e nos acompanha fortemente no estudo deste primeiro capítulo da tese. E são estes os grandes teólogos: Yves Congar, Dietrich Bonhoeffer e Paul Tillich⁴³.

1.2.1. Yves Congar

Y. Congar escreve um artigo, antes do Vaticano II, com o título *Nota acerca das palavras: Confissão, Igreja e Comunhão*⁴⁴. Este trabalho foi dirigido num âmbito da perspectiva ecuménica e valorizando os aspectos positivos de outros grupos cristãos. Neste sentido tem um cuidado especial com os termos que emprega. O teólogo não se interessa propriamente pelo mundo sectário na sua exposição, referindo-se aos grupos cristãos, que na linguagem comum tem o nome de «Igreja».

Mostra uma certa reticência em usar a palavra «confissão», como entrou já em voga, em expressões como «confissão luterana», «confissão calvinista», etc. E afirma que a palavra confissão é uma categoria não teológica, nem mesmo canónica, mas política e secular. De igual forma também é muito crítico em relação à palavra «denominação», significando o termo «confissão», nos países anglo-saxónicos, chegando mesmo a afirmar: «Por meu lado, como teólogo, recuso-me a chamar “confissões” às comunidades cristãs e, em todo o caso, às Igrejas Católica e Ortodoxa.

⁴³ Cf. J. BOSCH, *Para conhecer as Setas* 22.

⁴⁴ Y. CONGAR, *Nota acerca de las palabras: Confesión, Iglesia y Comuni3n* (Barcelona: Estela 1967) 225-251, in *Cristianos en di3logo*.

Mas, se eu fosse ministro ou governador de um Estado laico, e tivesse de falar como tal, provavelmente empregaria a palavra “confissão”⁴⁵.

Quanto ao termo «Igreja», Y. Congar apresenta a seguinte nota. O termo na antiguidade dificilmente era concedido aos corpos que se houvessem separado da única Igreja visível, caracterizada pelos atributos apresentados no credo niceno-constantinopolitano: una, santa, católica e apostólica. Porém, os corpos separados desta unidade visível da Igreja eram denominados: «congregações», «*coetus haereticorum*», «*conventus schismaticorum*», inclusive «*synagoga*», em oposição a «*Ecclesia*». Entretanto, recentemente, os documentos católicos usam a expressão «Igreja» ou «Igrejas» para falar do mundo ortodoxo, enquanto procuram evitá-lo quando se referem aos protestantes. Segundo Y. Congar, na ausência de certos elementos, não se pode falar com propriedade teológica de «Igreja». São os elementos relativamente à tríplice função de Cristo: «profeta, sacerdote e rei, que são 1º a revelação e o depósito da fé evangélica (que é fé trinitária e cristológica); 2º a instituição dos sacramentos, e 3º a instituição do ministério apostólico, encarregado tanto do depósito da fé como da celebração dos sacramentos». É inconcludente para Y. Congar que uma comunidade que careça de sucessão apostólica seja classificada como Igreja no sentido teológico e rigoroso da palavra, a não ser num sentido descritivo e sociológico⁴⁶.

Quanto ao termo «comunhão», é a ela que Y. Congar mostra a sua preferência pelo emprego do termo para denominar os grupos cristãos separados da Igreja Católica. Também não mostra nenhuma simpatia pelos termos «corpo religioso», «sociedade», «confissão», todos eles mais políticos do que propriamente teológicos. Até prefere o termo «comunhão» ao de «Igreja», porque aquela «é um termo teológico, cuja aceção

⁴⁵ Cf. Y. CONGAR, *Nota acerca de las palabras: Confesión, Iglesia y Comunión* 233-234.

⁴⁶ Cf. Y. CONGAR, *Nota acerca de las palabras: Confesión, Iglesia y Comunión* 240-245.

rigorosa tem carácter restrito». Este termo é sempre bem-vindo porque traz consigo uma amplitude do conteúdo da beleza como oferta àqueles que desejam referir-se aos diferentes grupos separados, em perspectivas ecuménicas⁴⁷.

1.2.2. Dietrich Bonhoeffer

Bonhoeffer foi um pastor luterano alemão e um grande teólogo. Foi preso com a idade de 37 anos, em 1943, pela sua oposição ao regime nazista *hitleriano*, enviado para o campo de concentração e finalmente enforcado pelos nazistas em 1945⁴⁸. Ele foi um grande teólogo luterano, e na sua dissertação de doutoramento *Sanctorum Communio* (1992), dedicou um capítulo ao tema «Igreja e Seita». Achou que as categorias sociológicas são importantíssimas para ajudar a compreender alguns conceitos cristãos fundamentais «pessoa», «estado original», «pecado», «revelação» e «Igreja», conceitos esses que não se podem entender plenamente se não se relacionarem com a sociabilidade⁴⁹.

Bonhoeffer põe em causa o tradicional modelo «Igreja-seita» de Weber e Troeltsch, afirmando que do ponto de vista sociológico não há uma diferença essencial entre ambas. Enquanto que para aqueles pensadores sociológicos a definição de seita se afirmava em relação à Igreja, como uma associação voluntária e fechada em si mesma, já Bonhoeffer discorda deles quanto à configuração das ambas: «Igreja-seita», ou seja, ele não concorda mesmo com a ideia de que apenas a Igreja configura a sua organização e evolução históricas, e que, por sua vez, a seita só nasce e se mantém graças a uma união voluntária. Ele afirma que também a seita tem no seu seio esta configuração. E

⁴⁷ Cf. Y. CONGAR, *Nota acerca de las palabras: Confesión, Iglesia y Comunión* 249-250.

⁴⁸ Cf. A. WOODROW, *As novas Seitas* 16.

⁴⁹ Cf. D. BONHOEFFER, *Sanctorum Communio «Sociología de la Iglesia»* (Salamanca: Sígueme 1969) 13 cit in J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 25.

julga poder refutar a posição daqueles sociólogos recorrendo-se a análise histórica. Reconhece, pois, historicamente que as «grandes seitas» se converteram em grandes Igrejas do povo completamente abertas. E nega, neste sentido, a explicação sociológica de «Igreja-seita» por não ser rigorosa, afirmando também que a comunidade eclesial faz parte da essência: ser comunidade de vontades⁵⁰.

A posição de D. Bonhoeffer constitui uma reforma no sentido de reformar a doutrina tradicional da compreensão da seita, elevando-a a uma categoria sociologicamente especial, pondo-a quase ao nível da Igreja. Daí que podemos afirmar que em D. Bonhoeffer encontramos alguns elementos que não permitem diferenciar tão facilmente a seita da Igreja. A associação voluntária e a adesão não designam um grupo sectário. Pois dificilmente se concebe a ideia de uma Igreja que não seja vontade de pessoas, não no sentido de criar a Palavra ou fundar a Igreja, porque estas realidades são constituídas anteriormente às vontades humanas, mas no sentido de que a Igreja é formada pelas «vontades» dos seus membros, orientada pela Palavra e vivificada pelo amor do Espírito. E nesta linha, acrescenta o teólogo luterano:

A seita, enquanto tiver a Palavra, é também assembleia de Cristo, e a sua comunidade é a comunidade dos santos. Nos seus dados sociológicos fundamentais é idêntico à Igreja. E neste sentido não temos nenhum direito em discutir a igualdade da seita e a Igreja do ponto de vista da acção sociológica cristã, isto é, a sua configuração na sociedade⁵¹.

O teólogo não coloca um ponto final. Ficar por aqui é não entendê-lo, afirma J. Bosch. Então o que é que diz mais Bonhoeffer? Critica contudo as seitas por

⁵⁰ Cf. D. BONHOEFFER, *S C 206 cit in J. BOSCH, Para conhecer as Seitas 26.*

⁵¹ Cf. D. BONHOEFFER, *S C 206 cit in J. BOSCH, Para conhecer as Seitas 26.*

sublinharem exclusivamente alguns aspectos, como a *santidade da pessoa e conversão* que conduziu a uma conformação unilateral da relação na sociedade, aspecto que deve ser rejeitado por uma Igreja do povo, consciente de si mesma⁵². Assim, parece que o critério último e decisivo para a hermenêutica da categoria dicotômica «Igreja-seita», deva ser o teológico.

Então, à luz da perspectiva teológica, o teólogo faz uma afirmação de fé do que seja a Igreja apresentando algumas notas: corpo de Cristo, assembleia reunida à volta da Palavra com a celebração dos sacramentos, ela é única, santa, católica porque chamada a estender-se a todo o mundo, estando onde se prega a Palavra de Deus; e está animada pelo Espírito de Cristo que a faz santa. A Igreja, enquanto peregrina, confronta-se com os pecados dos seus membros e nela se incorporam todos, independentemente do seu elevado ou baixo grau de espiritualidade, pois não é a comunidade dos eleitos, dos puros. Ela tem um coração aberto para acolher todos e de todos cuida⁵³.

Entretanto perguntamos: em relação à seita pode-se apresentar as mesmas notas atribuídas em relação à Igreja? Não. Aí então reside a diferença teológica entre seita e Igreja. Contudo, D. Bonhoeffer defende peremptoriamente que a distinção apresentada por Weber e Troeltsch pode-se refutar sociológica e historicamente, tal como ele o fez⁵⁴.

1.2.3. Paul Tillich

Paul Tillich foi um teólogo alemão, que foi viver longos anos nos Estados Unidos, depois de ter perdido a sua cátedra, devido às suas oposições nazistas. Ele procura conciliar a fé com a cultura moderna para tentar perceber os ideais do homem moderno.

⁵² Cf. D. BONHOEFFER, *S C 206 cit in J. BOSCH, Para conhecer as Seitas 25-26.*

⁵³ Cf. D. BONHOEFFER, *S C 211-212 cit in J. BOSCH, Para conhecer as Seitas 27.*

⁵⁴ Cf. D. BONHOEFFER, *S C 208 cit in J. BOSCH, Para conhecer as Seitas 27.*

E parte da cultura e não do religioso para desvendar aquilo que constitui a última preocupação do homem moderno. Chega à conclusão de que este está perdido por perder a dimensão da profundidade pela leva do secularismo e do pluralismo religioso⁵⁵.

P. Tillich interessou-se muito pelo estudo da religião e da cultura. Para ele, a religião é substancialmente a cultura, e a cultura é aparentemente a religião. Segundo ele, o religioso nem sempre se apresenta formalmente como tal, crescendo não só estritamente no campo religioso, mas também no campo da filosofia (por exemplo), embora permanecendo no seu ser aquilo que define o religioso. Ele destaca alguns grupos nos quais o religioso se apresenta, ao mesmo tempo que os vai descrevendo. Em primeiro lugar nas «Igrejas», como formas essenciais de vida, com os seus símbolos religiosos; depois nas «seitas eclesíásticas» que embora nascendo das Igrejas se afastaram delas; nos «movimentos religiosos» nascidos fora das Igrejas que reclamam o mesmo estatuto de religioso; e, por último, nos grupos sem pretensão religiosa embora sendo-o no seu ser mais íntimo porque se pautam por um fim último e incondicional⁵⁶.

Todavia, P. Tillich não fica por aqui mas faz um esforço para distinguir as «Igrejas» e as «seitas eclesíásticas». Propõe a formulação da consciência do incondicionado para tentar explicar a diferença. Deve-se entender esta consciência do incondicionado como algo inerente fundamental a todo o ser humano marcado e imbuído por esta inclinação a algo que ultrapassa o seu próprio ser, - o Incondicionado. Esta consciência do incondicionado é universal, porque afecta toda a realidade, toda a vida do homem e situações existenciais⁵⁷.

⁵⁵ Cf. A. WOODROW, *As novas Seitas* 16.

⁵⁶ Cf. P. TILLICH, *En la frontera* (Madrid: Studium, 1971) 42 cit in J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 27.

⁵⁷ Cf. P. TILLICH, *En la frontera* 42 cit in J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 28.

Portanto, a diferença entre a seita e a Igreja, para P. Tillich, está na forma de apreender o incondicionado. Enquanto a seita vê o incondicionado como factível ao nível das realidades finitas, particulares, na ordem da lei; a Igreja, porém, sabe que o incondicionado é graça, e como tal está presente nas realidades mundanas e finitas, abrindo-se à universalidade em todas as situações e em toda a realidade – a seita não tem isto presente⁵⁸.

Num mundo onde haja grande cumplicidade entre «Igreja» e «seitas», é a tarefa da Igreja e dos cristãos tentar encontrar uma nova linguagem para a teologia («sectária») e para a pregação, que interpele o homem moderno, pois a linguagem tem o seu grande valor na comunicação desde que se saiba aproveitar bem. Neste sentido afirma o especialista Alain Woodrow: «Têm de se salvar as palavras antes de se poder salvar as almas», obviamente em sentido simbólico⁵⁹.

E ao abordarmos a questão terminológica observámos que dificilmente há um termo único que descreva o fenómeno religioso. A procura de termos tem que ver com a finalidade de definirmos bem o mundo sectário e as várias manifestações religiosas. Tanto na análise sociológica como teológica sobre a problemática das seitas permite-nos encontrar claramente o conceito de uma seita, e conseqüentemente a sua diferença substancial com a igreja.

Os três próximos capítulos que se seguem vão abordar alguns dos temas fundamentais por alguns dos grupos sectários. E ao vermos estes grupos, veremos também pela sua história, pela sua análise sociológica e teológica algumas constituições

⁵⁸ Cf. P. TILLICH, *Religions sans Eglise*, in *Aux frontieres de la Religion et de la Science* (Paris: Le Centurion 1970) 80-81 cit in J. BOSCH, *Para conhecer as Seitas* 27-28.

⁵⁹ Cf. A. WOODROW, *As novas Seitas* 16.

que as consideram seitas cristãs, não tanto pela sua dissidência histórica e religiosa, mas também pelos seus métodos não cristãos na evangelização.

CAPÍTULO SEGUNDO

AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ: O REINO DE DEUS

Neste ponto da dissertação teremos duas partes. A primeira parte é sobre uma descrição histórica, onde vamos fazer uma abordagem histórico-crítica sobre a origem das «Testemunhas», da sua fundação até à fase da estruturação do corpo governante da Torre de Vigia, e evocar também algumas doutrinas e formas que os seus presidentes foram incorporando à Sociedade.

A segunda parte é sobre a «teologia do reino de Deus», na qual pretendemos refutar a teologia «jeovista» sobre a argumentação da instituição do reino de Deus em 1914 e suas consequências apontadas pelas testemunhas como sendo antibíblicas e anticristãs.

2.1. Breve descrição histórica

O fundador das Testemunhas de Jeová foi Charles Taze Russell (1852-1916), que inicialmente pertencia aos Adventistas. No entanto, foi Joseph Rutherford quem transformou o movimento dos «Estudantes da Bíblia», em «Testemunhas de Jeová»⁶⁰.

Perante a morte da mãe, T. Russell manifesta algumas inquietações perante o destino do homem depois da morte. Dedicou-se ainda jovem ao estudo da Bíblia, mas cheio de medos por causa do inferno. Em 1880 adere ao adventismo, mas diante do fracasso dos cálculos adventistas sobre a *parusia* delineou o seu próprio caminho com

⁶⁰ Cf. J. NEVES, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia (Moons, Mormons, Testemunhas de Jeová, Adventistas, Igreja Universal do Reino de Deus, Pentecostalistas, Seitas Satâncias, New Age, O Código da Bíblia)* (Lisboa: Universidade Católica Editora 1998) 77.

um grupo de estudantes da Bíblia. Baseia-se fundamentalmente na Bíblia, embora os seus cálculos repousem também nas dimensões da grande pirâmide do Egipto⁶¹.

A origem das Testemunhas de Jeová encontra-se nos Adventistas, pois deles herdaram toda a antropologia, que nega a imortalidade da alma; deles herdaram a negação absoluta de acreditar no inferno; deles herdaram o hábito de anunciar que o fim do mundo está próximo, e deles herdaram inclusive «as doutrinas arianas em relação à Trindade, das quais os adventistas se afastaram com o tempo, ainda que conservassem a crença que S. Miguel era o Filho de Deus antes da sua encarnação. A razão pela qual há uma certa comunhão doutrinal entre adventistas e as testemunhas, é pelo facto de partilharem quase a mesma fonte, visto que Nelson Barbour, foi um ex-adventista e repudiado por eles. Russell também era adventista. Em 1876 uniu-se a Barbour, pregador adventista, que também era mileranista⁶².

A sua aspereza de carácter levou-o a romper com o amigo e estabeleceu-se por sua conta em 1878, fundando, pois, a Sociedade *Watchtower*, a qual viria a ser formalizada em 1881. E uma vez separado dos adventistas criou a revista *A Torre de Vigia, de Sião e o Arauto da presença de Cristo*. E não esperou muito para se declarar como «enviado de Deus»⁶³.

Em 1878 anunciou que os seus adeptos seriam transformados em seres espirituais e levados para o céu. Seguindo o exemplo dos adventistas, que os precederam, vestiram-se de túnicas brancas e dirigiram-se para a ponte de Pitsburg para esperar Cristo. O resultado foi tão desastroso que alguns dos membros se foram afastando de Russell. O

⁶¹ Cf. J. NEVES, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia* 77.

⁶² Cf. C. MANZANARES, *As Seitas perante a Bíblia* (Lisboa: Edições São Paulo 1994) 94.

⁶³ Cf. F. JANEIRO, *Em Tempo de Evangelização. Religião e Religiões* (Lisboa: Inst. Miss. Filhas de São Paulo 2003) 243-244.

que se passou foi que Russell e Barbour se separaram, despontando Russell como «autêntico» profeta⁶⁴.

Russell não acreditava que a Bíblia fosse a única fonte de revelação, como hoje afirmam as testemunhas. No primeiro volume dos seus *Estudos sobre as Escrituras*, dizia que quem lesse a Bíblia perder-se-ia, mas quem lesse os seus escritos encontraria a luz. Anunciou sempre sem sucesso as datas para o fim do mundo, sendo que as principais foram para 1874 e 1881, ano em que se viu abandonado por quase todos os adeptos⁶⁵.

A seita entrou em crise, mas ele conseguiu exercer rigoroso controlo sobre aqueles que permaneceram na seita e prometeu-lhes que em 1914 seria mesmo o fim dos tempos para os gentios: «Nesse ano, serão destruídos por Deus todos os Governos e Igrejas da Terra. Nessa data começará o início do Reino de Cristo que deu batalha a Satanás e aos seus demónios e obteve a vitória»⁶⁶.

Porém, ao chegar o ano de 1914 sem que se tivesse realizado a batalha de Armagedom e o fim dos reinos desta terra e da cristandade, como fora profetizado por Russell, foi tal o desapontamento dos adeptos que provocaram uma crise sem precedentes dentro da seita. Não obstante isso, o profeta de Brooklyn não desistiu da sua profecia e voltou a anunciá-la para 1915 e outra para 1918. Mas entretanto morreu a 31 de Outubro de 1916. Nessa altura, as vendas da seita caíram em 52,4%⁶⁷.

Devido a alguns dos seus comportamentos desviantes, foi levado várias vezes a tribunal. A sua esposa acusou-o de infidelidade conjugal, por se meter com todas as

⁶⁴ Cf. F. JANEIRO, *Em Tempo de Evangelização* 244.

⁶⁵ Cf. C. MANZANARES, *As Seitas perante a Bíblia* 94.

⁶⁶ F. JANEIRO, *Em Tempo de Evangelização* 244.

⁶⁷ Cf. C. MANZANARES, *As Seitas perante a Bíblia* 95.

mulheres ao seu alcance; perdeu a causa contra o Jornal *Brooklyn Eagle* que o denunciou por vender o trigo aos seus adeptos a um preço sessenta vezes mais que o preço do mercado, porque, segundo Russell, se tratava de «trigo milagroso». Perdeu também um outro processo contra um pastor protestante que denunciou e criticava um folheto que ele publicava. Russell em pleno tribunal jurou que sabia as línguas grega e hebraica, quando na verdade ficou demonstrado que nem o alfabeto grego sabia⁶⁸.

Muitos dos escritos e ensinamentos foram rejeitados posteriormente pela própria seita que fundara mantendo-se outros que, na maior parte, eram de influência adventista.

Sucedeu a Russell o juiz Joseph Franklin Rutherford, eleito presidente da *Watchtower* a 6 de Janeiro de 1917 de uma forma pouco espiritual, pagando dez dólares por cada voto. Distanciou-se fortemente do fundador da seita e automeou-se profeta, mantendo o costume de fixar datas para anunciar o fim do mundo⁶⁹.

A sua rejeição radical de toda a autoridade estabelecida surgiu por falta de simpatia do Congresso Americano e do Presidente W. Wilson para com ele. Sob tal impulso, Rutherford lançou uma sucessão de doutrinas que ainda actualmente continuam a caracterizar as Testemunhas de Jeová: Apenas 144.000 irão para o céu (uma antiga doutrina adventista), a proibição de receber transfusões de sangue (1927), a proibição de celebrar o Natal (1928), a proibição de utilizar a cruz (1928), a proibição de celebrar o aniversário e o dia da mãe, o nome das Testemunhas de Jeová e a utilização delirante desta errónea transliteração do tetagrama (1931)⁷⁰, a proibição de vacinas (1935), a afirmação que a

⁶⁸ Cf. F. JANEIRO, *Em Tempo de Evangelização* 245.

⁶⁹ Cf. C. MANZANARES, *As Seitas perante a Bíblia* 95-96.

⁷⁰ Giuseppe Crocetti afirma que o nome das Testemunhas de Jeová foi criado a 26 de Julho de 1931 com intenção de distingui-los dos outros grupos que se reclamam de Russell (cf. G. CROCETTI, *As Testemunhas de Jeová, Confrontadas com a verdadeira Bíblia* (Lisboa: Edições Paulistas 1990) 8.

cruz é um símbolo pagão (1936), etc. De todas estas revelações só se desfizeram de uma: a de que em 1925 ressuscitariam os grandes homens da antiguidade como Moisés, Abraão e David. E isso porque não tinham outra hipótese⁷¹.

Com o fim de dar o alojamento a esses grandes homens da antiguidade que iam ressuscitar; comprou com o dinheiro dos adeptos uma grande vivenda que ele mesmo deu o nome de *Beth Sarim*, em San Diego, na Califórnia. Não se cumprindo esta profecia, ele mesmo usou esta vivenda, residindo nela no inverno, porque padecia duma doença pulmonar. Era próprio da sua personalidade levar uma vida sumptuosa⁷².

Esse palácio, que passara a ficar na posse da Torre de Vigia com a morte de Rutherford, era prova irrefutável de uma profecia falhada, o que causava inquietação para toda a sociedade, que a levou a vender em 1948 para apagar uma página amarga da história das testemunhas que ninguém queria lembrar⁷³.

A sua capacidade organizacional permitiu-lhe conduzir a seita ao patamar de multinacional de grande poder económico, através de utilização gratuita dos adeptos, como compradores e vendedores da literatura da seita, de porta em porta, inclusive as crianças⁷⁴.

Rutherford faleceu a 8 de Janeiro de 1942, um ano antes do anúncio que tinha apontado para o fim do mundo em 1941, sendo aqui a última Assembleia das

⁷¹ Cf. C. MANZANARES, *As Seitas perante a Bíblia* 96.

⁷² Cf. F. JANEIRO, *Em Tempo de Evangelização* 246.

⁷³ Cf. A. COSTA, *Resposta às Testemunhas de Jeová baseada na Bíblia* (Lisboa: Gabinete Comercial Gráfico 1993⁴) 15.

⁷⁴ Cf. F. JANEIRO, *Em Tempo de Evangelização* 246.

Testemunhas de Jeová, acontecida em Detroit (EUA)⁷⁵. Com a sua morte, a Watchtower dispensou-se tranquilamente do seu pressuposto cariz profético.

O terceiro presidente da Sociedade foi Nathan Homer Knorr. Com ele a Sociedade deixou de ter um carácter personalista sobre a liderança de um único presidente que a tinha marcado, sob a orientação de Russell e Rutherford, passando a ter uma Direcção Colegial, isto é, um Corpo Governante⁷⁶.

Quando esteve à frente da organização chegou a anunciar que o fim do mundo mau e o princípio de mil anos de Cristo sobre a terra teria lugar em 1975. Todas as datas do fim do mundo não sucedidas introduziram na seita alguma dispersão e falta de confiança nos próprios adeptos⁷⁷.

A Sociedade encontra-se organizada desta forma: Corpo Governante (com sede nos Estados Unidos da América e detendo a geração geral) que é constituído por 12 membros (dos quais um presidente); Filiais (dependentes directamente do Corpo Governante; em cada Filial existe uma Comissão de Filial, cujo número de elementos depende do número de Congregações existentes); Distritos (constituídos por circuitos); Circuitos (cada circuito é constituído por 20 Congregações; à frente de cada Circuito, um Superintendente); Congregações (para cada Congregação exige-se ao menos 3 cristãos decididos e baptizados)⁷⁸.

Quanto à nomeação dos presidentes e demais membros colegiais não se regem pelos princípios espirituais ou de bom comportamento, mas só pelo maior número de acções de que dispõe, pois a Sociedade tem a forma legal de uma sociedade anónima,

⁷⁵ Cf. F. JANEIRO, *Em Tempo de Evangelização* 246.

⁷⁶ Cf. F. JANEIRO, *Em Tempo de Evangelização* 247.

⁷⁷ Cf. A. COSTA, *Resposta às Testemunhas de Jeová baseada na Bíblia* 15.

⁷⁸ ARQUIVO HISTÓRICO NACIONAL (CABO VERDE), *Descobertas das Ilhas de Cabo Verde* (AHN Praia – Sépia Paris 1998) in Tomé Varela Silva, *Crenças Religiosas* 170.

cujas acções estão repartidas apenas entre os directores da mesma, não tendo os adeptos da seita qualquer poder de decisão, embora o grande lucro à Sociedade advenha da venda dos livros que fazem de porta em porta⁷⁹.

No tempo ainda de Knorr surge a Versão do Novo Mundo da Bíblia das testemunhas. Esta nova versão é incoerente com o texto original grego e com a própria teologia cristã. Foi inspirada a partir de uma versão do «Novo Mundo» (querendo dizer Novo Testamento) de um padre alemão católico ligado ao espiritismo e ocultismo, de nome Johanes Greber, assentando não nos textos originais gregos, mas nas instruções que julgava que os «espíritos» lhe concediam. Destes textos traduzidos pelo referido sacerdote serviram-se, com base para a tradução da Bíblia das testemunhas, a que deram o título Versão do Novo Mundo⁸⁰.

Esta é uma das críticas que podemos fazer às testemunhas: então onde está o único princípio da Bíblia que gostam de evocar? Eles são os primeiros que passam por cima da Palavra de Deus⁸¹ e se deixam instrumentalizar em função das doutrinas que foram recebendo dos seus presidentes e do Corpo Governante.

Um ex-dirigente da seita, Raymond Franz, sobrinho do presidente Knorr, no seu livro *Crises of conscience*, corajosamente desmascara a seita afirmando que há forte pressão exercida sobre os membros; há falta de honestidade na doutrina; há uma falsidade, a toda a prova, nas profecias emitidas pela Watchtower; há falta de confiança

⁷⁹ Cf. F. JANEIRO, *Em Tempo de Evangelização* 247.

⁸⁰ Cf. F. JANEIRO, *Em Tempo de Evangelização* 247-248.

⁸¹ Há várias literaturas de ex-testemunhas que narram acontecimentos deste desrespeito para com a Palavra e o sentido de caridade mesmo entre eles. Os adeptos só têm valor quando dão lucro à seita. Os humildes, os reservados, os que levam a vida no silêncio não são promovidos.

por parte dos dirigentes, quanto ao conteúdo doutrinal que apregoam; os dirigentes agem não com princípios bíblicos, mas apenas no desejo de captar mais adeptos⁸².

Este pequeno exemplo panorâmico permite-nos afirmar que na sua maioria, a teologia das Testemunhas de Jeová não provém das Escrituras, mas de um núcleo sectário como são os próprios adventistas. Os grandes ensinamentos das testemunhas baseiam-se nas pretensões sectárias dos seus dois primeiros presidentes mais que conhecidos: Russell, presidente fundador; e Rutherford, presidente doutrinal.

2.2. O reino de Deus e o ano de 1914

A teologia cristã católica aceita a teologia das testemunhas sobre o Reino de Deus, quando afirma que este constitui um ponto central da mensagem de Jesus. Porém, discorda do mesmo tema, quando abordam uma data exacta, 1914, como cumprimento do reino de Jeová na terra. A mesma teologia cristã nega as conclusões tiradas pelas testemunhas: expulsão de Satanás e seus seguidores no céu e os 144.000 mil como escolhidos para o céu, que contraria claramente a teologia cristã.

Russell anunciava para o ano de 1914 o fim deste mundo e a entrada triunfal dos 144.000 mil eleitos no céu. Visto que tal não aconteceu, era necessário encontrar uma nova hermenêutica justificável em que aquela data se pudesse manter. E deste modo, começou a aparecer na literatura «jeovista» o ano de 1914 «como o princípio dos últimos dias deste sistema iníquo de coisas e o ano em que o reino celestial de Deus começou a reger activamente»⁸³.

⁸² Cf. F. JANEIRO, *Em Tempo de Evangelização* 248.

⁸³ Cf. J. PINTO, *Ano 1914. Que dizem as Testemunhas de Jeová?* (Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração 1972) 14.

Transcrevamos duas das questões levantadas por J. Pinto: 1ª Porque é que só a guerra de 1914 há-de ser o sinal de terem começado os «últimos tempos»? 2ª Porque é que só em 1914 é que foi estabelecido na terra o reino de Deus (a partir do céu)?⁸⁴.

Vamos agora apresentar o processo usado pelas testemunhas para chegarem à conclusão a respeito de 1914, com intenção de respondermos àquelas duas perguntas chaves colocadas acima por J. Pinto. E, para tal, apresentaremos quatro fases fundamentais na base da resposta a esta problemática.

Na primeira fase, veremos que a primeira frase bíblica tomada pelas Testemunhas de Jeová como ponto de partida para os seus cálculos é a referência do Evangelho de S. Lucas 21, 24: «Serão passados a fio de espada, serão levados cativos para todas as nações; e Jerusalém será calcada pelos gentios, até se completar o tempo das nações». Sobre o povo de Israel cairia a cólera divina, um grande castigo. E lendo o versículo 24; são mostrados por Cristo três efeitos desta cólera: morte à espada, deportação e instalação dos inimigos na cidade. E realmente a história o confirma, pois conforme o relato do historiador judaico do séc. I, Flávio Josefo, morreram cerca de 1 milhão e 100 mil judeus, 97 mil foram deportados. Romanos, persas, sarracenos, francos, turcos... seriam sucessivamente os dominadores de Jerusalém pelos não-judeus. Isto é um dos exemplos de catástrofe do ano 70, que quase não interessa às testemunhas. Podemos ver que o texto lucano não diz com exactidão o tempo de dominação de Jerusalém pelos não-judeus, mas simplesmente nos mostra um começo de uma nova era. Tentar afirmar que esta era terminou em 1914 não tem mesmo sentido, porque como se sabe, Israel é nação independente desde 1948. O texto lucano é muito claro, pois o objecto primário é a sujeição e a ruína de Jerusalém pelos povos estrangeiros; era este o objecto a que se

⁸⁴ Cf. J. PINTO, *Ano 1914. Que dizem as Testemunhas de Jeová?* 24-25.

referiam as palavras de Cristo. O que interessa às testemunhas é o termo da sujeição de Jerusalém por um povo estrangeiro, que já durava desde o ano 607 a.C. (este ano apresentado pelas testemunhas não corresponde ao que posteriormente apresentaremos). Porém, no momento em que Cristo falava, dominavam os romanos. As testemunhas gostam de complicar na verdade o que é simples e inculcar em almas simples e ignorantes da Sagrada Escritura uma conclusão já previamente estabelecida por eles. Apenas podemos afirmar que Cristo não pronunciou sobre o tempo que mediará entre a ruína de Jerusalém, algo que realmente profetizou, e o fim dos tempos; que não pronuncie de concreto quanto ao tempo da sua execução⁸⁵.

Para concretizar essa duração e poder concluir que os «últimos dias» começaram em 1914, as Testemunhas de Jeová lançam-se no malabarismo dos cálculos. E para começar, criam uma data, o ano 607 a.C. como data em que iniciou a opressão de Israel. Esta data convém dizer que é aceite de uma forma unânime pelos historiadores como sendo 586 e não 607 a.C. Neste sentido, mesmo que o «tempo das nações» tivesse começado antes do tempo em que Cristo afirmou a destruição de Jerusalém, nunca seria no ano de 607 porque a dominação da Babilónia é de 586. Assim ficam desfeitos os cálculos das Testemunhas de Jeová. Todavia, a partir deste desejo das testemunhas em encontrar uma data de 1914, podemos afirmar duas constatações: 1ª Não interessa às testemunhas o objecto primário da profecia de Cristo, a destruição de Jerusalém e do seu templo, interessando-lhes apenas o objecto secundário da duração da opressão das nações estrangeiras. 2ª Não lhes interessa a opressão e o cerco de Jerusalém no ano 70 pelos inimigos romanos, mas afirmam que tal opressão começara em 607 a.C; já tínhamos afirmado que esta data é historicamente falsa, mas se quisermos admitir como

⁸⁵ Cf. J. PINTO, *Ano 1914. Que dizem as Testemunhas de Jeová?* 26-30.

verdade e quisermos relacioná-la com a profecia de Cristo, teríamos que tirar a conclusão absurda de que Cristo teria anunciado algo que já tinha acontecido⁸⁶.

Na segunda fase, o 4 capítulo do livro de Daniel (sobre o sonho de Nabucodonosor que, passarão «sete tempos» durante os quais viverá como besta, comendo erva como os bois, até que reconheça o poder do Altíssimo) é citado pelas Testemunhas de Jeová com o intuito de revelar o mistério dos «tempos das nações», sendo considerado para eles o mesmo que os «tempos das nações» em S. Lucas. Há uma dificuldade de linguagem nesta frase. O número «sete tempos» de que fala a profecia de Daniel conforme a Bíblia, pode significar um longo tempo ou a equivalência de sete anos. Não se pode forçar o texto e afirmar que os «sete tempos» correspondem ao «tempo das nações». E vemos aqui a prova arbitrária das testemunhas ao afirmar que para Nabucodonosor «sete tempos» eram sete anos de 365 dias cada um. No entanto, na profecia de Cristo não pode ser, porque, em tal hipótese, a Ascensão ter-se-ia verificado no Antigo Testamento, o que é absurdo, se aceitarmos a posição das testemunhas, que o tempo da opressão de Jerusalém começou em 607 a.C. Ou seja, aceitando tal hipótese, estaríamos aceitando também a Ascensão de Cristo alguns séculos antes da Encarnação, o que é absurdo, como absurdo também identificar o texto de Lucas com o do profeta Daniel⁸⁷.

Na terceira fase, o objectivo das testemunhas é procurar sair deste absurdo dito na segunda fase; e para isso afirmam que se queremos saber o significado dos «sete tempos», é necessário ter presente o texto do Apocalipse 12, 6.14: «⁶E a Mulher fugiu para o deserto onde Deus lhe preparou um lugar, de modo a não lhe faltar aí o alimento

⁸⁶ Cf. J. PINTO, *Ano 1914. Que dizem as Testemunhas de Jeová?* 30-31.

⁸⁷ Cf. J. PINTO, *Ano 1914. Que dizem as Testemunhas de Jeová?* 32-33.

durante mil duzentos e sessenta dias. ¹⁴Mas à Mulher foram dadas as duas asas da águia real, a fim de voar para o seu refúgio, no deserto, onde ia ser alimentada durante três anos e meio, longe da Serpente».

Efectivamente conforme a leitura deste livro bíblico, a expressão três anos e meio ou três tempos e meio como vem em alguma tradução, traduz os 1260 dias. Admite-se que o versículo 14 já citado foi tomado pelo evangelista S. João no livro de Daniel 7, 21: «Tinha visto este chifre fazer guerra aos santos e levar vantagem sobre eles». Neste sentido, o número três e meio é imperfeito (metade de sete, número perfeito), significando que a história humana não está «abandonada por Deus e só provisoriamente está abandonada aos poderes malignos».

O próprio Deus consola os seus santos com o alimento que lhes dá (Ap 12, 6. 14). Na verdade, as várias formas de três anos e meio: 42 meses como tempo da ocupação da cidade santa pelos pagãos (Ap 11, 2), 1260 dias como tempo de pregação da penitência por duas testemunhas (Ap 11, 3), um tempo, dois tempos e a metade de um tempo (Ap 12, 4) simbolizam um breve período de sofrimento e perseguição dos santos durante a peregrinação terrena, mas que caminham confiantes, porque Deus os assiste com o Espírito de Cristo até ao fim dos tempos. É isto que não entendem as testemunhas, ao pretenderem fazer a apologia em encontrar um número com sentido literalista, a fim de chegar ao ano de 1914⁸⁸.

E finalmente, a quarta fase mostra a forma como as testemunhas fazem uma operação matemática de regra de três simples, para chegar ao ano 1914. E a operação resulta desta forma: «3 tempos e meio estão para 1260 dias como sete tempos estão para X. Feita a operação, resulta que X é igual a 2520 dias». Feita esta operação vão precisar de um texto bíblico que apresente um dia como um ano. Encontram esta equivalência

⁸⁸ Cf. J. PINTO, *Ano 1914. Que dizem as Testemunhas de Jeová?* 33-34.

em Ezequiel 4, 6: «E quando tiveres acabado esses dias, recosta-te sobre o lado direito; e carregarás o pecado da casa de Judá, durante quarenta dias; estabeleço um dia para cada ano». Estas palavras aparecem num contexto em que aparece este primeiro gesto como um dos cinco gestos simbólicos da catástrofe iminente durante a qual o profeta se deita 190 dias sobre o lado esquerdo (no versículo 5) e 40 dias sobre o lado direito, «para significar o tempo que duraria o castigo contra os reinos de Israel e Judá»; tratando-se do anúncio da ruína de Jerusalém, que aconteceu no ano 586 como vimos afirmando, e não em 607 a.C. como alegam as testemunhas⁸⁹.

É evidente a manipulação dos textos bíblicos, em função dos objectivos que se pretende alcançar, o que não é admissível do ponto de vista da correcta interpretação das Escrituras.

2.2.1. A presença de Cristo: Ele foi visto no Ano de 1914?

Constitui a crença das testemunhas que a presença de Cristo na terra foi invisível nesse ano. Daí a pergunta: em que base se baseiam as testemunhas para afirmar que Cristo não foi visível no ano de 1914?

As testemunhas servem-se de Actos 1, 9: «Dito isto, elevou-Se à vista deles e uma nuvem subtraiu-O a seus olhos», para justificarem que ninguém tenha visto Jesus em 1914, porque uma nuvem ocultou Jesus aos olhos dos seus apóstolos, e de igual forma tinha de ser, portanto, a Sua vinda, isto é, invisível⁹⁰. Facilmente podemos refutar aquela afirmação, servindo-nos do mesmo livro dos Actos 1, 11: «Homens da Galileia porque estais assim a olhar para o céu? Esse Jesus, que vos foi arrebatado para o Céu, virá da mesma maneira, como agora O vistes partir para o Céu».

⁸⁹ Cf. J. PINTO, *Ano 1914. Que dizem as Testemunhas de Jeová?* 34-35.

⁹⁰ Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* (Fátima: 2005²) 12.

Aliás, na teologia jeovista, encontramos sucessivas contradições como foi referido e constatado acima. Embora parecendo contraditório, reconhecem ou pelo menos afirmam que realmente Jesus foi visto subindo ao Céu. E assim nos dizem as testemunhas: «Conforme mostra o versículo 9, ele desapareceu da vista, sendo a sua partida observada apenas pelos seus discípulos...»⁹¹.

Uma vez que os discípulos O viram partir (afirmam também as testemunhas), a Sagrada Escritura afirma que Cristo virá da mesma maneira, leva-nos a questionar se Jesus realmente viesse em 1914, pelo menos algumas pessoas O deveriam ter visto neste Seu retorno, e ninguém O viu⁹².

Quando as testemunhas apresentam o texto de Mateus 25, 31: «Quando o Filho do homem chegar na sua glória, e com ele todos os anjos, então se assentará no seu trono glorioso», querem pretender afirmar a partir de uma suposição de que Cristo não veria num trono terrestre e que seria inferior aos anjos, e por isso a Sua vinda seria invisível, de forma mais sublime que todos os seres espirituais. Este argumento não tem nenhum valor, porque nem nessa passagem e nem em nenhuma outra se fala de qualquer «trono terrestre» para Jesus⁹³.

Com um olhar muito crítico, quem for leitor assíduo da Bíblia e conhecedor das heresias «jeovistas» facilmente as pode refutar. Insistem a propósito e a despropósito que o seu único objectivo é fazer um estudo bíblico sério. Porém, o que encontramos é um desejo perspicaz de fazer adeptos, fazendo-lhes a lavagem cerebral com um conjunto de citações de textos bíblicos dispersos e descontextualizados, muitas vezes pretendendo confirmar apenas a sua visão sobre a realidade.

⁹¹ TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Raciocínios à base das Escrituras* (São Paulo: Sociedade da Torre de Vigia de Bíblias e Tratados 1985) 435.

⁹² Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* 12.

⁹³ Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* 13.

Para terminarmos esta página sobre a vinda invisível de Cristo que eles tanto defendem apenas para confirmar a sua tese do ano 1914, mencionaremos um dos textos neotestamentários para dizermos como eles interpretam a perícopé a seu favor. Vejamos o texto lucano: «...os homens morrerão de pavor, na expectativa do que vai acontecer ao universo, pois as forças celestes serão abaladas. Então, hão-de ver o Filho do Homem vir numa nuvem com grande poder e glória» (Lc 21, 26-27).

Insistem em afirmar que vir sobre as nuvens quer dizer a mesma coisa que invisibilidade e que o mesmo verbo “ver” neste contexto e noutras passagens semelhantes quer significar apenas o sentido de «perceber» ou «discernir» e não propriamente ver com os olhos físicos⁹⁴. Deste modo afirmam: «Quando Jesus disse que viria em uma nuvem só podia significar que seria invisível aos olhos humanos, mas que pessoas na terra ficariam apercebidas da sua presença. Tais o veriam com seus olhos mentais, discernindo o facto de que ele estava presente»⁹⁵... E no outro seu livro, afirmam: «Em que sentido todo olho o verá? No sentido de que as pessoas discernirão à base dos eventos na terra que ele está presente invisivelmente»⁹⁶.

O que podemos dizer destes dois textos é que eles são interpretados à luz da propaganda das testemunhas e são contraditórios com a verdade cristã sobre a segunda vinda de Cristo que há-de ser visível aos olhos de todos, conforme nos atesta o livro de Apocalipse 1, 7: «Olhai: Ele vem no meio das nuvens! Todos os olhos O verão, até mesmo os que o trespassaram. Todas as nações da terra se lamentarão por causa dele. Sim. Ámen!». Esta perícopé está de acordo com os outros textos do NT. E de facto, mesmo que o verbo ver possa não ter aqui um sentido literal como atestam as

⁹⁴ Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* 13.

⁹⁵ TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Raciocínios à base das Escrituras* 50.

⁹⁶ TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Raciocínios à base das Escrituras* 436.

testemunhas, bem como em Actos 1, 11, que defendem a mesma ideia e que a expressão «todos» possa ter apenas um sentido genérico, estamos no nosso direito de perguntarmos às testemunhas: porquê só os chefes das Testemunhas de Jeová fizeram aquele discernimento de mente, o qual depois tiveram de comunicar a outros?⁹⁷. E, sendo que a vinda de Cristo é um evento de grande importância para toda a humanidade, por que passou despercebida a esta? Claramente, a pretensão «jeovista» de que o regresso de Cristo à terra se deu em 1914, mas que foi invisível, está claramente contra a Sagrada Escritura, e prova elucidativamente que o mesmo regresso ainda não aconteceu. Aliás, Cristo já havia chamado a atenção dos discípulos a não se deixarem iludir com o surgimento do falso messias e comparou a sua vinda como o itinerário visível do relâmpago...: «Olhai que já vos preveni. Por isso, se vos disserem: ‘Ele está no deserto’, não saiais; ‘Ei-lo no interior da casa’, não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do Oriente e brilha até ao Ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem. Onde houver um cadáver, aí se ajuntarão os abutres» (Mt 24, 25-28). Portanto, a vinda de Cristo há-de ser percebida por todos, onde toda a humanidade se encontrar com o seu Redentor para por Ele ser julgada.

2.2.2. Crítica sobre as perspectivas e consequências do Reinado de Cristo a partir de 1914

À volta do ano 1914 encontramos várias perspectivas teológicas das testemunhas sobre esse ano. Uma das perspectivas é que Jesus para começar a reinar, após ter subido ao Céu, teve que esperar à direita de Deus por um determinado tempo. Apresentam alguns textos bíblicos, nomeadamente: Sl 110, 1; Act 2, 34-36 e de Heb 10, 12-13, que se dizem em relação à espera do reino de Cristo com Deus seu Pai, até que ponha os

⁹⁷ Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* 14.

inimigos debaixo dos seus pés⁹⁸. Traduzindo isto, quer significar apenas que Jesus para reinar e voltar a sua atenção do céu à terra teve de esperar à direita de Deus até 1914. Olhemos de perto o alcance de um dos textos que as testemunhas colocam em cima da mesa para reforçar ainda mais a sua tese sobre aquele ano, o texto de Hebreus 10, 12-13: «Cristo, porém, depois de oferecer pelos pecados um único sacrifício, sentou-se para sempre à direita de Deus, esperando, por último, que os seus inimigos sejam postos como estrado dos seus pés». Pegando no verbo esperar pretendem as testemunhas afirmar que Cristo teve de esperar realmente até aquele tempo.

Pretendemos refutar essa tese formulando uma questão: quer dizer então que, até 1914, Jesus não se interessou pela terra? Não quis ou não podia? Perdeu o poder que tinha na terra? E que querem significar as suas palavras quando andava na terra: «Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra»? Aliás, juntamente com estas palavras, o próprio Senhor dirá: «E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 18.20). Não pode, efectivamente, ser só no ano 1914 que Jesus passou a estar connosco e a voltar a sua atenção para a terra. E não pode também o verbo «esperar» em Heb 10, 13 significar que Jesus esperasse pelo ano de 1914 ou outro qualquer para começar a reinar⁹⁹. Porque de contrário o apóstolo Paulo não diria o que disse: «Pois é necessário que Ele reine até que tenha colocado todos os inimigos debaixo dos pés dele. O último inimigo a ser destruído será a morte» (1 Cor 15, 25-26). Esta passagem é análoga àquela de Hebreus, e que nos mostra que Cristo já reinava quando o apóstolo tinha escrito aquilo¹⁰⁰.

⁹⁸ Cf. TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Conhecimento que Conduz à Vida Eterna* (São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados 1995) 96-97.

⁹⁹ Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* 15-16.

¹⁰⁰ Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* 16.

Acerca de tudo isto, o que a Igreja ensina conforme a Tradição e os textos bíblicos neotestamentários é que Cristo não reinava e nem reinou ainda em pleno, porque tal só acontece quando Ele tiver «*colocado todos os inimigos debaixo dos pés dele*» (Satanás continua reinando na terra após a morte e ressurreição de Cristo) e quando Ele «entregar o reino a Deus a seu Pai, depois de ter destruído todo o principado, toda a dominação e poder» (1 Cor 15, 24)¹⁰¹.

Existem evidências na Bíblia com factos concretos que narram que Jesus, após ter subido ao Céu, não teve de esperar pelo ano de 1914 para voltar a sua atenção para a terra, ou «exercer autoridade sobre ela». Assim o narram de uma forma inequívoca várias passagens dos Actos que revelam aparições de Jesus com suas instruções a Paulo e a Ananias: Act 9, 4-6.10-17; 18, 9-10; 22, 6-21; 23, 11; 26, 14-19. Vejamos dois destes textos começando por Act 23, 11: «Na noite seguinte, o Senhor apresentou-se diante dele (Paulo) e disse-lhe: “Coragem! Assim como deste testemunho de mim em Jerusalém, assim é necessário que o dêes também em Roma”». O outro é de Act 9, 10-11: «Havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. O Senhor disse-lhe numa visão: “Ananias!” Respondeu: “Aqui estou, Senhor.” O Senhor prosseguiu: “Levanta-te, vai à casa de Judas, na rua Direita, e pergunta por um homem chamado Saulo de Tarso, que está a orar neste momento”»¹⁰².

Estes textos referenciados e citados dizem-nos que o Ressuscitado continua presente na história da Igreja nascente como O havia prometido: «...estarei convosco até ao fim dos tempos». De facto, toda esta abordagem nos leva a concluir que as afirmações das testemunhas não têm nenhuma fundamentação bíblica, e são, portanto, contrárias à Bíblia e a Cristo.

¹⁰¹ Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* 16.

¹⁰² Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* 17.

Já afirmámos que não houve nenhum ano de 1914 descrito na Bíblia, mas antes surgiu como um número do malabarismo dos cálculos das testemunhas. Esta é a primeira constatação. A segunda é que vamos lembrar quais as consequências desse reinado e apresentar também as refutações.

Constitui a crença das testemunhas que o primeiro acto de Jesus como Rei celestial em 1914 foi a expulsão de Satanás e seus anjos demoníacos para as vizinhanças da terra, motivo pelo qual passou a haver mais calamidade na mesma (Apocalipse 12, 9). Que podemos dizer disto? Que significa isto? Conforme as testemunhas, os seguidores de Satanás permaneceram no Céu até 1914 e só a partir daí foram expulsos. Esta afirmação não tem lógica e entra em contradição com a própria Sagrada Escritura ao afirmar que a expulsão dos mesmos se deu logo quando eles se rebelaram contra Deus. E é impensável Deus manter Satanás no Céu até essa data. Podemos lê-lo em 2 Pe 2, 4: «Com efeito, Deus não poupou os anjos que pecaram mas, precipitando-os no Inferno, entregou-os a um fosso de trevas, onde estão reservados para o Juízo»¹⁰³.

Uma outra consequência deste ano é sobre a questão da ressurreição dos mortos. Afirmam que com a presença invisível de Cristo em 1914 aconteceu já a ressurreição de alguns mortos, dentre eles os apóstolos e outros cristãos primitivos ressuscitados para a vida celestial. Conforme a visão deles, «os cristãos ungidos fiéis», isto é, as testemunhas, já participaram também desta ressurreição, a qual teve o seu início em 1918, após a presença de Cristo em 1914, que marcou uma nova era para os ungidos fiéis, ou seja, todos eles «ao morrerem, ressuscitam imediatamente» para a vida celestial. Diante desta afirmação, não podemos deixar de fazer algumas considerações. A primeira é perguntar-lhes que provas têm dessa ressurreição? A segunda é que sendo a ressurreição dos mortos um acontecimento extraordinário de grande êxito para toda a

¹⁰³ Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* 18.

humanidade, não lhe podia passar despercebido e ser só discernido pelas testemunhas (alguns chefes na América) e só depois pelo resto da humanidade. Daí que a ressurreição dos mortos acontecerá na vinda de Jesus: «E, como todos morrem em Adão, assim em Cristo todos voltarão a receber a vida. Mas cada um na sua própria ordem: primeiro, Cristo; depois, aqueles que pertencem a Cristo, por ocasião da sua vinda» (1 Cor 15, 23). Os cristãos católicos identificam a ressurreição dos homens com a vinda de Cristo, contrariamente às testemunhas que a identificam com a presença espiritual de Cristo, o que não está conforme o espírito e nem à letra bíblicos. Daí podemos dizer que, segundo a fé católica, nem os apóstolos Pedro e Paulo ressuscitaram, nem outros cristãos primitivos, e nem os fiéis ungidos, porém, todos aguardam a última ressurreição que está para vir¹⁰⁴.

As conseqüências ou as perspectivas à volta do ano 1914 não fazem sentido pelo facto de a própria Sagrada Escritura nos indicar os sinais que Jesus não voltou à terra em 1914, porque a sua vinda seria precedida por alguns sinais já traçados por Ele, e então só depois se daria a sua vinda e seria o fim: anúncio do evangelho em todo o mundo (Mt 24, 14); o surgimento de falsos profetas e das calamidades diversas (Mt 24, 6-8.24; Lc 21, 11; Mc 13, 7-8.21-27; o aparecimento do «filho da perdição» que fará grandes prodígios com a intenção de enganar a muitos (2 Ts 2, 3-11); a conversão do povo judeu (Rm 11, 26-27; Act 3, 19-20). Não se verificaram efectivamente realizações plenas destes pontos e pode-se constatar ainda o não cumprimento da reintegração do povo judeu, como o apóstolo Paulo nos narra e o surgimento do filho da perdição que precedem a vinda de Cristo¹⁰⁵. Vejamos o texto sobre a reintegração do povo judeu de que São Paulo nos fala em Romanos 11, 26-27: «E é assim que todo o Israel será salvo,

¹⁰⁴ Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* 19.

¹⁰⁵ Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* 20-21.

de acordo com o que está escrito: Virá de Sião o libertador, que afastará as impiedades do meio de Jacob. Esta é a aliança que Eu farei com eles, quando lhes tiver tirado os seus pecados».

Sobre a salvação dos judeus, as testemunhas têm uma concepção diferente. Afirmam que apenas os judeus individuais podem usufruir da «salvação que se torna possível por meio de Jesus», e não a salvação de «todo o Israel». Ou seja, para as testemunhas, o texto citado de Romanos não significa que vai haver a conversão geral dos judeus de Israel à fé em Cristo, porque como povo que é, já não «goza do favor especial de Deus», pois como dizem «Jeová rejeitou e abandonou aquela congregação». Quanto a esta posição das testemunhas só podemos refutá-la e dizer que não está conforme a teologia paulina. Paulo apresenta-nos alguns traços desse povo: a salvação de Israel há-de acontecer quando os gentios tiverem entrado todos (Rm 11, 25); eles serão enxertados na sua própria oliveira (11, 24); Israel continua sendo amado por Deus, pois Ele não rejeitou o seu povo (11, 1-2). Diz claramente o texto aos Romanos: «No que diz respeito ao Evangelho, eles são inimigos, para proveito vosso; mas em relação à eleição, são amados devido aos seus antepassados. É que os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis» (11, 28). Neste seguimento, alguns autores afirmam que o texto matiano sobre a lamentação de Jesus sobre Jerusalém: «Eu vos digo que não voltareis a ver-me até que digais: *Bendito o que vem em nome do Senhor*» (Mt 23, 39) - quer mostrar a conversão dos judeus que culminará com a adoração e o reconhecimento de Jesus como Filho de Deus, o Messias. Esta conversão certamente há-de preceder a vinda de Cristo à terra¹⁰⁶.

Em suma, podemos afirmar o seguinte: não faz parte da revelação bíblica que Jesus tenha retornado à terra em 1914 e que só a partir daí Satanás e seus anjos tenham

¹⁰⁶ Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz... 23-24.*

sido expulsos, como também é falsa a tese da ressurreição de alguns cristãos inclusive as testemunhas nesse ano. Tudo isso é falso pelas razões acima apresentadas¹⁰⁷.

¹⁰⁷ Cf. J. SILVA, *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* 24-25.

CAPÍTULO TERCEIRO

OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA: O SÁBADO

Neste ponto da dissertação vamos apresentar uma releitura sobre a fundação histórica dos Adventistas do Sétimo Dia (primeira parte) e refutar a acusação que fazem à Igreja Católica de arbitrariamente substituir o sábado judaico pelo domingo. Mostraremos que não se trata disto, mas que o fundamento do domingo se encontra na própria Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja (segunda parte).

3.1. Breve apresentação histórica

O nome oficial é a «Igreja dos Adventistas do Sétimo Dia». O fundador do movimento adventista foi William Miller, um estudioso da Bíblia, que viu o fim do mundo no livro de Daniel 8, 14: «Ele me disse: "Isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será reconsagrado"¹⁰⁸. Precisamente em 1816, quando comparava os textos sagrados entre si, tirou uma conclusão, cuja segunda vinda de Cristo se apontaria para 1843, sendo que, na base deste cálculo, estaria a referência dos 2300 dias mencionados em Daniel, tidos como anos, que ele começava a contar a partir do retorno de Esdras a Jerusalém, isto é, a partir de 457 a.C., com o decreto de Artaxerxes sobre a reconstrução de Jerusalém¹⁰⁹.

Deste modo, num processo de simples aritmética, partindo do princípio que um dia equivale a um ano, Miller concluiu que o período profético terminaria em 1843 o

¹⁰⁸ Cf. C. MANZANARES, *As Seitas perante a Bíblia* 90.

¹⁰⁹ Cf. F. AQUILINO, *Falsas Doutrinas: Seitas, Religiões* (Lorena: Editora Cléofas 2004) 82-83.

que significa que $2300-457=1843$, ou seja, o fim do mundo, portanto, haveria de se concretizar necessariamente nesse ano ¹¹⁰.

Na verdade, a data que Miller apontava para a vinda de Cristo passou sem que se cumprisse. Será, pois, o discípulo dele, Snow que vai refazer o cálculo defendendo que o ano hebreu não correspondia ao ano cristão; donde o termo preciso da segunda vinda de Cristo seria o dia 22 de Outubro de 1844. É por esta ocasião que os seguidores de Miller se chamariam de «adventistas». Entretanto, esta nova data decorreu sem que a profecia se cumprisse e o entusiasmo de muitos discípulos arrefeceu ¹¹¹.

Embora o movimento tenha arrefecido, o contributo de Hiram Edson, um dos membros e intérprete do movimento adventista, foi decisivo para mantê-lo de pé. É desta forma que o movimento dos adventistas foi salvo a 23 de Outubro de 1844 com o suposto milagre, em que numa visão Edson via Cristo chegar junto a um altar celestial. O movimento estava já salvo, porque segundo o mesmo, esta visão confirmava a verdade sobre a profecia de Miller, no que se referia à chegada de Cristo: já não à terra, como o precursor do movimento defendia, mas a um outro lugar, no céu ¹¹².

Surge depois uma figura ardorosa, que, também, confirma a visão de Edson. Estamos a falar de Ellen Gould White, que era metodista quando aderiu à pregação de Miller, e esperava que a vinda de Cristo acontecesse em 1844 ¹¹³.

Esta data de 1844 é considerada de suma importância para os adventistas, porque nela se consumou mais uma etapa de sacrifício de Cristo na Cruz. Esta afirmação está em contraste com a fé cristã, porque a mesma acredita que, quando Cristo afirmou que

¹¹⁰ Cf. J. NEVES, *Deus Existe? Uma viagem pelas religiões* (Lisboa: Editorial Presença 2012¹) 364.

¹¹¹ Cf. F. AQUILINO, *Falsas Doutrinas: Seitas, Religiões* 83.

¹¹² Cf. C. MANZANARES, *As Seitas perante a Bíblia* 91.

¹¹³ Cf. F. AQUILINO, *Falsas Doutrinas: Seitas, Religiões* 83.

«tudo está consumado» (Jo 19, 30), queria significar precisamente que a sua obra estava realmente cumprida, e que não se devia esperar 1800 anos para que a obra de Cristo na Cruz passasse à segunda etapa. Esta fé dos adventistas vai contra a fé dos católicos, protestantes e ortodoxos, que aceitam literalmente o Evangelho de S. João 19, 30¹¹⁴.

É certo que os adventistas não deixaram posteriormente de avançar com novas datas para o fim do mundo. Com a morte de Miller, será Ellen White que irá dinamizar o movimento. Ela e os seus escritos têm um grande peso para os adventistas, porque ela é vista como o «segundo João Baptista e a precursora da segunda vinda de Cristo». Será com ela que o movimento passará a observar obrigatoriamente as prescrições do sábado e da dieta alimentar¹¹⁵.

Os adventistas afirmam que um dos dons do Espírito Santo é a profecia, um dom característico da igreja remanescente, isto é, o resto fiel à chamada de Deus. E reconhecem que esse dom esteve presente na vida de White. E como mensageira, ou profetiza de Deus, os seus escritos são uma fonte de verdade autorizada, de instrução e correcção à Igreja. Não são escritos absolutos *per se*, mas estão em função da Bíblia como *norma non normata*, norma pela qual todo o ensino deve-se submeter¹¹⁶.

A partir desta afirmação, não resta dúvida que os adventistas reconhecem tanto o papel da profetisa Ellen que exigem a fé não somente nas Escrituras como também no espírito de profecia da mesma¹¹⁷. Isto mostra a própria contradição da seita quando defende no seu proselitismo, como dado de fé e de revelação, somente a Sagrada Escritura, o que não corresponde à verdade como se vê.

¹¹⁴ Cf. C. MANZANARES, *As Seitas perante a Bíblia* 91.

¹¹⁵ Cf. C. MANZANARES, *As Seitas perante a Bíblia* 91.

¹¹⁶ Cf. ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, *Manual de Igreja* (Sabugo: Publicadora Servir, S. A. 2008¹⁷) 42.

¹¹⁷ Cf. F. AQUILINO, *Falsas Doutrinas: Seitas, Religiões* 83.

Podemo-nos perguntar: ter-se-ão os adventistas enganado e percebido erradamente a mensagem de Deus a respeito da matéria? Terá sido uma invenção a partir dos números simbólicos da Bíblia? São questões em aberto. Mas o certo é que Deus não engana e nem se engana. Na Sagrada Escritura, vemos de uma forma evidente que a mensagem do profeta transporta consigo sempre a confirmação de Deus, através da realização da sua Palavra em favor do seu povo: «Mas o Senhor replicou: “Esses profetas falsamente vaticinam em meu nome: não os envie, não lhes dei ordens, não lhes falei. Visões mentirosas, oráculos vãos, fantasias e enganos do seu coração, eis o que profetizam!”» (Jr 14, 14).

3.2. O sétimo dia segundo os adventistas

Das 27 crenças fundamentais do adventismo, a crença no sábado entra na 19ª secção da verdade de fé e de ensinamento dos adventistas. O sábado surge como dádiva do próprio bondoso Criador que o deu à humanidade após os seis dias de criação. Ele descansou no sétimo dia e instituiu o sábado para todos os homens, como memorial da criação, fazendo parte do quarto mandamento da imutável lei de Deus. É da sua vontade que todos o guardem como dia de descanso, adoração e ministério, «em harmonia com o ensino e a prática de Jesus, o Senhor do sábado... [este] é o sinal perpétuo do eterno concerto de Deus com o Seu povo. A prazerosa observância deste tempo sagrado duma tarde a outra tarde, do pôr-do-Sol ao pôr-do-Sol, é uma celebração dos actos criadores e redentores de Deus»¹¹⁸.

Após Deus ter completado a sua obra e ver que tudo era muito bom (Gn 1, 31), faltava, porém, uma perfeita comunhão com Deus ao par recém-criado. Daí, Deus na

¹¹⁸ ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, *Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem... Uma Exposição Bíblica de 27 Doutrinas Fundamentais* (Publicadora Atlântico, S. A.) 240.

sua bondade, oferece o maior dom que podia ser oferecido, que era a graça de uma relação pessoal com Ele. Esse dom não é outra coisa senão o sábado: «um dia especial de bênçãos, companheirismo e comunhão com o seu Criador»¹¹⁹.

Não se pode, pois, adorar a Deus sem observar o sábado, porque está no centro da adoração e é memorial da criação porque não se perde de vista a grande verdade: ao observá-lo, as criaturas estão a adorar o criador. E isto constitui, sem dúvida, uma verdade perene, pelo que o sábado está na génese da nossa identidade de adoradores. E aí está, pois, a razão da sua instituição em vista da adoração a Deus e de uma íntima relação de comunhão com Ele. E, cumprindo o mandamento do sábado, dado como dom de Deus à raça humana, esta passa a experimentar já na terra a realidade do céu¹²⁰.

Vejamos três aspectos como fases que justificam a criação do Sábado, em simultâneo com a teologia sabática, apresentada pelos Adventistas do Sétimo Dia:

1º Deus descansou no Sábado. A forma verbal «descansou» é *shabath*, que significa literalmente «cessar» o trabalho ou a actividade (Gn 8, 22). Daí que, quando se fala no descanso de Deus, não quer dizer necessariamente que Ele tinha de fazê-lo devido ao cansaço ou a fadiga, mas diz respeito a outra ordem. É neste sentido que vamos tentar desvelar de que ordem então se trata. Trata-se, pois, de dar exemplo aos humanos para descansarem também do seu trabalho (Ex 20, 11), pois Deus não precisa e nem necessita Ele próprio de descansar, porque o descanso tem a ver com a conclusão da ocupação da criação nos seis dias. Ele quer que o homem olhe para o sábado como um dia de descanso, porque o próprio criador descansou no sétimo dia¹²¹.

¹¹⁹ Cf. ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, *Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...* 241.

¹²⁰ Cf. ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, *Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...* 241.

¹²¹ Cf. ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, *Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...* 241-242.

A teologia adventista chama a nossa atenção sobre o relato da criação, colocando uma questão: «se Deus acabou a criação no sexto dia (Gn 2, 1), que quer dizer a Escritura com as palavras “havendo Deus acabado, no sétimo dia, a sua obra”?» A resposta está em que os seis dias foram a conclusão da criação dos céus e da terra e, no sétimo dia, ocorreu a criação do sábado e o descanso de Deus nesse mesmo dia, que acabara de criar. Donde o sábado constitui a perfeição da sua obra¹²².

2º Deus abençoou o Sábado. Olhando para trás sobre o que acabámos de afirmar acerca da instituição divina do sábado, segue-se o momento de falarmos da bênção do sétimo dia, que se reveste de um bem, àquilo que os adventistas denominariam «objecto especial do favor divino» e de um dia que traz uma marca indelével da bênção de Deus às suas criaturas¹²³.

3º Deus santificou o Sábado. O verbo santificar diz em si já que o sábado é santo, porque lhe foi dado um estatuto especial, e esse estatuto é a sua consagração e a sua santificação, e, como tal, é digno de reverência e cumprimento pela criatura. O facto de haver um sábado santo significa que este dia foi separado dos outros dias, escolhido e elevado por Deus como um único objectivo de enriquecer a verdadeira relação de comunhão humano-divino. O sábado é santificado por Deus porque nesse dia Ele próprio descansou das suas obras e o ofereceu como graça à humanidade a fim de lhe render homenagem e reconhecer nela a sua presença¹²⁴.

¹²² Cf. ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, *Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...* 242.

¹²³ Cf. ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, *Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...* 242.

¹²⁴ Cf. ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, *Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...* 242.

3.3. Porquê o sétimo dia na doutrina adventista

Por incrível que possa parecer, inicialmente, os adventistas não incluíram na sua armadura doutrinal nenhuma referência obrigatória do cumprimento do sábado. A questão surgiu quando um capitão aposentado da marinha, John Bates, chegou à conclusão pela leitura de um periódico que o dia de descanso semanal obrigatório que o cristão deveria observar era o sétimo dia, o sábado. Neste sentido, o mesmo entrou em contacto com uma comunidade de adventistas em New Hampshire, que estava à volta de uma mulher de nome Rachel Oakes, que também se entusiasmou com o assunto, mostrando-se favorável. Bates ao ver que a sua intuição fora confirmada, escreveu os folhetos, apresentando o tema sobre o sábado já muito próximo dos adventistas da actualidade¹²⁵.

Que fique claro: a história mostra que o factor decisivo para a incorporação do sábado na seita adventista não se deve a estes dois leigos, nem à Bíblia (quanto a esta afirmam que tudo parte dela, mas não é o que se nota) mas a uma visão da revelação da profetisa Ellen White. Parece que em 1847, precisamente «entre a publicação do primeiro e do segundo folheto de Bates», ela entrou, supostamente, em êxtase no Santíssimo no Santuário celestial, em que contemplou os dez mandamentos «com uma auréola de especial resplendor que rodeava o mandamento do Sábado». E uma vez confirmada a visão, ninguém contradisse a senhora White¹²⁶.

Neste sentido, os Adventistas do Sétimo Dia mostram uma atenção especial para com o sábado, uma vez que a Bíblia o promulga como o dia sagrado instituído pelo próprio Deus, para que o homem o observe (Ex 20, 10).

¹²⁵ Cf. C. MANZANARES, *As Seitas perante a Bíblia* 119.

¹²⁶ Cf. C. MANZANARES, *As Seitas perante a Bíblia* 120.

3.4. Sentido do domingo: sinais da Bíblia e da Tradição

Vamos fundamentar a mudança do sábado para o domingo a partir da Bíblia e à luz da Tradição mais primitiva. A Igreja tem tudo a ver com a Bíblia e ela não a relega para o segundo plano, mas imbuí-se dela para ser mais fiel a Deus e anunciá-lo aos demais cristãos¹²⁷.

A Igreja não é uma instituição do livro. Ela é um acontecimento *histórico* em que a Bíblia é fundamental, mas não exclusiva, pois que a vontade ou o desígnio de Deus fala pela Bíblia e pela história de Jesus Cristo. E como [ele] não escreveu nada, não mandou escrever nada, mas apenas pregar, ensinar, baptizar, é a sua vida e o seu ensino que determina o futuro da Igreja e o seu processo histórico¹²⁸.

Neste ponto do estudo, refutaremos a acusação adventista de que a razão segundo a qual a Igreja muda o sábado para o domingo se fundamenta na sua arbitrariedade, motivada pela influência do demónio, que fará todos os esforços para derrotar o sábado, como uma instituição sagrada (a forte influência do culto do sol, o sentimento antijudaico por parte da Igreja de Roma, o decreto constantiniano dominical e a sua arbitrariedade)¹²⁹.

W. Rordorf admite na sua tese, contra a tese de S. Bacchiocchi, que não há uma dependência do domingo cristão para com o culto de Mitra, ou do deus Sol, que se encontra na antiguidade greco-romana a partir do séc. I d.C. Daí afirma ele ser uma

¹²⁷ Cf. J. NEVES, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia* 129.

¹²⁸ Cf. J. NEVES, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia* 129.

¹²⁹ Cf. ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, *Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...* 250-251.

hipótese mal fundada supor «uma originária influência do culto solar sobre o domingo cristão»; pode-se admitir no entanto uma influência secundária¹³⁰.

A observância do domingo nas comunidades cristãs não apareceu de maneira alguma como uma oposição ao sábado, nem como uma oposição aos judeus, como defendem os adventistas.

Já Eusébio refutava aqueles que pensassem que a Igreja era preconceituosa em relação ao sábado, quando se referia a respeito da seita dos ebionitas cristãos¹³¹: «O mesmo que aqueles [ebionistas judeus] observavam o sábado e as demais disciplinas judaicas. Sem dúvida, aos domingos celebravam os ritos semelhantes a nós em memória da ressurreição do Salvador» outros mas, como nós, celebrava o Dia do Senhor em memória da Ressurreição do Salvador»¹³².

Desta perícopes se vê claramente que a observância do domingo não tem nada a ver com uma solenidade antijudaica, mas provém de um costume de Jerusalém, isto é, observa-se o domingo em memória do Senhor Ressuscitado¹³³.

Quanto à questão da arbitrariedade. O domingo existiu na Igreja na comunidade apostólica como memória de Cristo ressuscitado, e não por uma imposição da Igreja.

¹³⁰ Cf. W. RORDORF, “Domingo” in ANGELO DI BERARDINO, *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs* (Petrópolis: Vozes 2002) 424.

¹³¹ Os ebionistas eram um grupo que tinham de Cristo pensamentos pobres e de baixa estima, que Cristo era apenas um homem feito da união de um homem e de Maria. Vivem da lei porque só a fé não salvaria. Os ebionistas judeus caracterizam-se por acreditarem que Jesus foi dado à luz por Maria sob a acção do Espírito Santo, mas também negam a sua existência eterna como os ebionistas cristãos (cf. EUSEBIO DE CESAREA, *Historia Eclesiástica I* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos 1973) Libro III, 27,1, 167-168.

¹³² EUSEBIO DE CESAREA, *Historia Eclesiástica I* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos 1973) Libro III, 27,5, 168.

¹³³ Cf. J. BAUER, *Dicionário de Teologia Bíblica* (São Paulo: Loyola, Volume I 1973) 311.

Afirmar o contrário é não ter presente os textos do NT e a verdade da Tradição da Igreja.

A partir de cruzamentos das fontes de Ireneu, Justino e Eusébio, pode-se afirmar em perfeito acordo como o sábado era ainda observado pelos judeo-cristãos, isto é, os judeus convertidos a Cristo. Porém, isto não se passa com os helenistas, pois foram os do grupo de Estêvão os primeiros a não observarem algumas leis, incluindo também o sábado, atraindo deste modo a si uma forte perseguição¹³⁴: «...Aí apresentaram falsas testemunhas que declararam: ‘Este homem não cessa de falar contra este Lugar Santo e contra a Lei, pois ouvimo-lo afirmar que Jesus, o Nazareno, destruiria este lugar e mudaria as regras que Moisés nos legou’ (Act 6, 13-14)».

Nas comunidades fundadas por Paulo encontramos sinais que nos levam a crer que não observavam o sábado. O texto bíblico aos Gálatas 4, 8-11 atesta isso: «...¹⁰Observais os dias e os meses, as estações e os anos! ¹¹Temo, a vosso respeito, que afinal tenha sido em vão o trabalho que suportei por vós». Na verdade, em Cristo tudo se cumpriu; e se alguém quisesse ainda permanecer nas antigas festas judaicas, como sombras da realidade que é Cristo (cf. Col 2, 16), recairia na Antiga Aliança e menosprezaria a Nova Aliança, pondo a sua própria vida de fé em perigo¹³⁵.

Outras fontes como os escritos de Santo Inácio aos Magnésios, de Barnabé, de São Justino, nos *Diálogos*, e de Santo Ireneu, no *Adversus Haeresis* dão-nos conta de que a tradição da Grande Igreja a partir do séc. II, deixou de guardar o sábado para observar o domingo¹³⁶.

¹³⁴ Cf. W. RORDORF, “Sábado” in DPAC 1237.

¹³⁵ Cf. J. BAUER, *Dicionário de Teologia Bíblica* 311.

¹³⁶ Cf. W. RORDORF, “Sábado” in DPAC 1237.

E de facto Santo Inácio de Antioquia na sua referida carta mostra que, na vida da Igreja primitiva, o domingo chegou a ter o mesmo sentido que o sábado no judaísmo:

«[Os judeus] que tinham vivido segundo a lei antiga abraçaram a nova esperança, não observando mais o sábado, mas vivendo segundo a lei do Senhor, em que, por meio do Senhor e da sua morte, teve princípio a nossa vida...»¹³⁷.

Podemo-nos perguntar: mas o que está na raiz desta motivação da Grande Igreja? Normalmente são apresentadas três razões mais frequentes: **a)** o sábado era desconhecido dos patriarcas do Antigo Testamento. «Moisés – com outras leis cerimoniais – o deu ao povo judaico como punição pela desobediência ou como preparação ao cumprimento que se daria em Cristo». Os escritos de S. Justino e de Sto. Ireneu, e outros padres da Igreja vão nesta linha. E quanto ao sábado como cumprimento em Cristo, podemos aí também conferir o texto paulino: «Por isso, não vos deixeis condenar por ninguém, no que toca à comida e à bebida, ou a respeito de uma festa, de uma Lua-nova ou de um sábado. Tudo isto não é mais que uma sombra das coisas que hão-de vir; a realidade está em Cristo» (Cl 2, 16-17); **b)** Com a presença de Cristo o permanecer no sábado tornou-se exteriormente ocioso durante um dia, tornou-se secundário. Realmente o mais importante é cessar de servir o pecado não já «apenas um dia» mas por toda a vida. Guardam o verdadeiro sábado, aqueles que, seguindo a Cristo, louvam a Deus com o culto sacerdotal e amam o próximo, *com a caridade de Cristo*; **c)** Os cristãos esperam por um sábado definitivo, no qual participarão no perfeito descanso e paz em Deus (cf. Heb 4, 9-11)¹³⁸.

¹³⁷ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *As Cartas: 'Carta aos fiéis de Magnésia'* (Lisboa: Paulistas 1960) 153-154.

¹³⁸ Cf. W. RORDORF, "Sábado" in DPAC 1237.

A ressurreição de Cristo é o âmago dos cristãos. Estes fazem a memória de Cristo ressuscitado no domingo, por ter sido na manhã da Páscoa que Ele ressuscitou para Deus seu Pai. Neste sentido, a celebração dominical aparece um pouco como uma criação da própria Igreja cristã primitiva: «No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em sua casa, o que tiver conseguido poupar, para que, à minha chegada, não se tenha ainda de fazer a colecta» (1 Cor 16, 2).

Olhemos para alguns elementos simbólicos do domingo. O primeiro elemento é ver o domingo como *Dia do Senhor*. Esta é a nova denominação deste dia, e pela primeira vez é atestada em Ap 1, 10: «No dia do Senhor, o Espírito arrebatou-me e ouvi atrás de mim uma voz potente como de trombeta». Este dia tem uma forma análoga a ‘ceia do Senhor’ de 1 Cor 11, 20. Os cristãos recordam o Senhor Ressuscitado nesse dia. Tertuliano lembra-nos que todos os cristãos tomam parte nessa celebração sob risco de perigo de vida. O segundo elemento é olhar o domingo como o *Oitavo Dia*. Esta expressão que aparece em alguns padres da Igreja, quer mostrar que a essência do domingo transcende a realidade semanal, e sendo assim, abre uma janela sobre a eternidade¹³⁹; ou seja: ... o domingo situado, relativamente à sucessão septenária dos dias, numa posição única e transcendente, evocadora não só do início do tempo, mas também do seu fim no século futuro... a celebração do domingo, dia simultaneamente o primeiro e o oitavo, orienta o cristão para a meta da vida eterna»¹⁴⁰. O terceiro elemento é olhar o domingo como o Primeiro Dia. É a denominação dada ao domingo na tradição judaica e nos próprios evangelhos. Confirmamos os textos: Mc 16, 2: «De manhã, ao nascer do sol, muito cedo, no primeiro dia da semana, foram ao sepulcro»; Jo 20, 19:

¹³⁹ Cf. W. RORDORF, “Domingo” in DPAC 425.

¹⁴⁰ JOÃO PAULO II, *O Dia do Senhor. Carta Apostólica sobre a Santificação do Domingo* (Prior Velho: Paulinas 2004⁶) 31.

«Ao anoitecer daquele dia, o primeiro dia da semana, estando fechadas as portas do lugar onde os discípulos se encontravam, com medo das autoridades judaicas, veio Jesus, pôs-se no meio deles e disse-lhes: ‘A paz esteja convosco!’». A semana cristã inaugura-se por esta razão no domingo. E isto devia fazer pensar à actual sociedade moderna consumista, que faz tudo e mais alguma coisa ao domingo, menos vivê-lo como um dia cristão por excelência¹⁴¹.

Quanto à questão dos adventistas de que tanto Jesus como Paulo e os apóstolos guardavam o sábado, para dar exemplo aos cristãos que viriam posteriormente, não é um argumento coerente a partir dos textos neotestamentários.

Em relação a Jesus, efectivamente, ele o cumpriu zelosamente, pois era judeu e até Ele chegaram a lei e os profetas (Mt 11, 13), isto é, estava sujeito pela lei até à sua ressurreição. Ele foi circuncidado como judeu e os adventistas não argumentam que essa seja uma obrigação para eles que dizem ser cristãos. E, no que toca à pessoa de Paulo, de facto, os textos falam-nos dele a visitar as sinagogas em dia de sábado, não significando, porém, que se considerasse sujeito a ele, mas ao ir às sinagogas nesse dia, o apóstolo quer que os judeus cheguem ao conhecimento da verdade e da salvação em Cristo. Se quisermos, podemos dizer que o apóstolo pretende evangelizar, chegar aos judeus, porque é nesse dia que se reúnem os judeus. Aliás, quando os adventistas vão às outras igrejas e confissões em dia de domingo para fazer proselitismo, podemos dizer que guardam o domingo? Não. É o que Paulo fazia. O apóstolo quando cumpria a lei tinha sempre em mente o princípio de não causar escândalo aos judeus (1 Cor 9, 19-23). Para o apóstolo, viver é viver segundo o espírito de Cristo, viver para a vida nova de espírito e não segundo a lei. Ele vai afirmar que os cristãos já não estão submetidos aos

¹⁴¹ Cf. W. RORDORF, “Domingo” in *DPAC* 425.

preceitos dos judeus, inclusive, os sábados (Cl 2, 16). A verdade aqui é que o apóstolo fala na generalidade querendo incluir sem exceção também o sábado semanal¹⁴².

Nos textos do primeiro milênio encontramos claras referências sobre a teologia da prática do domingo. É São Justino que fala sobre a liturgia dominical, de que apresentaremos uma parte do conteúdo:

Celebramos essa reunião geral [memória dos apóstolos, escritos dos profetas, exortação, preces, acção de graças aos dons pão e vinho e sua distribuição já como Corpo e Sangue de Cristo e a colecta para a comunidade e os mais necessitados] no dia do sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos. Com efeito, sabe-se que o crucificaram um dia antes do dia de Saturno, ele apareceu a seus apóstolos e discípulos, e nos ensinou essas mesmas doutrinas que estamos expondo para vosso exame¹⁴³.

No NT, não encontramos, é certo, nenhuma referência explícita sobre a observância do domingo. E aqui têm razão os adventistas ao citar o cardeal James Gibbons e o protestante A. T. Lincoln que afirmam num sentido geral que as Sagradas Escrituras não oferecem nenhuma norma da mudança da santificação do sábado para o primeiro dia da semana, o domingo. Concluindo, esta não foi a pretensão do NT¹⁴⁴.

¹⁴² Cf. C. MANZANARES, *As Setas perante a Bíblia* 123.

¹⁴³ JUSTINO DE ROMA, *I e II Apologias: Diálogo com Trifão* (São Paulo: Paulus 1995¹) 83-84. As partes que estão entre parêntesis não fazem parte da citação do autor, mas são elementos interpretados a partir do texto com algumas modificações de ordem e de algumas palavras, que ajudam a perceber em que consiste essa reunião. Por exemplo o texto não fala no Corpo e Sangue de Cristo, mas da participação dos alimentos consagrados: pão, vinho e água, e dá a entender claramente que é essa a ideia.

¹⁴⁴ Cf. ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, *Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...* 250.

Algum contacto feito com os textos bíblicos, leva-nos, também, a afirmar isso. Contudo, a pedra de toque não se trata em encontrar citações normativas idênticas aos de sábado, porque tais não existem. Mas o certo é que o domingo se impôs à Igreja, e não esta àquele, como os adventistas pensam. Quando acusam a Igreja de alterar a lei divina, não corresponde de maneira nenhuma à verdade dos factos. Muito pelo contrário, foi Deus que deu o domingo, o dia da nova criação da humanidade, não já fazendo memória da criação pelo sábado, mas fazendo memória de Cristo Ressuscitado ao Domingo, celebrando a Eucaristia.

3.5. Crítica à posição dos adventistas

Há efectivamente no NT um conjunto de dados que nos revela que o domingo ganhou, diríamos nós, um estatuto especial (posição negada pelos adventistas), como dia memorativo e comemorativo do Ressuscitado, ou seja, os cristãos dão uma atenção especial já não ao sábado, sétimo dia, no qual Deus descansou do seu trabalho, mas ao domingo porque, ao oitavo dia, isto é, ao Domingo ressuscitou o seu Filho Jesus Cristo, renovando a sua primeira criação que havia sido corrompida com o pecado de Adão. Os cristãos diante destes factos não podiam ser indiferentes ao Domingo.

O próprio Senhor Jesus mostrou ser Senhor do próprio sábado falando dele com autoridade: «O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado. O Filho do Homem até do sábado é Senhor» (Mc 2, 27-28). Com isto Jesus quer mostrar que o sábado está ao serviço do homem, e não o homem ao serviço do sábado, pois, na verdade, o que realmente conta é o homem feito à imagem e semelhança de Deus e não propriamente o sábado, que está sujeito ao homem, visto que é ele que é sagrado e não o sábado. Já o profeta Isaías falava da necessidade do homem ter um coração puro e viver segundo a imagem que lhe foi impressa por Deus, e não propriamente dar uma atenção cega ao sábado sem cuidar daquela vida interior: «Não me ofereçais mais dons inúteis: o

incenso é-me abominável; as celebrações lunares, os sábados, as reuniões de culto, as festas e as solenidades são-me insuportáveis. Abomino as vossas celebrações lunares, e as vossas festas; estou cansado delas, não as suporto mais» (Is 1, 13-14)¹⁴⁵.

Vejamos de perto alguns textos com os grandes reconhecimentos da comunidade cristã sobre o domingo, que nos apresentam Cesar Vidal Manzanares¹⁴⁶:

1º Cristo ressuscitou no domingo, o primeiro dia da semana judaica (Jo 20, 1), tornando esse dia especial para os cristãos.

2º É ao domingo que o Ressuscitado aparece pela primeira vez aos seus discípulos (Jo 20, 11ss).

3º É ao domingo que se dá a segunda aparição (Jo 20, 26ss). Esta repetição da aparição sempre ao domingo gerou uma expectativa nos cristãos que Cristo voltaria a aparecer no decorrer de uma celebração eucarística, «precisamente ao Domingo. Mais uma prova de que os cristãos guardavam o Domingo e não o Sábado».

4º É ao domingo que acontece o Pentecostes (Act 2, 1ss), que impulsionou Simão Pedro a fazer a sua primeira longa pregação após ter recebido o Espírito Santo, ao verificar os frutos na comunidade: as primeiras conversões.

5º É ao domingo que vemos o apóstolo Paulo reunido no primeiro dia da semana a pregar para uma assembleia eucarística (Act 20, 6-7). E uma das comunidades eclesiais do apóstolo recolhia as colectas de caridade precisamente no primeiro dia da semana, isto é, ao domingo em favor dos irmãos de Jerusalém (1Cor 16, 2ss). Esta reunião não se entende a não ser como uma reunião semanal, isto é, um encontro dominical dos cristãos, onde estes fazem memória do Senhor Ressuscitado.

¹⁴⁵ Cf. J. NEVES, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia* 129-130.

¹⁴⁶ Cf. C. MANZANARES, *As Seitas perante a Bíblia* 124-125. Todos estes cinco pontos dizem respeito à presente obra.

Conforme o que temos vindo a afirmar, se o argumento que levou os cristãos a optarem pelo dia do Domingo advém fundamentalmente da Ressurreição do Senhor Jesus, vamos apresentar duas razões fundamentais por que se celebra o dia da Ressurreição:

1ª Cristo, com a sua Morte e Ressurreição, inaugurou uma nova aliança, pois Ele havia proclamado na última ceia diante dos seus discípulos: «Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós’» (Lc 22, 20). Paulatinamente os discípulos se apercebem de que nesta nova aliança, a lei de Moisés não pode estar no mesmo nível e nestes termos as leis mosaicas adquirem um novo sentido¹⁴⁷.

2ª Os primeiros cristãos viram no mistério pascal de Cristo a inauguração de uma Nova Criação, pois Ele «coroara a sua obra com a sua Morte e Ressurreição, precisamente em dia de Domingo; este será daí em diante, ‘o dia do Senhor’. Isto significa dizer que a fé dos cristãos tem como centro Cristo Ressuscitado e Glorificado; e neste sentido faz mais sentido a celebração do ‘Dia do Senhor’ (Domingo) «como o Novo dia da Criação»¹⁴⁸.

Se quisermos ver a relação que os apóstolos estabeleciam com o sábado, a figura de Paulo é paradigma neste âmbito. Ele tinha por princípio pregar aos judeus nas sinagogas em dia de sábado; mas verificando que eles não aceitavam os seus ensinamentos voltou-se para os gentios. E nestes meios, ele não dava claramente importância aos costumes judaicos, concretamente à circuncisão em dia de sábado; como também à reunião dos primeiros crentes que acontecia já não no dia de sábado,

¹⁴⁷ Cf. P. PAULO DIERCKX et P. MIGUEL JORDÁ, *Saiba Defender a sua Fé* (Braga: AO 1997⁵) 28.

¹⁴⁸ Cf. P. PAULO DIERCKX et P. MIGUEL JORDÁ, *Saiba Defender a sua Fé* 28.

mas recomendou-lhes a recolha de esmolas, para o primeiro dia de semana (1 Cor 16, 1-2)¹⁴⁹.

Para o apóstolo Paulo a única lei válida é pregar Cristo Crucificado que se entrega pela humanidade no dom do amor. A lei dada por Moisés já não era importante para os cristãos. E o apóstolo efectivamente discorda totalmente daqueles que pensam o contrário. Pois havia quem pensasse o contrário: «Alguns que tinham descido da Judeia ensinavam aos irmãos: ‘Se não vos circuncidardes, de harmonia com o uso herdado de Moisés, não podereis ser salvos’» (Act 15, 1). Uma vez que este debate persistia fortemente e era motivo de discórdia, a assembleia de Jerusalém foi convocada para se pronunciar. E depois de um longo debate decidiu-se por escrito não importunar e impor aos pagãos convertidos nenhuma prática judaica, a não ser aquelas que os apóstolos, os anciãos e toda a Igreja achassem necessário: «O Espírito Santo e nós próprios resolvemos não vos impor outras obrigações além destas, que são indispensáveis: abster-vos de carnes imoladas a ídolos, do sangue, de carnes sufocadas e da imoralidade. Procedereis bem, abstendo-vos destas coisas. Adeus» (Act 15, 28-29). Este é o princípio que irá guiar a Igreja, permitindo assim aos pagãos aderirem à porta da fé, sem os obrigar a observar a lei judaica. E é por este princípio, se se pode dizer assim, que então o apóstolo escreve: «Por isso, não vos deixeis condenar por ninguém, no que toca à comida e à bebida, ou a respeito de uma festa, de uma Lua-nova ou de um sábado» (2, 16). Interessante é que a Igreja primitiva encontrou uma liberdade muito grande para decidir e orientar as comunidades cristãs a respeito da fé, da moral e dos costumes. A assembleia de Jerusalém agiu em conformidade com o Espírito Santo. Podemos pois fazer uma observação, fazendo uma pergunta aos adventistas: por que

¹⁴⁹ Cf. P. PAULO DIERCKX et P. MIGUEL JORDÁ, *Saiba Defender a sua Fé* 29.

será que a assembleia de Jerusalém não falou do sábado, quando apresentou algumas normas que considerava úteis para a comunidade recém convertida? (cf. Act 15). É que realmente tudo nos leva a crer que se passou a dar uma atenção peculiar ao dia do Ressuscitado, e não ao sábado judaico¹⁵⁰.

É por estas e outras razões que a Igreja deu uma atenção especial ao domingo, e não o inventou como afirmam os adventistas. E assim sendo, o domingo torna-se um dia por excelência dos cristãos, porque, como vem sendo dito, é nesse dia que se anunciou a pedra angular da fé cristã: Ressuscitou, o Senhor Jesus. E, neste sentido, os cristãos não podiam ficar indiferentes perante a Ressurreição de *Kyrios* no domingo e o que isso traz de implicação na sua dimensão envolvente.

Finalmente, em resposta à acusação dos adventistas de que o imperador Constantino criou o domingo, respondemos o seguinte: o imperador não podia ter criado o domingo, sendo que o domingo associado ao culto eucarístico foi inaugurado com a comunidade apostólica, pois é o dia de culto para os primeiros cristãos. Na verdade, o imperador Constantino apenas reconheceu essa prática depois de um longo período de tempo que já o precedia, decretando o domingo como dia do descanso para todo o império. E o domingo chegou a ser também o dia de descaso da Igreja, ainda que não fosse incisiva em comparação ao decreto constantiniano dominical. Na Igreja actual está-se a dar maior atenção ao descanso dominical do que propriamente ao culto, claramente o contrário das comunidades primitivas em relação a nós, em que a primazia dominical estava acima de tudo para o culto e secundariamente também para o descanso¹⁵¹.

¹⁵⁰ Cf. P. PAULO DIERCKX et P. MIGUEL JORDÁ, *Saiba Defender a sua Fé* 28.

¹⁵¹ Cf. W. RORDORF, *El Domingo. Historia del día de descanso y de culto en los primos siglos de la Iglesia cristiana* (Madrid: Ediciones Marova 1971) 155.

CAPÍTULO QUARTO

A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD): OS DÍZIMOS E AS OFERTAS

Neste ponto do estudo vamos ocupar da análise da Igreja Universal do Reino de Deus. Num primeiro momento deste estudo faremos uma aproximação histórica antes de passarmos propriamente ao objecto central da nossa preocupação: a questão da teologia da prosperidade a partir da perspectiva do dízimo e das ofertas, de que a IURD tanto fala. Procuraremos chamar atenção para um certo exagero desta teologia.

Neste estudo sobressai constantemente o nome de Edir Bezerra Macedo, como fundador desta igreja e grande impulsionador pelo mundo fora.

4.1. Breve descrição histórica

Edir Macedo Bezerra nasceu a 18 de Fevereiro de 1945, e é o quarto filho da família, tendo nascido com deficiência na mão esquerda que o dificultou muito durante a infância, criando nele até um complexo de inferioridade¹⁵².

Contrariamente a outros movimentos, isto é, seitas cristãs, a IURD surgiu muito recentemente no Brasil com o grande líder, Edir Macedo Bezerra. Inicialmente, mostrou-se ser um indivíduo muito deprimido. Frequentou alguns lugares à procura do alívio em sítios como a Igreja Católica, o espiritismo, os terreiros de macumba, sem grandes resultados, pois segundo conta, queria resultados rápidos. Fez-se então membro

¹⁵² Cf. D. TAVOLARO et C. LEMOS, *O bispo: a história revelada de Edir Macedo* (São Paulo: Larousse do Brasil 2007¹) 57.

da Igreja Pentecostal Nova Vida, onde permaneceu até 1974. Deixa-a para pregar, por conta própria, a cura mediante a fé¹⁵³.

Abandona a Igreja Nova Vida, de que fazia parte com a mulher, por motivos de decepções e de falta de confiança nele, pois depois de doze anos como membro da igreja muito desejava se tornar pregador para levar a boa nova de Deus a todos, porém, a congregação não acreditava nele¹⁵⁴. Isso também coincidiu com o momento em que conheceu a sua família que acabara de nascer, desfigurada. A partir daí, toma a iniciativa de ajudar as pessoas sofridas como ele, após o choque de conhecer a filha, que nasceu deficiente, e segundo ele parecia um monstro.

Contamos esta história porque está na origem de uma certa forma da criação da IURD, uma vez que, pouco mais de um ano depois, nascia a IURD¹⁵⁵. É o pastor que conta esta história na primeira pessoa, referindo-se ao carácter frágil da sua filha:

Foi uma fase muito difícil da nossa vida, mas que resultou na salvação de milhões de almas em todo o planeta. A Igreja Universal foi criada naquele janeiro de 1975... O nascimento da Viviane gerou o meu grito de independência. Se ela não tivesse nascido doente, a Igreja Universal não existiria. A minha revolta estaria adormecida de tal forma, talvez, que voltaria a tornar-me um simples frequentador da Nova Vida¹⁵⁶.

¹⁵³ Cf. F. AQUILINO, *Falsas Doutrinas: Seitas, Religiões* 91.

¹⁵⁴ Cf. D. TAVOLARO et C. LEMOS, *O bispo: a história revelada de Edir Macedo* 96.

¹⁵⁵ Cf. D. TAVOLARO et C. LEMOS, *O bispo: a história revelada de Edir Macedo* 97.

¹⁵⁶ E. MACEDO, *Nada a Perder: Momentos de Convicção que mudaram a minha Vida* (Lisboa: Planeta Manuscrito 2012)¹ livro 1) 175-176.

Um grupo de pastores começa a ser arregimentado por Edir Macedo, altura em que cria a igreja, A Cruzada do Caminho Eterno, instituição que também se chamaria Casa da Bênção, antes de mudar o nome definitivamente para IURD. O fundador reconhece que esse foi um tempo de vacas magras, significando falta de meios materiais para a evangelização¹⁵⁷. Contudo, será só em 1977 que será realizado o primeiro culto na Igreja da Bênção, para ser dois anos mais tarde consagrada como a igreja IURD. Assim, a data da consagração oficial do nascimento da Universal, é celebrado no dia 9 de Julho de 1977¹⁵⁸.

Todos os pastores co-fundadores se separaram posteriormente de Edir Macedo. O próprio Roberto Augusto que “sagrou” Edir bispo, regressou à Igreja da Nova Vida; o cunhado, Romildo Soares, separou-se para criar sua própria igreja, Igreja da Graça. Na origem da separação evoca-se o motivo da colaboração com Macedo se tornar difícil devido a prepotência do mesmo, e em virtude do espírito mercantilista que se evidencia cada vez mais em suas actividades¹⁵⁹.

Edir Macedo feito «bispo» adquiriu para si um vasto império. Como pregador do Evangelho e arauto de curas foi possuindo vários meios de comunicação: Tv Record, rádios; e grandes bens, no Brasil e no mundo. Aproveita dos meios de comunicação para fazer uma campanha agressiva de fé e dos intentos da IURD.

¹⁵⁷ Cf. D. TAVOLARO et C. LEMOS, *O bispo: a história revelada de Edir Macedo* 109.

¹⁵⁸ Cf. D. TAVOLARO et C. LEMOS, *O bispo: a história revelada de Edir Macedo* 112.

¹⁵⁹ Cf. F. AQUILINO, *Falsas Doutrinas: Seitas, Religiões* 91.

4.2. A 'importância' do demónio na IURD

O leitor ou o ouvinte da campanha proveniente da IURD, uma vez atento, perceberá logo que a sua insistência é demasiadamente centrada no homem, com forte ressonância no homem que carece de ser curado, libertado e abençoado por Deus para ser mais feliz. Deus como que é relegado para o segundo plano, pois os bens materiais parece que se sobrepõem ao próprio Deus.

A religião, para a IURD e outros movimentos do tipo, é como um sistema mágico de solução dos mais diversos problemas do indivíduo, uma espécie de «pronto-socorro»¹⁶⁰. Quando isto funciona assim, a IURD corre o risco de usar Deus para tudo: para se desculpar dos erros, para inverter a ordem do verdadeiro sentido da Palavra de Deus em seu benefício próprio e para enriquecer à custa de Deus nos dízimos, nas ofertas, na venda de objectos como sagrados e provenientes quase sempre de Israel, o que não corresponde à verdade.

Os seguidores da igreja IURD sustentam toda a sua doutrina num combate ao demónio e fazem da leitura bíblica quase um tratado de demonologia, de forma que todos os males do homem são encarnação do demónio nas pessoas, ou nos objectos que as pessoas usam¹⁶¹. Esta concepção doutrinária tem a sua prática depois na relação entre os adeptos e os seus pastores, com objectivo de conseguir fazer-lhes uma lavagem cerebral, permitindo assim uma envolvência daqueles, por etapas, até se tornarem membros firmes da seita. Um exemplo lúcido disto é o caso do jovem brasileiro, Mário Justino, que narra a história de sua vida como jovem peregrino e pastor da IURD, em busca do encontro com Deus, mas o que encontra são: a mentira, uma vida dupla, a

¹⁶⁰ Cf. F. AQUILINO, *Falsas Doutrinas: Seitas, Religiões* 92.

¹⁶¹ Cf. F. JANEIRO, *Em Tempo de Evangelização* 271.

prática da homossexualidade entre os pastores, a inflexibilidade do bispo Edir Macedo, a vida sexual entre os pastores e os fiéis, o dinheiro fácil obtido nos cultos, o desejo dos pastores na progressão da carreira, a grande desproporcionalidade de uma vida digna entre uns e outros pastores, e também, a sinceridade de alguns pastores e fiéis na sua fé¹⁶².

Mário conta o seu primeiro contacto com a IURD, durante o culto. Andava à procura do sentido para a sua vida e para a sua família. E narra a sua experiência alegre, de que fazemos questão de apresentar uma narração longa, que fala por si:

O encontro com a religião fazia-me sorrir e chorar de uma só vez. E com a mesma intensidade. Conheci, naquele momento, o fenómeno da conversão. Alguém me abraçou. E eu chorava mais e mais. Nesse momento o pastor colocou a mão na minha cabeça e, enquanto as pessoas cantavam alto e batiam palmas, falou, quase sussurrando em meu ouvido, que meu nome era Exu Caveira e que eu tinha câncer. Depois me fez ir ajoelhado até a frente da tela que ocultava os *posters* da atriz Aldine Muller. Uma vez na frente, fui sabatinado pelo homem de Deus: qual é o teu nome, safado? Vociferou no meu ouvido. Um silêncio profundo invadiu o cinema. Todos esperavam uma resposta. Eu não sabia se o pastor perguntava meu nome verdadeiro ou aquele que ele havia sussurrado no meu ouvido. Mário – respondi. Mentiroso! Berrou o pastor. Fala teu verdadeiro nome, satanás! O silêncio voltou a predominar na sala: Exu Caveira? – respondi, como a perguntar se era esse o nome que deveria falar. Tá amarrado, capeta! Em nome de Jesus! – Gritou o pastor, enquanto pisava na minha cabeça, forçando-a para o chão. Tá

¹⁶² Cf. M. JUSTINO, *Nos Bastidores do Reino. A vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus* (Lisboa: Edição «Livro do Brasil» Lisboa 1995).

amarrado! Queima! Queima!-responderam, em coro, as excitadas velhinhas, ao testemunhar a autoridade de seu pastor sobre mim, o espírito imundo. Ao final do culto, o jovem me deu um Novo Testamento e me falou que deus me amava. Depois de conversarmos por alguns minutos, despedi-me, prometendo voltar. Prometi e cumpri. No dia seguinte, fui um dos primeiros a chegar. Ao contrário da noite anterior, o cinema estava cheio naquela manhã. Durante um culto acompanhado com música e distribuição de rosas brancas, fizeram um convite para os que quisessem ser membros da Igreja. Não pensei duas vezes. Afinal, pela primeira vez na vida experimentava paz. Estava no meio de pessoas que, apesar de não me conhecerem, me aceitavam como um membro de sua própria família. Eu queria ser um deles. Queria pertencer àquele grupo que era tão puro, tão unido, tão desligado das coisas deste mundo e tão cheio de amor. Algumas coisas eu não entendia ainda, como a questão das altas ofertas e os dízimos, por exemplo, mas não me importava com isso. Dinheiro não era importante. Ensinaram-me que “o dinheiro é a raiz de todos os males”¹⁶³.

Mário mais à frente na sua obra mostra que o que parece ser não é, e que afinal o dinheiro é o motor na IURD, pois os pastores fazem tudo para conseguir obtê-lo; além da falta de caridade e da competição entre os pastores. A sua saída violenta daquela instituição foi levada por um conjunto de injustiças que ele narra.

Na IURD, todas as doenças físicas e psíquicas são consideradas fruto do diabo, e estas doenças conectadas com possessões demoníacas são: «o nervosismo, dores de cabeça constantes, insónias, medo, desmaios ou ataques, desejo do suicídio, doenças

¹⁶³ M. JUSTINO, *Nos Bastidores do Reino* 19-20.

cujas causas os médicos não descobrem, visões de vultos ou audições de vozes e depressão»¹⁶⁴.

É nesta ordem de perspectiva que os pastores promovem uma campanha insistentemente forte para combater os demónios, a fim de os fiéis obterem uma vida digna e abençoada:

Venham à oferta da rosa abençoada, do lenço ungido, à água do Jordão, ao azeite do amor, à água benta, ao cálice do vinho consagrado, à pomba dourada, que afugenta os demónios; à pedra das minas de Salomão que concede prosperidade; ao óleo santo de Israel, tirado das oliveiras do Monte das Oliveiras, etc., etc¹⁶⁵.

Mário Justino afirma que, na maioria das vezes, os supostos produtos que a IURD promove como vindos de Israel são uma pura invenção dos pastores, para ludibriar a vida emotiva dos adeptos e os levar às credices¹⁶⁶.

4.3. A questão dos dízimos e as ofertas

Edir Macedo, pastor da IURD, afirma que Deus foi o primeiro a oferecer algo ao homem, quando lhe ofereceu as vestes para cobrir a nudez dos primeiros pais. E esta oferta culmina, isto é, atinge o seu alto grau, na entrega que Deus faz de seu filho ao mundo, dando a vida pela humanidade. E conclui o mesmo pastor, afirmando que, quem vê o dízimo e a oferta do ponto de vista mercadológico, tem efectivamente a dificuldade de perceber a encarnação de Cristo¹⁶⁷. Esta última afirmação não corresponde de todo à

¹⁶⁴ F. JANEIRO, *Em Tempo de Evangelização* 274.

¹⁶⁵ F. JANEIRO *Em Tempo de Evangelização* 272.

¹⁶⁶ Cf. M. JUSTINO, *Nos Bastidores do Reino*.

¹⁶⁷ Cf. E. MACEDO, *O Perfeito Sacrifício: o significado espiritual do dízimo e das ofertas* (Rio de Janeiro: Unipro Editora 2007¹) 11-12.

verdade, porém, pode resultar da consequência daquela atitude. E a própria Sagrada Escritura não nos permite fazer tal analogia.

Neste estudo, primeiro que tudo vamos tentar olhar para a própria Sagrada Escritura para tentarmos perceber o que ela nos diz sobre os dízimos e as ofertas. Sendo que estas não constituem grandes equívocos, faremos uma leitura na diagonal.

O AT fala-nos abundantemente sobre dízimo e as ofertas. Porém, já em NT, encontramos algumas passagens bíblicas (um ou outro texto dos evangelhos) e alguns capítulos que o apóstolo Paulo dedica às ofertas que se destinavam para a caridade das igrejas, não nos parâmetros da lei veterotestamentária.

O termo aparece-nos pela primeira vez na Bíblia em Gn 14, 20b: «Abrão deu-lhe a décima parte de tudo o que tinha sido recuperado». Aqui a décima parte (tradução da edição interconfessional da Bíblia) é a mesma coisa que o dízimo. E este não aparece como aliança, como tentam alegar a IURD. A aliança que Deus estabelece com Abrão acima de tudo é a aliança pela circuncisão: «E Abraão deu àquele seu filho, que Sara tinha dado à luz, o nome de Isaac. Aos oito dias de vida, Abraão fez-lhe a circuncisão conforme a ordem recebida do Senhor» (Gn 21, 3-4).

Ainda sobre o dízimo, encontramos a mesma expressão em Jacob, quando o vemos a fugir da ira do seu irmão Esaú, depois de lhe ter roubado o direito da progenitura. E faz uma promessa a Deus: «Se Deus estiver comigo, se me proteger durante esta viagem, se me der pão para comer e roupa para vestir, e se eu regressar em paz à casa do meu pai, o Senhor será o meu Deus. E esta pedra, que eu erigi à maneira de monumento, será para mim casa de Deus, e pagarei o dízimo de tudo quanto Ele me conceder» (Gn 28, 20b-22). Não encontramos aqui nenhuma lei a não ser uma iniciativa dos patriarcas Abrão e Jacob, levando-nos a crer que já fazia parte da cultura dos povos

dar uma parte dos bens ao seu deus. Foi sem dúvida com Moisés que aparece elucidativamente a lei do dízimo. Pois, na verdade, quando Abraão deu o dízimo a Deus, deu-o livremente e não imposto pela lei, visto que o dízimo como lei viria a ser contemplado explicitamente na lei mosaica.

O texto de Gn 28, 22: «E esta pedra, que eu erigi à maneira de monumento, será para mim casa de Deus, e pagarei o dízimo de tudo quanto Ele me conceder» atribui a Jacob a instituição dos dízimos para um santuário do Senhor em Betel. Na sua origem tem a ver com a oferta que se dá à divindade como reconhecimento pela colheita favorável. Quando Deus convida o povo a levar o dízimo ao templo de Jerusalém é uma forma de convertê-lo em um banquete familiar festivo, na presença do seu Senhor: «Celebrando em Jerusalém supõe uma peregrinação: pode-se conjecturar que se aproveitava a festa das tendas/cabanas»¹⁶⁸.

Estudando um pouco a fundo, veremos que o procedimento do dízimo não é uma coisa clara e rectilínea, mas que é preciso manter a visão da interlinearidade dos textos entre si, procurando o máximo de unidade e coerência possível que vem naturalmente.

Apresentemos pois alguns textos bíblicos mais incisivos sobre a lei do dízimo, que foi dada por Deus a Moisés, na sua variedade e novidade. E vamos apresentar antes disso algumas *novidades do dízimo*, termos criados no âmbito desta dissertação, como uma forma de melhor os especificar uma vez que são importantes, a saber: 1º *novidade do povo comer o dízimo*; 2º *novidade partilhada*; 3º *novidade do caminho*; 4º *novidade de herança*; 5º *novidade de subida a Jerusalém* e 6º *novidade do direito do rei*.

Uma vez tendo já presentes essas novidades concernentes à compreensão do dízimo, é hora de apresentarmos alguns textos. Um deles é o de Deuterónimo 14, 22-

¹⁶⁸ Cf. L. A SCHOKEL, *Biblia del Peregrino: Antiguo Testamento Prosa* (Navarra: Editorial Verbo Divino, Tomo I 1998²) 367.

23, onde encontramos uma clara explicitação da mesma lei: «Tirarás o dízimo de todo o fruto da sementeira que o teu campo produzir anualmente. Comê-lo-ás na presença do Senhor, teu Deus, no santuário que Ele tiver escolhido para morada do seu nome¹⁶⁹; comerás ali o dízimo do teu trigo, do teu vinho, do teu azeite e os primogénitos do teu gado graúdo e miúdo, para te acostumares a honrar continuamente o Senhor, teu Deus». Neste texto está *a novidade do povo comer o dízimo*, na presença do Senhor, no santuário que o próprio Senhor escolher para ser honrado o seu nome.

No próximo texto de Deuterónimo 14, 28-29 que iremos ver, continuaremos com a mesma linha de *novidade*, já uma *novidade partilhada*, ou seja, o povo partilha o seu dízimo com os levitas, que não possuem outros meios de sustentação sendo a classe mais pobre e vulnerável de Israel, para que eles também entrem nesta festa pondo-se na presença do Senhor: «Ao fim de três anos, tirarás o dízimo completo da colheita desse ano e depositá-lo-ás na tua cidade, para que o levita, que não tem parte nem herança contigo, o estrangeiro, o órfão e a viúva, que estão dentro dos muros da tua cidade, possam comer e ficar saciados. Assim, o Senhor, teu Deus, abençoará todas as obras das tuas mãos». Esta lei de facto impõe um ciclo trienal de dízimos que se distribuem localmente permitindo o acesso a eles, sem grandes burocracias centralizadas. E esta lei do dízimo trienal não está claro se substitui ou anula o dízimo anual¹⁷⁰.

O texto seguinte de Deuterónimo 14, 26, que vem na continuidade do anterior, traz a *novidade do caminho*, isto é, quando o caminho é distante para os dizimistas do lugar escolhido por Deus, a lei impõem-lhes vender os dízimos a fim de facilitar o

¹⁶⁹ Esta norma confirma uma norma que vem de trás Dt 12, 17: «Não poderás comer dentro das portas das cidades o dízimo do teu trigo, nem do teu vinho, nem do teu azeite, nem os primogénitos do teu gado graúdo ou miúdo, nem as ofertas que tiveres prometido, por voto ou espontaneamente, nem as tuas primícias».

¹⁷⁰ Cf. L. A. SCHOKEL, *Biblia del Peregrino* 367.

caminho, e levar o dinheiro consigo e aí comprar o que lhes apetecer: «Comprarás com esse dinheiro tudo o que te agradar, gado graúdo ou miúdo, vinho ou licores fortes, enfim, tudo o que te aprouver e comê-lo-ás na presença do Senhor, teu Deus, alegrando-te com a tua família»¹⁷¹.

Um outro texto importante é o dos Números 18, 25- 29: «O Senhor disse a Moisés: “Falarás aos levitas e lhes dirás: “Quando receberdes dos filhos de Israel o dízimo que deles vos dei como vossa herança, oferecereis de vós um tributo ao Senhor, o dízimo do dízimo. E esse será considerado por vós o vosso tributo como trigo da eira e colheita do lagar. Assim, também vós oferecereis tributo ao Senhor de todos os vossos dízimos que recebeis dos filhos de Israel e entregareis o tributo do Senhor ao sacerdote Aarão. De todos os vossos dons oferecereis tributo ao Senhor; a melhor parte é que será consagrada».

Perante esta perícope longa, estamos diante de uma *novidade de herança*. Ou seja, os levitas, porque não têm outra herança, a não ser o Senhor, que lhes dá o dízimo dos israelitas, oferecem pelas mãos do sacerdote um tributo a Deus a partir desse dízimo, que é chamado o dízimo do dízimo, significando também que os levitas dão um dízimo especial a seu Senhor.

E face a um outro texto teremos a *novidade de subida a Jerusalém*, que é a obrigação de numa determinada altura do ano, os israelitas irem ao templo de Jerusalém para cumprir o preceito. É o texto de Tobias 1, 6: «Eu, porém, era o único que ia muitas vezes a Jerusalém, durante as festas, conforme está ordenado a Israel por preceito

¹⁷¹ Cf. A.VAN DEN BORN, “Dízimo” in *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* (Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada 1971) 407. Esta nota tem que ver com a citação bíblica.

eterno. Eu ia a Jerusalém levando as primícias, os dízimos das colheitas e as primeiras lãs das ovelhas».

E finalmente a *novidade do direito do rei*. Este direito surge num contexto em que o povo pede a Samuel um rei. E o profeta, embora partilhando também da tristeza do seu Senhor, comunica ao povo as palavras de Deus apresentando o direito que o rei terá sobre eles. Um dos direitos reservados ao rei é a cobrança dos dízimos: «Cobraré ainda o dízimo das vossas searas e das vossas vinhas, para o dar aos seus cortesãos e ministros. Tomará também os vossos servos, as vossas servas, os melhores entre os vossos mancebos e os vossos jumentos, para os colocar ao seu serviço. Cobraré igualmente o dízimo dos vossos rebanhos. E vós próprios sereis seus servos» (1Sm 8, 15-17)¹⁷².

Que dizer destes textos do AT? São eles que abarcam toda a temática no AT? Eles são apenas um exemplo da imensidão de textos sobre o assunto e acabam, pois, por espelhar a complexidade da questão, realçando cada vez mais a humildade quando nos detemos na questão do dízimo.

A partir do que já foi dito podemos apresentar em forma de resumo cinco aspectos inerentes à prática do dízimo: 1º o dízimo deve ser calculado a partir dos frutos do campo: das sementes, cereal, vinho, azeite, vacas e ovelhas; 2º o dizimista deve comer o seu dízimo no lugar indicado por Deus; 3º o dizimista quando não puder transportar os seus dízimos, por o caminho ser longo, deve vendê-los e com o dinheiro apurado comprar outras coisas para comer, beber e se alegrar na presença do Senhor; 4º o dizimista deve dar o seu dízimo quando for abençoado por Deus (Jacob prometeu que ia dar o dízimo se for abençoado); 5º o dizimista faz caridade quando dá o dízimo.

¹⁷² Cf. A. VAN DEN BORN, “Dízimo”, in *DEB* 407. Esta nota tem que ver com a citação bíblica.

Esta é a teologia do dízimo do AT, como podemos ver sem nenhuma referência ao dinheiro.

4.4. A Prática actual na Igreja e deturpação da IURD

Dando um salto ao NT, não encontramos textos peremptórios e determinados como no AT, o que é muito compreensível, pela *novidade da pessoa de Cristo*, onde só o amor e a misericórdia é lei; e torna-se obrigatório. Se repararmos, as referências aos dízimos nos evangelhos surgem num contexto negativo, de Jesus a criticar a hipocrisia dos fariseus que cumpriam o dízimo até aos insignificantes produtos: dízimo da hortelã, do funcho e do cominho; da arruda e de todas as plantas; enfim o dízimo de tudo quanto possuíam, em detrimento da justiça, da misericórdia e do amor a Deus, ao ponto de não reconhecerem Jesus como Messias - (cf. Mt 23, 23; Lc 11, 42; Lc 18, 12-14). Jesus não desobriga os fariseus de darem o dízimo: «Mas ai de vós, fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as plantas e descurais a justiça e o amor de Deus! Estas eram as coisas que devíeis praticar, sem omitir aquelas» (Lc 11, 42)¹⁷³.

A IURD afirma que naquelas passagens dos evangelhos, já acima referidas, Jesus não elimina o dízimo. Isso é verdade, porque Jesus enquanto viveu na terra era judeu e era favorável aos preceitos judaicos, porém dando-lhes um pleno cumprimento, isto é, tudo deveria ser visto a partir d'Ele, apoiado na lei do amor: «Dou-vos um mandamento novo, que vos ameis uns aos outros como eu vos amei». Nunca encontramos Jesus, o apóstolo Paulo e os textos do NT a falarem do dízimo como no AT, sinal de que deixou de ter o seu sentido com a abolição da Lei na Morte e Ressurreição de Cristo, porque o dízimo como tal pertenceu ao povo de Israel num tempo histórico-limitado, - a sacerdotes levitas e ao templo. Ou seja, os cristãos não estão obrigados a dar o dízimo

¹⁷³ Cf. A. VAN DEN BORN, “Dízimo”, in *DEB* 407. Esta nota tem que ver com a citação bíblica.

sobre os parâmetros judaicos (sinónimo de alimentos). Os cristãos (católicos) podem dar sua oferta às Igrejas como forma de ajudar os irmãos mais pobres, voluntariamente, e para a necessidade da Igreja (cf. 2 Cor 8-9). O apóstolo afirma evidentemente que as ofertas são para a necessidade da Igreja, e não para a evangelização. Porém a IURD ensina o contrário, isto é, que as ofertas e os dízimos estão para a obra de Deus, isto é, para a evangelização:

O sangue está para o corpo humano na mesma proporção que o dinheiro está para a Obra de Deus. Se a igreja tem suas necessidades financeiras é porque Deus tem permitido, a fim de que seus líderes façam por onde ensinar o povo a dar as ofertas e dízimos, para também receber. Disse Jesus: “dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também”. (Lucas 6, 38). Para se obter esta boa medida, a oferta também deve ser boa¹⁷⁴.

O fim primário das ofertas não é para expandir o evangelho, mas para suprir as necessidades dos irmãos; daí a caridade entre as comunidades cristãs, como acontecia na comunidade primitiva em que se distribuía a cada um conforme a necessidade que tivesse (cf. Act 4, 32-35). Alegar o contrário leva a que se faça uma publicidade de *marketing* da teologia da prosperidade e da retribuição como insiste aquela igreja da IURD.

No acto das ofertas está sempre presente o princípio da consciência, isto é, cada um dar conforme o que puder e quiser dar: «Que cada um dê conforme julgar bem na sua consciência. E não chorem aquilo que dão, nem dêem de má vontade. Pois quem dá com alegria agrada a Deus» (2 Cor 9, 7).

A partir deste parágrafo vamos ver a posição da IURD.

¹⁷⁴ E. MACEDO, *Nos passos de Jesus* (Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal 20031) 70-71.

A primeira observação que convém dizer é que os textos do AT falam abundantemente sobre o dízimo e as ofertas.

Porém, o texto que os pastores da IURD e os evangélicos geralmente mais gostam de citar é de Malaquias 3, 6-12; o que nos leva a perguntar: que tem de especial esse texto? Nada melhor do que olhar para ele tal como cita aquela igreja: «Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida. Por vossa causa, repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra...» (Ml 3, 10-11)¹⁷⁵.

Na verdade, a verdadeira tradução nada tem a ver com o devorador, mas simplesmente com os gafanhotos: «Em vosso favor afugentarei os gafanhotos para que eles não destruam os frutos da terra, e a vinha não seja estéril nos campos - diz o Senhor do universo (Ml 3, 11). Alterar gafanhotos em devorador é uma coisa grave, por levar conscientemente a que os leitores da Sagrada Escritura, os ouvintes da rádio, e a assembleia da IURD pensem logo no devorador Satanás (inclusive eu já pensei)¹⁷⁶.

Esta alteração do texto é consciente, como iremos ver, a partir de um discurso pelo pastor dessa igreja sobre o dízimo, a 8 de Fevereiro de 1997, no programa radiofónico «Viva a Vida», que o professor Carreira das Neves apresenta:

Com a oferta do dízimo, Deus cumpre as suas promessas de dar felicidade aos seus filhos. Deus é grande, quer a saúde e a felicidade dos seus filhos, e estes só não têm saúde, felicidade, sucesso nos negócios, no amor, no emprego e na família se não entregarem o dízimo, porque não entregar o dízimo é a mesma coisa que não reverenciar o domínio de

¹⁷⁵ Cf. E. MACEDO, *Estudos bíblicos* (Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal 2003²) 94. Citação literal do texto bíblico conforme vem no livro.

¹⁷⁶ Cf. J. NEVES, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia* 178.

Deus sobre nós. É o grande pecado da nossa vida. Deus é rico e os homens vivem na pobreza e na doença, só porque não entregam a Deus o que a Deus lhe pertence... *o espírito devorador* (o itálico é nosso) impede que as pessoas não sejam felizes, não paguem o dízimo, para gastarem o dinheiro com as farmácias e os médicos. E se o espírito devorador é preso – ele que é a causa de todas as doenças desaparecem com o desaparecimento do espírito devorador, inimigo da felicidade das pessoas. Por isso, amanhã, Domingo, é o dia consagrado aos dizimistas. É a festa das primícias e dos dízimos¹⁷⁷.

Claramente vemos neste longo texto que aquela igreja despreza a pobreza. Todos têm de ser ricos. Têm de pôr Deus à prova com os dízimos. E parece que os que dão o dízimo não adoecem, ou se tal acontecer a cura vem automaticamente. Ora, pela experiência sabemos que isto não corresponde à verdade da natureza humana. Lembremos um conjunto de palavras soltas do NT que enaltecem a pobreza: o senhor Jesus que era rico fez-se pobre; é difícil um rico entrar no reino dos céus; o pobre Lázaro; pobres sempre os terei; bem-aventurado os pobres porque deles é o Reino dos Céus, etc, etc.

O dízimo deve ser visto a partir de um contexto religioso peculiar de um Deus e seu povo eleito, separado de todos os outros povos. Por isso, de três em três anos, existe um dízimo pertencente aos pobres e levitas de Israel, sabendo que estes na distribuição de terras pelas doze tribos ficaram sem qualquer porção, inequivocamente para se porem ao serviço litúrgico de todas as tribos. Esta lei diz respeito a um povo muito limitado, o povo judeu. O que está na base da lei é a preocupação de Deus a que os pobres não passassem fome. Não cumprir esta lei é sinal de falta de amor aos irmãos

¹⁷⁷ Cf. J. NEVES, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia* 178-179.

pobres, e automaticamente fere-se o coração de Deus. Este é o princípio hermenêutico de Malaquias 3, 6-12. E isto em nada corresponde com a prática do dízimo na IURD. O que vemos é uma publicidade económica do dízimo e a manipulação da fé dos crentes, não tendo nada a ver com o sentido bíblico do dízimo. É preciso ter em conta, pois, que o dízimo bíblico tal como nos é proposto no AT perdeu o seu sentido restrito no NT, pelas razões citadas e evocadas agora: era o povo judeu que tinha obrigação de o apresentar; o dízimo destinava-se aos levitas e os pobres, e os próprios dizimistas comiam o dízimo. Agora, perguntamos se a IURD segue estas normas? Se come o dízimo? Obviamente que não. Roubar a Deus é enganar os fiéis a dar o dízimo em dinheiro e fazer a lavagem cerebral dos fiéis como a IURD o tem feito.

Dando um salto do AT ao NT, e entrando na prática eclesial católica, podemos ver que o princípio da Igreja Católica vai ao encontro da teologia da carta aos Hebreus 7, em que Cristo é apresentado como o Novo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, isto é, o Sumo Sacerdote Eterno, que supera o sacerdócio levítico do qual o povo de Israel recebeu a lei. Vamo-nos deter especialmente no verso 12: «Porque quando há uma mudança no sacerdócio tem de haver também uma mudança de lei». E este Sacerdócio de Cristo, por ser perfeito, revoga a lei antiga, como atesta o apóstolo: «Portanto, a regra antiga fica sem efeito, por se ter mostrado incapaz e inútil. De facto, a Lei de Moisés não podia tornar nada perfeito. Veio-nos, porém, uma esperança melhor, que nos dá acesso à presença de Deus» (Heb 7, 18-19). É nesta direcção que a Igreja entende que não deve impor uma lei já ultrapassada, ainda que na história da Igreja houvesse a prática do dízimo, mas sempre deixado ao critério dos fiéis para darem o que bem entender. E aqui estamos a falar de ofertas, e não no dízimo no seu verdadeiro sentido.

No Catecismo de São Pio X encontramos no quinto Mandamento da Igreja: *Pagar dízimos, segundo o costume*. Aqui podemos interpretar esta norma não à letra, ou seja, não dar o dízimo como sinónimo de alimentos (dízimos dos judeus no tempo de levitas), mas dos bens múltiplos da pessoa, conforme o costume das Igrejas. Mas, se se pretende interpretar esta lei restritamente no sentido judaico, não tem sua razão de ser, como acreditamos que seja o caso. A Igreja actualmente apresenta o quinto preceito desta forma: «Contribuir para as despesas do culto e para a sustentação do clero segundo os legítimos usos e costumes e as determinações da Igreja»¹⁷⁸. Para explicar em que consiste o preceito, o Catecismo cita o cân. 222 §1 do *Codex Iuris Canonici* 1983: «Os fiéis têm a obrigação de prover às necessidades da Igreja, de forma que ela possa dispor do necessário para o culto divino, para as obras de apostolado e de caridade, e para a honesta sustentação dos seus ministros». E no parágrafo 2º do mesmo cânone encontramos deveres não só do fiel mas também derivados das obrigações naturais de todo o homem: «Têm ainda a obrigação de promover a justiça social e, lembrados do preceito do Senhor, de auxiliar os pobres com os seus próprios recursos». Estas normas pós-conciliares querem dizer que as ofertas dadas pelos fiéis são conforme as suas possibilidades, como atesta o Compêndio do Catecismo da Igreja ao falar também do quinto preceito: «Contribuir para as necessidades materiais da Igreja, segundo as possibilidades»¹⁷⁹. Dos documentos pós-conciliares citados, o compêndio é o único que aborda explicitamente a contribuição segundo as possibilidades, isto é, conforme as posses de cada um.

¹⁷⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (Coimbra: Gráfica de Coimbra 1993) § 2043, 439.

¹⁷⁹ COMPÊNDIO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2005), in Apêndice: Os cinco preceitos da Igreja, 256.

A orientação da Igreja neste sentido é bíblica. Ou seja, em vez de sobrecarregar os fiéis com os dízimos, procura alertar os fiéis para a obrigação de colaborar na vida da Igreja conforme as suas possibilidades. É precisamente o que o apóstolo Paulo afirma: «Procurem agora fazer o melhor possível, cada um conforme as suas posses. E que a boa vontade em o realizar corresponda à prontidão que mostram em fazer os planos» (2 Cor 8, 11).

A colecta que o apóstolo mandava fazer era para ajudar os mais pobres da comunidade, mas nunca fazê-lo em perspectivas de dízimos (cf. 2 Cor 8-9; 1 Cor 16, 1; Rm 6, 1; 15, 26-28; Gl 2, 10; Act 24, 17)¹⁸⁰.

Partindo daquela análise veterotestamentária do dízimo, podemos afirmar que a IURD ao querer exigir o cumprimento do dízimo como manda o AT não está a cumprir, mesmo dando a décima parte dos bens em dinheiro, que seria propriamente uma ‘oferta dizimal’ (criamos este termo para diferenciar do verdadeiro sentido do dízimo; aqui também nos parece que este termo se deve aplicar em algumas comunidades católicas que têm a prática do dízimo), por duas razões. A primeira razão é que a Sagrada Escritura diz-nos irrefutavelmente que o dízimo era próprio do povo judeu. A segunda razão é que o dízimo que o povo dava eram os alimentos e os animais. Assim sendo, os fiéis da IURD deveriam estar dispensados do ‘dízimo marcial’, isto é, do dízimo proposto por Edir Macedo, o qual pretende apenas enriquecer o seu império¹⁸¹.

Em suma, a doutrina da IURD sobre o dízimo e as ofertas como causa da bênção de Deus tem uma lógica bíblica que era do tempo dos patriarcas, mas que termina nos tempos de Ezequiel e precisamente com o livro de Job. Este perdeu os seus bens e os

¹⁸⁰ Cf. J. NEVES, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia* 180.

¹⁸¹ Lembro-me num programa de rádio em Cabo Verde em que estavam alguns pastores e um padre católico num debate religioso, e quando um ouvinte acusava o pastor da IURD que uma amiga sua perdeu uma casa para IURD; a resposta do pastor foi esta: «É porque não deu com fé».

seus filhos e ainda foi atingido com a lepra por Satan, para provar a sua fidelidade a Deus. Os seus amigos defendiam que o mal que sucedia a Job devia-se aos seus pecados e à falta de fidelidade a Deus. Todo o discurso de Job pretende afirmar a sua inocência. Os teólogos da IURD ainda não saíram desta fase, ou seja, para eles a pobreza, as doenças, e a miséria têm uma única explicação: a infidelidade do homem a Deus. Neste sentido, dão imensa importância à teologia da retribuição, estando sempre a manipular a Sagrada Escritura conforme os seus fins¹⁸².

¹⁸² Cf. J. NEVES, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia* 181.

CAPÍTULO QUINTO

RESPOSTA PASTORAL DA IGREJA: O caso da Igreja em Santiago de Cabo Verde

Depois de analisarmos os pontos teológicos dos temas concernentes às respectivas seitas, segue-se agora o momento de vermos algumas linhas directrizes da Igreja face à proliferação das seitas. Pretendemos também neste capítulo falar da presença de alguns grupos religiosos em Cabo Verde e tentar perceber qual é a reacção da Igreja de Santiago de Cabo Verde face ao surgimento de algumas seitas.

5.1. Breve panorâmica actual religiosa nas Dioceses de Cabo Verde

Primeiro que tudo convém dizer que a força do catolicismo está dividida com outros grupos cristãos e não cristãos, nomeadamente os muçulmanos que vão aumentando dia a dia devido ao fluxo imigratório de indivíduos vindos dos países da costa ocidental africana¹⁸³. E mesmo dentro da própria Igreja há pessoas a abraçar o islamismo.

Devido à escassez de estudos não conseguimos precisar o número das seitas e Novos Movimentos Religiosos (NMR) nas dioceses, mas conseguimos apresentar os movimentos de maior destaque nas nove ilhas¹⁸⁴: Santo Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Santiago, Fogo e Brava. Estas ilhas estão agrupadas em duas

¹⁸³ Cf. K M. MONTEIRO, *O que dizer dos adventistas em Cabo Verde* (S. Vicente: 2012¹) 26.

¹⁸⁴ O arquipélago de Cabo Verde é constituído por 10 ilhas, sendo que a Santa Luzia é desabitada.

dioceses: a de Santiago de Cabo Verde fundada em 1533¹⁸⁵, sufragânea da Madeira, e a do Mindelo desmembrada de Santiago em 2003¹⁸⁶.

Baseado num estudo realizado pelo INE (Instituto Nacional de Estatísticas de Cabo Verde) do Censo 2010, sobre a pertença religiosa dos cabo-verdianos, vamos apresentar alguns movimentos de maior destaque, a saber: 1º Sem Religião apresentando um número de 36272; 2º Racionalismo Cristão 6263, não estando na ilha Brava; 3º Islâmica 6008; 4º Igreja do Nazareno 5644; 5º Adventistas 5147; 6º Testemunhas de Jeová 3498, 7º IURD 1379 ainda atrás da Assembleia de Deus e da Nova Apostólica, e à frente de Deus é amor, este último que também não está na ilha da Brava¹⁸⁷. Há outros movimentos que obviamente não estão nesta lista: como os Mórmons, a Fé Bahá'í e outros. Não apresentamos o número dos católicos, porque não pretendemos compará-los com aqueles movimentos.

Podemos nos perguntar: que significam estes dados? É o próprio Instituto que vai interpretá-los, nestes termos: «Observamos que há uma maioria católica de (77,3%), com presença de adeptos de outras denominações cristãs (6,5%), muçulmanos (1,8%) e um número significativo de pessoas que se dizem sem religião (10,8%)»¹⁸⁸.

Segue-se o momento de apresentarmos brevemente alguns dados históricos e estatísticos dos três movimentos religiosos sectários que vimos falando: os Adventistas do Sétimo Dia, as Testemunhas de Jeová e a IURD.

¹⁸⁵ As ilhas pertencentes à Diocese de Santiago com sede na capital, Praia, são: Santiago, Maio, Fogo e Brava.

¹⁸⁶ As ilhas pertencentes à Diocese do Mindelo, cidade de S. Vicente, são: Santo Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Sal e Boa Vista.

¹⁸⁷ Cf. K M. MONTEIRO, *O que dizer dos adventistas em Cabo Verde* 27.

¹⁸⁸ Instituto Nacional de Estatísticas, Cabo Verde, *in* www.ine.cv.

Os Adventistas do Sétimo Dia implantaram-se por volta de 1941, a partir da Ilha da Brava e encontram-se actualmente em todas as ilhas, pois as seitas, na sua maioria, entraram em Cabo Verde a partir dos meados do século XX. Os adventistas participam de um modo mais activo na sociedade do que as testemunhas. São muito presos às leis judaicas, dentre elas: o *shabat* e a dieta alimentar, sendo que esta última dificulta muito a convivência familiar. É de realçar que, em relação aos adventistas, contrariamente às testemunhas, há uma convivência razoavelmente pacífica com os familiares dentro do mesmo lar. Se aproximadamente em 1998 tinham cerca de 2 mil crentes em todo o país¹⁸⁹; actualmente estão aos milhares, e estão por todas as ilhas.

A IURD instalou-se muito recentemente em Cabo Verde, embora não insista muito no sentido de pertença como os outros. Muitas das vezes isto aparece na sua pregação na rádio ou na televisão: «não importa de que religião você é, não importa se você é católico. Venha provar Deus como Abraão O provou...».

Já as Testemunhas de Jeová chegaram a Cabo Verde desde 1958 e estão em todas as ilhas e concelhos do país. «Até Setembro do ano em curso, havia 906 crentes em Cabo Verde»¹⁹⁰ (o autor referia-se à década de 90), e actualmente estão aos milhares em todas as ilhas.

¹⁸⁹ Cf. ARQUIVO HISTÓRICO NACIONAL (CABO VERDE), *Descobertas das Ilhas de Cabo Verde* (AHN Praia – Sépia Paris 1998) in Tomé Varela Silva, *Crenças Religiosas* 167.

¹⁹⁰ Cf. ARQUIVO HISTÓRICO NACIONAL (CABO VERDE) 170.

5.2. O Sentir eclesial face aos desafios das seitas

Observamos que com a proliferação das seitas há sabores para todos os gostos, em que cada um escolhe um movimento religioso que lhe convém.

Quando um membro adere a uma seita não há um grande espaço de liberdade para sair, porque é pressionado psicologicamente e acusado de condenação eterna a si e aos seus familiares. Algumas das seitas, como por exemplo, a IURD, apostam fortemente nos meios da comunicação nomeadamente a rádio e a televisão para fazer expandir a sua mensagem, atraindo assim fortemente os adeptos. Algumas pessoas testemunham que no fundo o que se procura é a solução dos problemas, principalmente as doenças. Esta procura é motivada pela não resposta da Igreja e da medicina, como alegam as pessoas. E elas estão dispostas a «comprar» o milagre com o dinheiro se for necessário. E aí vão surgindo as explorações, até que a pessoa passe a ser dependente do movimento, que cria um conjunto de etapas a ser cumpridas pela pessoa até à suposta cura. E na maioria das vezes é aqui que se fala da indispensabilidade dos dízimos e das ofertas.

Os movimentos sectários provocam vários estragos nos tecidos eclesiais, sociais e familiares. Para muitos pensadores, teólogos e comum dos fiéis, o modelo paroquial, tal como se configura nos dias hodiernos não consegue responder às necessidades mais urgentes dos cristãos. Urge neste sentido a necessidade de se intensificar nas comunidades paroquiais a dinâmica dos pequenos grupos, onde se atenua o anonimato. É necessário que as nossas comunidades sejam autenticamente casa de oração para todos; casa de esperança para os cristãos; casa de acolhimento para todos. E que todos se sintam em casa. Para isso é indispensável o papel e a visão do pastor, que congrega e

reúne o rebanho. Uma das grandes destruições que trazem as seitas é a destruição familiar. Daí que «incentivar a pastoral familiar pode ser um princípio de resposta»¹⁹¹.

A Igreja tem procurado sempre compreender o fenómeno de seitas e tem-se preocupado com o referido fenómeno. Pensamos que esta preocupação se traduziu fortemente quando o Secretariado para a unidade dos Cristãos, em nome dos Secretariados para os Não Cristãos e para os Não Crentes e do Conselho Pontifício para a Cultura, ter enviado em 1984 um questionário às conferências episcopais e aos organismos similares, em resposta a uma preocupação dos mesmos. A partir das respostas das conferências, a Santa Sé deu algumas orientações através do documento: *O fenómeno das Seitas ou Novos Movimentos Religiosos: um desafio pastoral*¹⁹². É um documento interessante, partindo da questão da terminologia, das descrições teóricas, dos problemas levantados pelas seitas e a abordagem pastoral da Igreja.

A Santa Sé afirma através daquele documento que o problema pastoral mais de imediato a dar resposta é muitas vezes a difícil situação que os pastores se encontram para lidar com um membro de uma família católica que ingressou numa seita. Esta abordagem depende em parte das capacidades do pastor que requer competência e experiência psicológicas. Também se afirma, que o grupo facilmente pescado pelas seitas são os jovens, principalmente aqueles que não estão inseridos nas actividades paroquiais; sem quaisquer laços, sem trabalho; sem algumas condições financeiras e os que vivem longe da influência da Igreja¹⁹³.

¹⁹¹ Cf. J. SEVIVAS, *As seitas, um desafio à pastoral. Depoimentos, in Communio Revista Internacional Católica*, Ano VIII (1991) 4, 380-382.

¹⁹² Cf. RELATÓRIO DA SANTA SÉ, *O fenómeno das Seitas ou Novos Movimentos Religiosos: um desafio pastoral, in Communio Revista Internacional Católica*, Ano VIII (1991) 4, 309-323.

¹⁹³ Cf. RELATÓRIO DA SANTA SÉ, *O fenómeno das Seitas ou Novos Movimentos Religiosos: um desafio pastoral* 4, 310.

Actualmente debate-se muito no sacramento do matrimónio a propósito das situações irregulares: os divorciados recasados e as situações irregulares na vida do casal. Estes fenómenos são apontados pela Santa Sé como uma das possibilidades a uma ruptura com a Igreja e à conseqüente inserção num novo grupo sectário ou não. De igual forma também se pode falar da difícil relação com o clero¹⁹⁴.

A proliferação e a actuação das seitas não são propriamente uma ameaça à Igreja, mas um desafio pastoral. E mesmo custando, o princípio da Igreja quando dialoga com estes grupos deve agir pelo respeito a cada pessoa, segundo os princípios do diálogo religioso estipulados pelos documentos conciliares e pós conciliares¹⁹⁵. Falando das razões da expansão destes movimentos e grupos, são apresentados alguns princípios oferecidos pelas seitas:

Calor humano, atenção e apoio nas pequenas comunidades bem unidas; partilha de um fim e de fraternidade; atenção aos indivíduos; protecção e segurança, sobretudo nas situações de crise; reintegração da sociedade dos indivíduos marginalizados (por exemplo, os divorciados, os alcoólicos, os drogados, os excluídos, os desempregados, os desesperados, etc); um grupo que pensa frequentemente em vez do indivíduo... oferecem a Bíblia e uma educação bíblica¹⁹⁶.

Esta oferta soa bem num tempo em que as pessoas querem fazer uma experiência diferente, não se diluindo no anonimato, mas sentindo a necessidade de ser

¹⁹⁴ Cf. RELATÓRIO DA SANTA SÉ, *O fenómeno das Seitas ou Novos Movimentos Religiosos: um desafio pastoral* 4, 311.

¹⁹⁵ Cf. RELATÓRIO DA SANTA SÉ, *O fenómeno das Seitas ou Novos Movimentos Religiosos: um desafio pastoral* 4, 312.

¹⁹⁶ RELATÓRIO DA SANTA SÉ, *O fenómeno das Seitas ou Novos Movimentos Religiosos: um desafio pastoral* 4, 313. 316.

especial, de encontrar a sua identidade num grupo coeso, seja de que forma for «e não só um número ou membro sem rosto na multidão»¹⁹⁷.

Os métodos que as seitas usam são de atrair os adeptos, impondo muitas vezes a sua própria ética de estar, de pensar, de sentir e de falar, enquanto a abordagem da Igreja implica sempre a liberdade e responsabilidade da Igreja¹⁹⁸. Esta ética da seita, a que chamaríamos de uma «ética sectária» é descrita por William J. Schnell:

O nome de Jesus não tinha qualquer significado ou utilidade na realização dos seus projectos. Assim, e para sua conveniência, adoptou o nome de «Testemunhas de Jehová»...Obcecados pelas interpretações erróneas da Bíblia, deturpam-Na para combater e contrariar em tudo a doutrina cristã. Profundamente enganados, afastam-se da Luz de Cristo e da Verdade, deixando-se embalar e envolver nos erros e confusões da Organização jeovista que me acorrentou e escravizou durante 30 anos!¹⁹⁹.

Segundo Atilano Alaiz está muito claro que os crentes católicos se integram nas seitas devido a falta de calor, de entusiasmo e de um forte sentido de pertença às comunidades e grupos cristãos; sem que alguém lhes dê a verdadeira esperança da fé cristã de uma forma inteligente e persuasiva, ao ponto de lhe dizer como o Papa Paulo VI dizia: «Aqui tens a tua casa. Temos aquilo que buscais, aquilo que vos faz falta». Isto porém não deve ficar só por palavras mas procurando concretizar na prática,

¹⁹⁷ Cf. RELATÓRIO DA SANTA SÉ, *O fenómeno das Seitas ou Novos Movimentos Religiosos: um desafio pastoral* 4, 315.

¹⁹⁸ Cf. RELATÓRIO DA SANTA SÉ, *O fenómeno das Seitas ou Novos Movimentos Religiosos: um desafio pastoral* 4, 317.

¹⁹⁹ Cf. W. J. SCHNELL, *Confissão de uma Testemunha de Jehová Convertida ao Cristianismo: Trinta Anos Escravizado à Torre de Vigia* (Fátima: 2010³) 34.

«proporcionando-lhes comunidades vivas e fraternas», ao ponto de cada um se sentir único e especial diante de Deus e na relação com os irmãos. Sem dúvida, isto constitui um grande desafio que as seitas levantam à Igreja²⁰⁰.

Neste sentido, é importante que os cristãos católicos conheçam a Palavra de Deus, pois ela é o centro na vida da Igreja, tudo dela dimana e tudo para ela se orienta. É nesta linha que o Papa Bento XVI recomenda que se desenvolva uma pastoral bíblica inteira, a fim dos grupos e movimentos da comunidade cristã procurarem fazer um encontro pessoal com Cristo, «que se comunica a nós na sua Palavra. Dado que ‘a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo’»²⁰¹. É de suma importância citarmos uma parte do texto da exortação do Papa sobre a animação da pastoral bíblica:

Por isso, exorto os pastores e os fiéis a terem em conta a importância desta animação: será também o melhor modo de enfrentar alguns problemas pastorais referidos durante a assembleia sinodal, ligados por exemplo à *proliferação de seitas*, que difundem uma leitura deformada e instrumentalizada da Sagrada Escritura. Quando não se formam os fiéis num conhecimento da Bíblia conforme à fé da Igreja, no sulco da sua Tradição viva, deixa-se efectivamente um vazio pastoral, onde realidades como as seitas podem encontrar fácil terreno para lançar raízes²⁰².

Este desafio que o Papa lança, de alguma forma está a ser implementado nas Igrejas, mas ainda precisa de ser mais potencializado.

²⁰⁰ Cf. A. ALAIZ, *A Sedução das Seitas* (Braga: AO 1998) 196.

²⁰¹ Cf. BENTO XVI, *A Palavra do Senhor. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini* (Prior Velho: Paulinas 2010) §73, 111.

²⁰² BENTO XVI, *A Palavra do Senhor*. § 73, 111-112.

Um outro desafio que as seitas levam à Igreja é que elas procuram dar razões de esperança às pessoas. E nisto a Igreja deve procurar não ser apenas um sinal de esperança para as pessoas, mas deve mais do que isto: dar razões da sua esperança e ajudá-las a encontrar respostas para a sua inquietação e desejo²⁰³.

O problema das seitas que uma Igreja particular enfrenta é um problema que afecta toda a Igreja, pois as seitas espalharam-se e espalham-se por todos os continentes e realidades humanas. Não obstante a esta verdade, e sem nos desculpabilizarmos do propósito já anunciado, isto é, de que os problemas sectários de uma Igreja particular afectam a Igreja universal, ainda nos propomos estudar brevemente algumas respostas pastorais da Igreja de Santiago de Cabo Verde.

5.3. Pastoral da Igreja de Santiago face aos desafios das seitas

Neste momento na diocese quem está especialmente preparado no confronto com as seitas são as Irmãs Apóstolas da Palavra²⁰⁴, com especial carisma e preparação para esse tipo de apostolado, auxiliando os fiéis a prevenirem-se das seitas, suscitando neles um desejo de contacto assíduo com a Sagrada Escritura, e a saberem dar razões da esperança da sua própria fé, àqueles que os pedem. As Apóstolas partilham também

²⁰³ Cf. TEXTOS DA IGREJA CATÓLICA 1986/94 (Organização de R. Macías Alatorre, R. Hoerckman, Teresa Osório Gonçalves, M.-P. Gallagher) *Seitas e Novos Movimentos Religiosos* (Lisboa: Rei dos Livros 1995) 112.

²⁰⁴ São um movimento eclesial ‘Apóstolos da Palavra’, fundado pelo padre Flaviano Amatulli Valente, em 2 de Julho de 1978, com aprovação de Bispo do México (São André Tuxtla Veracruz), Dom Guillermo González. O objectivo principal do movimento consiste em «estimular nos jovens o desejo de se dedicarem durante um ano de vida à evangelização, como serviço à Igreja». Há um forte apostolado da Palavra de Deus, fazendo um uso abundante da Bíblia no seu apostolado. A sua ajuda tem sido fundamentalmente às Igrejas locais na erradicação das seitas e um maior contacto com os textos bíblicos. (Cf. PE. FLAVIANO VALENTE, *A Igreja Católica e as Seitas, Perguntas e Respostas* (Apóstolos da Palavra, Gráfica Torriana, S.A. Niterói 1998) 113-114.

com os fiéis os pontos distorcidos de cada uma das seitas - a sua metodologia para ludibriar os incautos. Da mesma forma também o sector de Legião de Maria procura seguir este percurso, já não tanto de modo organizado, insistente e estruturalmente como o fazem as apóstolas. Além destes instrumentos, a criação de três Escolas de Formação Cristã na Diocese vai procurar não só apresentar a fé vivida, rezada e celebrada da Igreja, como também incidir na problemática das seitas, o que permitirá aos católicos um maior conhecimento dos perigos das seitas e os desafios que levantam à Igreja deste tempo, desafiando-a a desinstalar-se e a dar mais atenção a cada um, na sua actividade pastoral, devendo fazer mais e melhor para poder ir ao encontro da pessoa toda, levando-a a ser feliz com Cristo na sua Igreja, e fazer uma caminhada com ela. Os grupos sectários mais activos na diocese são os Adventistas, os Mórmons e as Testemunhas de Jeová, que estão à procura de reafirmar constantemente o seu espaço no seio cabo-verdiano.

É importante haver um bom acolhimento na Igreja para proporcionar mais um sentido de pertença aos baptizados, pois uma parte não reconhece esta pertença, que se deve em parte às estruturas eclesiais pouco acolhedoras²⁰⁵.

Numa resposta informal relativamente a algumas das perguntas sobre o desafio das seitas, o bispo da Diocese de Santiago, D. Arlindo Gomes Furtado, põe a tónica no acolhimento pastoral da Igreja em relação aos fiéis demonstrando um gesto crístico na relação com os seus filhos: «É fundamental a questão de acolhimento na comunidade e de credibilidade de uma vida serena, confiante, alegre e dedicada, tendo como base a fé em Jesus Cristo». A importância do acolhimento pelas estruturas eclesiais é abordada também de uma forma convincente na exortação apostólica do Papa Francisco, ou seja,

²⁰⁵ Cf. FRANCISCO, *A Alegria do Evangelho. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, Sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Actual* (Prior Velho: Paulinas 2013) § 63, 49-50.

com isto queremos dizer que a Igreja se preocupou e se preocupa sempre com a integração de todos no seu seio.

O Papa diz realmente que «a fé católica de muitos povos encontra-se hoje perante o desafio da proliferação de novos movimentos religiosos» os quais surgiram como resposta aos anseios do homem, e vêm preenchendo «dentro do individualismo reinante, um vazio deixado pelo racionalismo secularista»²⁰⁶. É importante haver um bom acolhimento na Igreja para proporcionar mais sentido de pertença aos batizados, pois uma parte não reconhece esta pertença, que se deve:

À existência de estruturas com clima pouco acolhedor em algumas das nossas paróquias e comunidades, ou à atitude burocrática com que se dá resposta aos problemas, simples ou complexos, da vida dos nossos povos. Em muitas partes, predomina o aspecto administrativo sobre o pastoral, bem como uma sacramentalização sem outras formas de evangelização²⁰⁷.

²⁰⁶ Cf. FRANCISCO, *A Alegria do Evangelho*. § 63, 49-50.

²⁰⁷ FRANCISCO, *A Alegria do Evangelho*. § 63, 50.

CONCLUSÃO

Quando escolhemos estudar e apresentar cada um dos três movimentos religiosos e os seus respectivos temas, não pretendemos esgotar o debate, mas apenas apresentar uma amostra de variadíssimos temas importantes que neles estão presentes.

Mais do que definir rigorosamente se as Testemunhas de Jeová, os Adventistas do Sétimo Dia e a Igreja Universal do Reino de Deus são seitas, cultos e NMR, é necessário conhecê-los e conhecer os seus métodos no relacionamento com as pessoas; métodos esses não cristãos e não bíblicos, porque não incidem na dimensão teológica da pessoa, mas substancialmente nos fins da sobrevivência do grupo. Neste sentido, podemos afirmar efectivamente que este princípio ético não cristão é um ponto para afirmarmos que estamos perante uma seita: pela doutrina cristã deformada/negada; clara negação da Tradição da Igreja, em detrimento de incorporação de doutrinas dos seus fundadores: Charles Taze Russel, William Miller, Ellen Gould White e Edir Macedo; e a deturpação da Palavra de Deus para servir as ideologias do grupo. O conceito de seitas aqui é sinónimo de falsa profecia e/ ou heresia. Há muita gente nestes movimentos que têm boa vontade e que na verdade quer apenas pregar o Reino de Deus pelo mundo, e outros que querem apenas atingir os seus fins económicos pessoais e de reconhecimento pessoal, como é o caso dos líderes das Testemunhas de Jeová e da IURD. Das testemunhas, temos um forte testemunho de William J. Schnell, ex-testemunha de Jeová com alto cargo, convertido ao Cristianismo, chegando a trabalhar proximamente com o segundo presidente da Sociedade, o juiz Rutherford. A ideia da obra é que há um programa das testemunhas para implementar a teocracia de Jeová Deus em todo o mundo, e minar sobretudo o papel da Igreja Católica. Para isso servem-se de todos os

meios tecnológicos na atracção dos adeptos, ficando presos apenas às publicações da Sociedade descurando do contacto directo com a Sagrada Escritura²⁰⁸.

A teologia das Testemunhas de Jeová sobre o cumprimento do Reino de Deus, não tem nada a ver com o texto bíblico nem com a verdade da Tradição cristã. Para os cristãos, Cristo foi, é e será sempre Rei. Para reinar não teve de esperar por nenhum ano de 1914, e nenhum dos fiéis ressuscitou nesse ano, porque a esperança da ressurreição dos apóstolos está ligada ao último dia da vinda gloriosa de Cristo sobre os ares ou sobre as nuvens, em que todo o olho O contempla dos Céus.

Quando pedimos para que o «Reino venha» na oração do Pai-Nosso, não se trata pois de dizer que o reino ainda não veio, mas pedimos que se realize plenamente, na segunda vinda escatológica de Cristo. O Reino já aconteceu nas «palavras, nas obras e na presença de Cristo». Nas palavras: quem ouve a palavra de Deus com fé e entra a fazer parte do pequeno rebanho de Cristo, recebeu o Reino de Deus; e a semente germina então por vigor próprio, e cresce até o tempo da ceifa (cf. Mc 4, 26-29). Nas obras de Jesus: os seus milagres são sinais visíveis que demonstram o acontecimento do reino na terra: «Se eu expulso os demónios pela mão de Deus, então o Reino de Deus chegou até vós» (Lc 11, 20; cf. Mt 12, 28). Na presença de Cristo: o Reino de Deus manifesta-se excelentemente na pessoa de Cristo, Filho de Deus e Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por todos (Mc 10, 45)²⁰⁹.

Os cristãos são chamados a esperar a vinda final do Reino de Deus pelo regresso de Cristo: «...aguardando a bem-aventurada esperança e a gloriosa manifestação do

²⁰⁸ Cf. W J. SCHNELL, *Confissão de uma Testemunha de Jehovah Convertida ao Cristianismo* 39.

²⁰⁹ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios* (Braga: AO 1992¹¹) in *Lumen Gentium* § 5, 60-61.

nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo» (Tito 2, 13). É isto que a Igreja professa e anuncia: «Professo um só Baptismo para remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos, e a vida do mundo que há-de vir. Amen».

Em relação aos Adventistas do Sétimo Dia, a Igreja não se revê de todo no seu criticismo anticatólico. Eles quando acusam a Igreja por substituir o sábado por domingo, argumentam o motivo do preconceito da Igreja em relação aos judeus. Quando querem elogiar-se a si mesmos evocam os padres da Igreja, porém, quando querem acusar a Igreja não se revêem na posição dos padres, mas até citam autores, dicionários e enciclopédias profanas exclusivamente para distorcer a imagem da Igreja. Ora, isto não é fazer teologia. Nisto, as testemunhas são mais especialistas do que os adventistas e a IURD²¹⁰. É este fanatismo bíblico e o desejo de fazer proselitismo a todo o custo que marca estes movimentos e os qualifica como seitas, principalmente por não estarem na linha da sucessão apostólica, mas na linha dos seus fundadores. É por este motivo que só aceitam a Bíblia (e com razão), porque aceitando a Tradição, estariam a aceitar a Igreja Católica que tem dois mil anos de Tradição Apostólica. Os adventistas não percebem que a Igreja celebra o domingo em honra a Cristo ressuscitado, na linha da Tradição Apostólica. E isto é um facto bíblico.

A posição dos Adventistas do Sétimo Dia está dependente do AT, mas não do NT. Tal perceber-se-ia no judaísmo, mas não no cristianismo.

O domingo é o dia da festa do Ressuscitado, e que não deveria passar à margem da família cristã. Os pais que têm a obrigação de educar os filhos na fé cristã, não poucas vezes prescindem deste papel devido a um certo relaxamento dos filhos ou

²¹⁰ Recordemos aqui de um exemplo típico disto. Um «simples» cristão católico cabo-verdiano que nem a Bíblia possuía, quando se mudou para o adventismo já possuía a Bíblia editada pelos adventistas, duas versões da Bíblia católica e uma Enciclopédia Católica Popular apenas na ânsia de se pôr ao confronto com os cristãos católicos e de os levar para o seu grupo.

porque eles próprios relativizam o sentido do tempo dominical para Deus, como dia da celebração da Eucaristia por excelência; como dia de estar com o próximo; como dia santo e de santificação; e não menos importante, também, como o dia de repouso, mas não do ociosismo e nem do culto ao corpo.

Em relação à IURD aprez-nos dizer que dentre os movimentos que estudámos, é o mais recente, sendo dos poucos movimentos em que o seu fundador, Edir Macedo, ainda vive. É ele que dinamiza, organiza juntamente com os seus colaboradores a vida e o ritmo da IURD em vários países do mundo. Há testemunhos de que os pastores são treinados para conseguir tirar os bens dos fiéis: dinheiro, bens móveis e imóveis... tudo que é útil para o crescimento do império daquele movimento. Aí entra a questão dos dízimos e das ofertas, que os pastores daquela seita tanto apreciam. Podem gastar volumes e volumes de obras escritas falando teologicamente dos dízimos e das ofertas e da consequência do devorador a quem não paga, gastando apenas dez páginas falando da pessoa de Cristo. É uma comparação exagerada, que quer mostrar o seu interesse descomedido no crescimento da instituição.

Os textos bíblicos do AT incitam os judeus a darem o dízimo a Deus com objectivo primeiro de suprir as necessidades dos levitas e dos mais pobres em Israel. Esta mensagem do dízimo perdeu o seu sentido original no NT, ficando a obrigatoriedade ou a exortação de os cristãos ajudarem conforme a sua capacidade na obra de caridade para os irmãos mais pobres. É esta a imagem que venceu na Igreja. Nas igrejas evangélicas há obrigatoriedade da prática do dízimo. Já na Igreja Católica, deixa-se ao critério dos fiéis, apelando contudo vivamente para contribuírem com os seus bens para as obras da caridade, manutenção das igrejas e da digna sustentação dos seus ministros.

Os pastores da IURD reivindicam o direito de viver do Evangelho como os ministros católicos. Mas o que acontece é uma campanha sobre os dízimos e as ofertas, principalmente para enriquecer, servindo-se do Evangelho apenas para atingir os próprios fins.

A solidariedade cristã deve ser motivada pela fé, isto é, amar os outros com amor de Deus. O evangelho de São Mateus 25, 31-36 é elucidativo neste sentido: os que fizerem obras de misericórdia aos mais pequeninos é a Cristo que O fazem, e por isto são chamados benditos do Pai, e deles é o Reino. A caridade cristã é uma das missões caras da Igreja. E ela procura fazê-lo no silêncio, não deixando «a mão esquerda saber o que faz a direita» (cf. Mt 6, 3), contrariamente o que fazem as seitas à procura de publicidades.

Finalmente, partindo da análise do último capítulo, vemos que há necessidade na Igreja Católica de se repensar num novo modelo de ser Igreja: não se ficar pela massa, mas ajudar a massa a ser único e especial aos olhos de Cristo e cada um se sentir a Igreja como sua casa, sua família e casa de comunhão fazendo a experiência de Cristo vivo, Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo.

Os dados estatísticos sobre a situação religiosa em Cabo Verde levam-nos a concluir, que a Igreja presente neste contexto precisa de fazer ainda uma forte aposta na evangelização, indo para as periferias, como tem insistido o Papa Francisco na sua pregação. Pois se afirmamos que, na sua grande maioria, os adeptos das seitas são captados na Igreja; das pessoas excluídas e marginalizadas ou até sem religião, isto significa que a Igreja tem muito que pensar e ou repensar na sua pastoral. É preciso ouvir o desafio do Papa Francisco: «Em vez de ser apenas uma Igreja que acolhe e recebe, tendo as portas abertas, procuramos mesmo ser uma Igreja que encontra novos caminhos, que é capaz de sair de si mesma e ir ao encontro de quem não a frequenta, de

quem abandonou ou lhe é indiferente. Quem a abandonou fê-lo, por vezes, por razões que, se forem bem compreendidas e avaliadas, podem levar a um regresso. Mas é necessário audácia, coragem»²¹¹. E conhecemos algumas pessoas em Cabo Verde que deixaram a Igreja devido a algumas incompreensões com o clero, com os próprios fiéis, e ou porque não encontraram razões de esperança da sua fé.

Finalmente, uma Igreja Mãe e Pastora, na relação com as seitas e NMR não pode ignorar os perigos que estes movimentos representam para as famílias e as sociedades, e como tal deve denunciá-los com firmeza. Por outro lado, a Igreja, sabendo que ela é Sacramento universal de salvação e assistida pelo Espírito de Cristo, não pode simplesmente ficar satisfeita condenando e combatendo as seitas, ao ponto de se esquecer que a sua primeira missão é a de evangelizar e criar condições a que os seus fiéis tenham uma base cristã sólida.

E concluímos citando o texto sobre o desafio das seitas: «o desafio deve, porém, desenvolver em nós e nas nossas comunidades o Espírito de Cristo no confronto com elas, tentando compreender o ponto de vista que se situam e, quando possível, aproximarmo-nos delas no amor de Cristo»²¹².

²¹¹ A. SPADARO et PAPA FRANCISCO, *Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora* (Lisboa: Paulus Editora 2013) 37.

²¹² Cf. TEXTOS DA IGREJA CATÓLICA 1986/94 (Organização de R. Macías Alatorre, R. Hoerckman, Teresa Osório Gonçalves, M.-P. Gallagher) *Seitas e Novos Movimentos Religiosos* (Lisboa: Rei dos Livros 1995) 116.

BIBLIOGRAFIA

1. Textos Inspiradores das Seitas:

1.1. A IGREJA ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA., *Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem... Uma Exposição Bíblica de 27 Doutrinas Fundamentais* (Publicadora Atlântico, S. A.).

---., *Manual de Igreja* (Sabugo: Publicadora Servir, S. A. 2008¹⁷).

1.2. AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ., *Conhecimento que Conduz à Vida Eterna* (São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados 1995).

---., *Raciocínios à base das Escrituras* (São Paulo: Sociedade da Torre de Vigia de Bíblias e Tratados 1985).

---., *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas* (São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados 1986).

1.3. A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD)

MACEDO, E., *Nos passos de Jesus* (Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal 2003¹).

---., *Estudos bíblicos* (Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal 2003²).

---., *O Perfeito Sacrifício: o significado espiritual do dízimo e das ofertas* (Rio de Janeiro: Unipro Editora 2007¹).

---., *Nada a Perder: Momentos de Convicção que mudaram a minha Vida* (Lisboa: Planeta Manuscrito 2012¹ livro 1).

TAVOLARO, D. et LEMOS, C., *O bispo: a história revelada de Edir Macedo* (São Paulo: Larousse do Brasil 2007¹).

2. Estudo geral sobre as Seitas

ALAIZ, A., *A Sedução das Seitas* (Braga: AO 1998).

AQUILINO, F., *Falsas Doutrinas: Seitas, Religiões* (Lorena: Editora Cléofas 2004).

BOSCH, J., *Para conhecer as Seitas. Panorâmica da nova religiosidade marginal* (Navarra: Editorial Verbo Divino Estella, Sd).

Card. ARINZE, F., *La sfida delle sette o nuovi movimenti religiosi: un approccio pastorale* (Relazione generale al Concistoro Straordinario del 1991), in <http://grisfirenze.altervista.org/Studi/studio08.html>.

CONGAR, Y., *Nota acerca de las palabras: Confesión, Iglesia y Comunión* (Barcelona: Estela 1967), in *Cristianos en diálogo*.

COSTA, A., *Resposta às Testemunhas de Jeová baseada na Bíblia* (Lisboa: Gabinete Comercial Gráfico 1993⁴).

CROCETTI, G., *As Testemunhas de Jeová, Confrontadas com a verdadeira Bíblia* (Lisboa: Edições Paulistas 1990).

DIERCKX, P. PAULO et JORDÁ, P. MIGUEL., *Saiba Defender a sua Fé* (Braga: AO1997⁵).

EUSEBIO DE CESAREA, *Historia Eclesiástica I* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos 1973).

GONÇALVES, T. O., *À espera de uma “nova era” (New Age): Os percursos alternativos da religiosidade* (Gráfica de Coimbra 2007).

JANEIRO, F., *Em Tempo de Evangelização. Religião e Religiões* (Lisboa: Inst. Miss. Filhas de São Paulo 2003).

JUSTINO DE ROMA., *I e II Apologias: Diálogo com Trifão* (São Paulo: Paulus 1995¹).

JUSTINO, M., *Nos Bastidores do Reino. A vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus* (Lisboa: Edição «Livro do Brasil» Lisboa 1995).

MANZANARES, C., *As Seitas perante a Bíblia* (Lisboa: Edições São Paulo 1994).

MAYER, J-F., *Les Sectes: Non-conformismes Chrétiens et Nouvelles Religions* (Paris: Cerf 1985).

MONTEIRO, K M., *O que dizer dos adventistas em Cabo Verde* (S. Vicente: 2012¹).

NEVES, J., *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia (Moons, Mormons, Testemunhas de Jeová, Adventistas, Igreja Universal do Reino de Deus, Pentecostelistas, Seitas Satâncias, New Age, O Código da Bíblia)* (Lisboa: Universidade Católica Editora 1998).

---., *Deus Existe? Uma viagem pelas religiões* (Lisboa: Editorial Presença 2012¹).

PINTO, J., *Ano 1914. Que dizem as Testemunhas de Jeová?* (Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração 1972).

RORDORF, W., *El Domingo. Historia del día de descanso y de culto en los primos siglos de la Iglesia cristiana* (Madrid: Ediciones Marova 1971).

SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA., *As Cartas: ‘Carta aos fiéis de Magnésia’* (Lisboa: Paulistas 1960).

SEVIVAS, J., *As seitas, um desafio à pastoral. Depoimentos, in Communio Revista Internacional Católica, Ano VIII (1991) 4.*

SILVA, J., *Testemunhas de Jeová dizem... A Bíblia diz...* (Fátima: 2005²).

SCHNELL, William J., *Confissão de uma Testemunha de Jeová Convertida ao Cristianismo: Trinta Anos Escravizado à Torre de Vigia* (Fátima: 2010³).

SCHOKEL, L. A., *Biblia del Peregrino: Antiguo Testamento Prosa* (Navarra: Editorial Verbo Divino, Tomo I 1998²).

SPADARO, A. et PAPA FRANCISCO., *Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora* (Lisboa: Paulus Editora 2013)

WOODROW, A., *As novas Seitas (Os Meninos de Deus, Moonistas, Devotos de Krishna, Testemunhas de Jeová, Igreja de Cientologia, etc.)* (Lisboa: Edições Paulistas 1979).

3. Obras de Cabo Verde

ARQUIVO HISTÓRICO NACIONAL (CABO VERDE)., *Descobertas das Ilhas de Cabo Verde* (AHN Praia – Sépia Paris 1998).

Instituto Nacional de Estatísticas, *in* www.ine.cv.

MONTEIRO, K. M., *O que dizer dos adventistas em Cabo Verde* (S. Vicente: 2012¹).

4. Obras do Magistério

BENTO XVI., *A Palavra do Senhor. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini* (Prior Velho: Paulinas 2010).

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (Coimbra: Gráfica de Coimbra 1993).

COMPÊNDIO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2005)

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II., *Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios* (Braga: AO 1992¹¹).

FRANCISCO., *A Alegria do Evangelho. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, Sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Actual* (Prior Velho: Paulinas 2013).

JOÃO PAULO II., *O Dia do Senhor. Carta Apostólica sobre a Santificação do Domingo* (Prior Velho: Paulinas 2004⁶).

RELATÓRIO DA SANTA SÉ, *O fenómeno das Seitas ou Novos Movimentos Religiosos: um desafio pastoral, in Communio Revista Internacional Católica, Ano VIII* (1991) 4.

TEXTOS DA IGREJA CATÓLICA 1986/94 (Organização de R. Macías Alatorre, R. Hoerckman, Teresa Osório Gonçalves, M.-P. Gallagher) *Seitas e Novos Movimentos Religiosos* (Lisboa: Rei dos Livros 1995).

5. Dicionários

ANGELO DI BERARDINO., *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs* (Petrópolis: Vozes 2002).

A.VAN DEN BORN., *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* (Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada 1971).

BAUER, J., *Dicionário de Teologia Bíblica* (São Paulo: Loyola, Volume I 1973).

MANZANARES, C., *Diccionario de Sectas y Ocultismo* (Navarra: Editorial Verbo Divino 1991).

SANTIDRIÁN, P-R., *Dicionário básico das religiões* (Editorial Verbo Divino, Sd).

ÍNDICE

Abreviaturas, Siglas e Temas	3
INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO PRIMEIRO	8
UMA APROXIMAÇÃO CONCEPTUAL	8
1.1. A problemática dos conceitos	8
1.1.1. Aproximação à realidade da seita	12
1.1.2. A questão da terminologia	14
1.1.3. Culto (Cult ou New cult)	15
1.1.4. Novos Movimentos Religiosos	15
a) Aqueles que recusam o papel da Igreja: “Cristo sim, Igreja não”	16
b) Aqueles que recusam o papel de Cristo: “Deus sim, Cristo não”	16
c) Aqueles que recusam o papel de Deus: “religião sim, Deus não”	17
d) Aqueles que recusam o papel da religião: “sagrado sim, religioso não”	17
1.1.5. Seitas destrutivas ou Movimentos totalitários	20
1.1.6. Outras classificações	20
1.2. Algumas considerações na perspectiva da Teologia	26
1.2.1. Yves Congar	26
1.2.2. Dietrich Bonhoeffer	28
1.2.3. Paul Tillich	30
CAPÍTULO SEGUNDO	34
AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ: O REINO DE DEUS	34
2.1. Breve descrição histórica	34
2.2. O reino de Deus e o ano de 1914	41
2.2.1. A presença de Cristo: Ele foi visto no Ano de 1914?	46
2.2.2. Crítica sobre as perspectivas e consequências do Reinado de Cristo a partir de 1914	49

CAPÍTULO TERCEIRO.....	56
OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA: O SÁBADO.....	56
3.1. Breve apresentação histórica	56
3.2. O sétimo dia segundo os adventistas.....	59
3.3. Porquê o sétimo dia na doutrina adventista	62
3.4. Sentido do domingo: sinais da Bíblia e da Tradição	63
3.5. Crítica à posição dos adventistas	70
CAPÍTULO QUARTO	75
A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD):OS DÍZIMOS E AS OFERTAS	75
4.1. Breve descrição histórica.....	75
4.2. A ‘importância’ do demónio na IURD.....	78
4.3. A questão dos dízimos e as ofertas	81
4.4. A Prática actual na Igreja e deturpação da IURD	87
CAPÍTULO QUINTO	95
RESPOSTA PASTORAL DA IGREJA:	
O caso da Igreja em Santiago de Cabo Verde.....	95
5.1. Breve panorâmica actual religiosa nas Dioceses de Cabo Verde	95
5.2. O Sentir eclesial face aos desafios das seitas.....	97
5.3. Pastoral da Igreja de Santiago face aos desafios das seitas	103
CONCLUSÃO.....	106
BIBLIOGRAFIA	112
1. Textos Inspiradores das Seitas:.....	112
1.1. A IGREJA ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA.....	112
1.2. AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	112
1.3. A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD).....	112
2. Estudo geral sobre as Seitas.....	113
3. Obras de Cabo Verde	114
4. Obras do Magistério:.....	115
5. Dicionários:	115